

Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 24 DE SETEMBRO DE 1972 — N.º 17 873 — ANO 52.º — PREÇO 1\$50



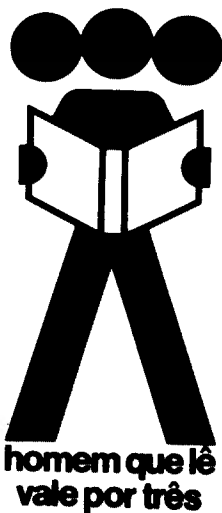
LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

PARA MAIS LEITORES MAIS BENEFÍCIOS

A nova iniciativa que temos vindo a anunciar destina-se como todos sabem, ao «Leitor do Diário de Lisboa» vem por isso, a propósito, lembrar o que é o «Leitor do Diário de Lisboa» e explicar o que deve fazer para adquirir esta qualidade, quem ainda a não tenha adquirido.

Antes de mais, convém lembrar que a ideia de habilitar periodicamente os leitores habituais deste jornal a prémios valiosíssimos data de 1970, ano em que o Diário de Lisboa sorteou entre os seus leitores inscritos como «Leitores do Diário de Lisboa» alguns dos prémios mais valiosos até hoje instituídos para iniciativas congêneres.

A esta iniciativa seguiu-se outra, um ano mais tarde, que despertou o mais vivo interesse em todo o país e para a qual também foram instituídos prémios valiosíssimos como, para



apenas mencionarmos os primeiros, três magníficos apartamentos inteiramente

mobilados e prontos a habitar.

Para se habilitarem a estes prémios, não tiveram os leitores deste jornal que resolver problemas ou fazer fosse o que fosse senão provar que eram seus leitores habituais. Bastou-lhes para tal preencher um cupão que publicamos regularmente e enviá-lo aos serviços administrativos do jornal. Uma vez recebidos e arquivados esses cupões, os seus remetentes passaram a ser considerados «Leitores do Diário de Lisboa», ficando assim habilitados a participar em todas as iniciativas do jornal.

Ao ser atribuído um prémio a qualquer destes leitores, este apenas tinha de provar que continuava a ser leitor habitual do jornal desde a sua inscrição mostran-

do-se na posse dos cabeçalhos do Diário de Lisboa referentes ao período da iniciativa em curso, embora lhe fosse concedida uma tolerância de seis cabeçalhos.

Nada mais era preciso para ser «Leitor do Diário de Lisboa», como nada mais é preciso agora para se adquirir essa qualidade embora a verificação das colecções de cabeçalhos seja, a partir de agora e como adiante veremos, feita por um processo diferente.

Deve acrescentar-se que os leitores inscritos pelo processo acima indicado ficaram automaticamente habilitados a participar nas iniciativas seguintes do jornal não tendo de voltar a inscrever-se a não ser no caso

Continua na pag. 2



Clara Rocha recusa o vedetismo

A jovem actriz Clara Rocha, que, além de ser fisicamente muito atraente, é culta e inteligente e profundamente interessada em tudo o que respeita à estética e à ética teatral, acaba de recusar um contrato que Vasco Morgado lhe propunha para representar a protagonista de uma comédia, segundo ela de duvidosa qualidade.

Não sendo entre nós muito comuns gestos desta natureza, travámos com Clara Rocha o diálogo que se transcreve na página 5 e em que ela se mostra por um lado muito consciente de realidades com o ofício e o dever de actor, por outro lado agressiva em relação ao teatro que, a seu ver, não vale a pena.

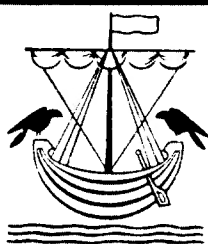
FRAGUITO ASSENTA PRAÇA

Uma nova «estrela» nasceu no firmamento leonino: seu nome é Fraguito e a sua figura pode muito bem representar a base do Sporting de amanhã. A sua história, como a história da sua transferência, já está contada e sabida de cor. O que importa, agora, não é reviver o passado mas olhar com confiança o futuro: porque Fraguito é jovem, tem categoria e é o personagem principal da «nova» equipa do Sporting. Reportagem em Desportos

HOJE: 32 PÁGINAS



LISBOA NO LIXO



As caixas
do lixo
ostentam
conselhos
que o
transeunte
tornou
inconciliáveis



Fazendo provas dos seus préstimos há cerca de dois anos, os receptáculos do lixo que a cidade de Lisboa utiliza adoptaram alguns casos nova apresentação. Assim, as caixas tornaram-se locais informativos de reconhecida utilidade. Apesar disso, os caixotes são ainda o alvo preferido do transeunte. Tem sido uma autêntica razia. Centenas de caixas não têm outra solução do que a sucata. Poemas, conselhos e informações tentam torná-las mais atraentes e menos mal tratadas. O caixote do lixo torna-se útil e pede paz. Reportagem na pag. 3

DL/DOMINICAL

DL/GERAL

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

MAIS BENEFÍCIOS PARA MAIS LEITORES!

Continuação da pág. 1

de terem mudado de residência depois de se terem inscrito.

Quem se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» no decorrer das iniciativas levadas a cabo em 1970 e em 1971, por outras palavras, não tem de voltar a inscrever-se desde que não tenha mudado de residência, para ficar habilitado aos magníficos prémios instituídos para a iniciativa a que se deu o nome de «HOMEM QUE LÊ VALE POR TRÊS».

Como acima dissemos, porém, há uma pe-

quena diferença entre esta iniciativa e as anteriores — esta diferença diz respeito à verificação das colecções de cabeçalhos e é o resultado dum esforço levado a cabo para beneficiar um número ainda maior de leitores deste jornal. Como é do conhecimento geral, os leitores de Portugal Insular e Ultramarino foram excluídos das iniciativas anteriores por um motivo de ordem técnica: de acordo com o regulamento os premiados eram visitados por um representante do jornal e por um representante da autoridade, á medida que se iam co-

nhecendo os resultados do sorteio, que procediam à verificação das suas colecções de cabeçalhos para se assegurarem de que as mesmas estavam nas condições regulamentares. Esta verificação não podia evidentemente, ser levada a cabo dentro do prazo regulamentar fora de Portugal Metropolitano, o que prejudicou muitos leitores e deu origem a uma situação que nunca satisfizes inteiramente os responsáveis por este jornal.

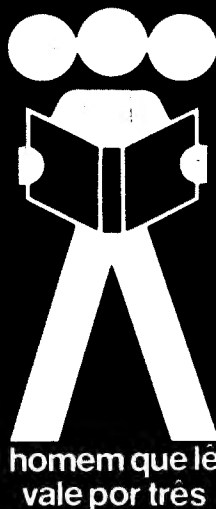
Para ampliar a dimensão das suas iniciativas e para que delas não ficassem excluídos os por-

tugueses residentes fora do território metropolitano, resolveu o Diário de Lisboa rever o regulamento tendo chegado á conclusão de que era possível evitar esta exclusão alterando as disposições referentes á verificação das colecções de cabeçalhos.

A partir de agora os «Leitores do Diário de Lisboa», residentes nas Ilhas Adjacentes ou no Ultramar, no caso de serem premiados, terão de enviar as suas colecções de cabeçalhos aos serviços administrativos do jornal estando previsto o prazo respectivamente de

15 dias (Ilhas Adjacentes) e 20 dias (Ultramar) para a recepção das mesmas. Este prazo é suficientemente amplo para que todos se possam habilitar aos mil prémios de livros que valem como já disse-

mos 1.800.000\$00. Tudo se fez como se vê, para beneficiar ainda mais os inúmeros leitores deste jornal que lamentaram a impossibilidade de participarem nas iniciativas por ele levadas a cabo e tudo leva a crer que «HOMEM QUE LÊ VALE POR TRÊS» vai constituir mais um êxito para o «Diário de Lisboa».

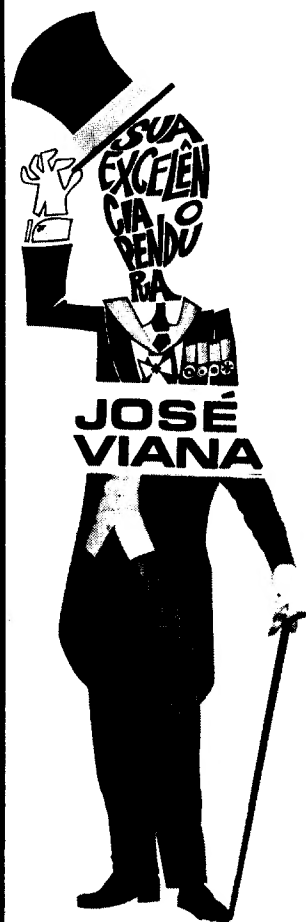


homem que lê vale por três

PAX

Atenção amanhã

UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO



DORA LEAL

HENRIQUE VIANA
MANUELA CASSOLA
LUÍS SANTOS

PARTICIPAÇÃO DE MARIA PAULA

A FRENTE DUMA GRANDE COMPANHIA

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

AS 21 E 23 HORAS
DOMINGOS — «MATINÉE» AS 16 HORAS
GRUPO C / 14 ANOS

UGANDA

Ora bem, parece não haver dúvidas de que o acontecimento que foi dominando os noticiários ao longo da semana foi a guerra no Uganda. Mas que dizer a respeito deste conflito? Pois se nem se sabe ao certo se se trata de uma guerra civil, de início de uma guerra de guerrilhas, ou de uma invasão pura e simples por parte de uma potência estrangeira, neste caso a Tanzânia. A última hipótese parece estar, de certo modo, afastada. Até o próprio truculento presidente do Uganda reconhece que as tropas «invasoras» não são propriamente soldados de Dar-es-Salaam, mas «mercenários» ajudados ou tolerados pelas autoridades da Tanzânia. Essa parece ser também a opinião do não menos truculento presidente da Líbia. Segundo o Cairo, a intenção de Gaddafi ao enviar tropas em auxílio do general Idi Amin destinava-se apenas a combater o «imperialismo» e o «sionismo», nada havia contra o regime de Julius Nyerere. Mas, em Dar-es-Salaam, afirma-se aos quatro ventos, que aquilo a que Amin chama uma «invasão» não passa — ou melhor é — um levantamento popular contra o regime ugandês. Como se as coisas não estivessem suficientemente complicadas, surge no meio da confusão a questão dos asiáticos. Ai, embora possa parecer que não, o presidente ugandês até é capaz de ter alguma razão. A verdade é que aqueles asiáticos nunca quiseram adquirir a nova nacionalidade, preferindo manter-se ligados à antiga potência colonial. Ao facto, já de si justificativo de alguma animosidade, acresce a circunstância de que esses asiáticos dominavam por completo o comércio do país. Ao expulsá-los, confiscando-lhes as propriedades, Amin apenas recuperou para o seu país um sector da economia que andava por mãos alheias. Amin nacionalizou até em consequência das confiscações, o comércio externo, o que também só pode ser considerado como uma medida nacionalista importante. Por a não porém em prática muitos países se encontram cada vez mais dependentes dos grandes poderes económicos estrangeiros. A África é ainda um continente muito novo e as questões que nele se levantam nem sempre têm a clareza que assumem noutras partes do globo, onde é mais fácil distinguir os porquês profundos dos conflitos. Mas não esqueçamos que a juventude não é crime e que a Europa, já muito mais velha ainda não há muito sangrava bem mais abundantemente que o continente negro.

SEGUNDA-FEIRA

— Ao mesmo tempo que os combatentes da FNL do Vietnã do Sul atacavam Da Nang, a segunda cidade do país, o Governo de Hanói libertava mais três pilotos americanos, num gesto de boa vontade. Os dois factos ilustram bem que a guerra da Indochina não se ganha apenas nos campos de batalha. A diplomacia e a propaganda têm uma importância decisiva. Se o ataque a Da Nang sublinha a força da ofensiva que começou em Março não decresce, a libertação dos prisioneiros aponta para a negociação.

— Em Atenas, a mãe de Panagulis, o homem que foi condenado á morte (mais tarde a pena foi comutada para prisão perpétua) por ter tentado matar o primeiro-ministro George Papadopolous, informou a imprensa que as autoridades da prisão em que seu filho se en-

A. VILLAVEDE CABRAL
COMENTÁRIO
INTERNACIONAL

contra não a haviam autorizado a vê-lo. Panagulis está incommunicável.

TERÇA-FEIRA

— Começou em Nova Iorque a 27.ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas. Ao princípio pensava-se que o assunto principal, ou o mais urgente a ser discutido seria a questão do terrorismo, tão popular depois dos acontecimentos de Munique e agora, das cartas explosivas que os israelitas se arriscam a receber em

qualquer parte do mundo. Mas afinal a força dos árabes e dos africanos impediu que a Assembleia viesse a perder tempo com uma questão que, a priori, estava condenada ao não ter qualquer saída devido ás divergências ideológicas e de interesses dos países membros da ONU.

— A poluição atinge todos os países e todos os sistemas. Em Moscovo, Vladimir Kiriline, pediu a colaboração internacional para a solução deste problema dos nossos dias. Entretanto, o dirigente soviético informou que, nos últimos dez anos, tinha sido evacuadas da região de Moscovo 300 unidades industriais para evitar que o ar da capital se «conspira-se».

QUARTA-FEIRA

— Gabriel Aranda, o homem que levantou o mais recente escândalo da V República francesa, decidiu entregar os documentos que, segundo ele incriminam muitas altas figuras do regime á justiça. Os peritos em leis afirmam que a simples entrega dos documentos aos tribunais fará com que eles não possam vir a ser conhecidos nestes anos mais próximos pois ficarão sujeitos ao segredo judicial. Tudo se resolve a bem e ás escuras como convém.

— Perturbação nos meios monetários: a URSS exporta grandes quantidades de ouro para a Suíça.

QUINTA-FEIRA

— Durante a sua habitual conferência de Imprensa, o presidente Georges Pompidou defendeu a entrada da Espanha no Mercado Comum. A atitude do presidente provocou acerbas críticas por parte da esquerda francesa e, mais importante por parte de futuros membros da Comunidade: a Dinamarca e a Noruega. A manter-se como a França sempre defendeu a necessidade de unanimidade para a entrada de um novo país na comunidade, a Espanha poucas ou nenhuma hipóteses tem de vir a integrar-se na CEE nos tempos mais próximos.

SEXTA-FEIRA

— Willy Brandt obteve uma paradoxal vitória: foi der-



UMA DERROTA PARADOXAL: Ao recusar a confiança ao governo de Willy Brandt, o Bundestag permite a dissolução do Parlamento e a realização de eleições antecipadas, facto que vai ao encontro dos desejos do chanceler. (Telefoto UPI/Teleimpressa/DL)

rotado no Bundestag. Assim, os eleitores alemães irão ás urnas no dia 19 de Novembro para escolherem os novos deputados e, com eles, o novo Governo. Trata-se de uma escolha decisiva para o futuro próximo de muitas questões europeias, tão divergentes se apresentam os sociais-democráticos e os cristãos-democráticos sobre certas problemas que dizem respeito á política externa alemã.

SÁBADO

— O presidente Ferdinando Marcos das Filipinas proclamou a lei marcial, para, aparentemente, fazer frente a uma

vaga de atentado a tiro e á bomba que as autoridades atribuem aos comunistas. Sintomaticamente, uma das primeiras pessoas a ser presa pela Polícia depois da proclamação da lei marcial, foi o senador Montoya, secretário-geral do Partido Liberal.

— O senado de Saigão anulou uma anterior decisão, considerada ilegal, que dava pelos poderes ao presidente Thieu durante seis meses. Trata-se de mais um sintoma da fraqueza do regime saigonita que nem sequer consegue pôr de acordo sobre questões tidas como fundamentais aqueles que passaram pela mais fina das peneiras.

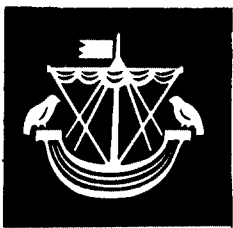
AS DELÍCIAS

Prémio Concourt 1971

«A obra da minha maturidade» assim a classificou JACQUES LAURENT, o discutido escritor, na entrevista transmitida pela RTP em 21.9.1972

uma edição da

Parceria A. M. Pereira, Lda



CONSERVE A CIDADE LIMPA

LISBOA

De há dois anos para cá, Lisboa cobriu-se daquilo que o transeunte não estava habituado a ver: inúmeros receptáculos para lixo em candeeiros, e postes coloridos de anúncios, foram aparecendo a cada esquina da cidade. Até então, os raros caixotes de lixo espalhavam-se por jardins ou parques municipais, aqui e ali, esquecidos e pouco práticos.

A medida surgia como higiénica, publicitariamente rentável e trazia a grata europeizada — em Madrid ou em Londres dá-se-lhe idêntico tratamento.

Mas passados os primeiros momentos de curiosidade, a inovação não singrou passivamente os caminhos que lhe eram esperados. Aliás o que se iria passar entroncava na mesma sina de outras novidades: cabinas telefónicas, paragens de autocarro, etc.

Mas já lá vamos. Ouçamos primeiro a história dos novos recipientes, que têm muito que contar...

Quem nos fala é Ruben de Carvalho, da empresa exploradora dos recipientes, conhecedor perfeito da sua história. Tudo começou porque...

O problema da limpeza das cidades torna-se cada vez mais complicado e já se faz sentir, com certa importância, na cidade de Lisboa. E uma das principais questões é a da mão-de-obra nos seus aspectos quantitativo e qualitativo; não existe em número suficiente, pessoal que se dedique à recolha do lixo, nem é legítimo exigirem-lhe tal tipo de trabalho, que é muitas vezes desagradável. Assim, a única medida adequada é a que se baseie numa colaboração por parte dos habitantes. Foi o que sucedeu em várias cidades da Europa, utilizando a solução dos recipientes. A partir



daí, a tarefa da limpeza tornou-se mais fácil. Mas para cobrir uma superfície já relativamente grande como a de Lisboa, torna-se necessário um investimento de capital avultado. Deste modo, a Câmara Municipal fez uma concessão publicitária à empresa, que fica com os encargos de aquisição e colocação das caixas, utilizando-as como veículos publicitários.

A empresa que actualmente explora os recipientes do lixo detém a concessão durante cinco anos, prazo já iniciado há dois. Distribuiu, inicialmente, pela cidade de cinco mil caixas, pagando anualmente à Câmara 60 escudos por cada. No entanto, apesar de relativamente recentes, mais de mil caixas se encontram à espera de reparação e também mais de mil já foram substituídas. E não é que se trate de qualquer defeito de fabrico, nem de sofrimento de fragilidade congénita (são feitas em

chapa de aço de dois milímetros). A explicação topa-se diariamente nas ruas da cidade, sobretudo a horas mortas ou nocturnas; e parece ser a única válida. De resto, no próprio relatório anual da empresa se pode ler:

«Tivemos, porém, certos problemas com os receptáculos para papéis, de cuja publicidade a Câmara Municipal de Lisboa nos concedeu o exclusivo (...); a introdução destes receptáculos em Lisboa desencadeou uma verdadeira fúria destruidora por parte de certos elementos. Embora correspondendo a uma necessidade e, portanto, a um benefício para os seus habitantes, os receptáculos foram destruídos, queimados e de tal modo atingidos que a sua utilização para fins publicitários sofreu marcado prejuízo.»

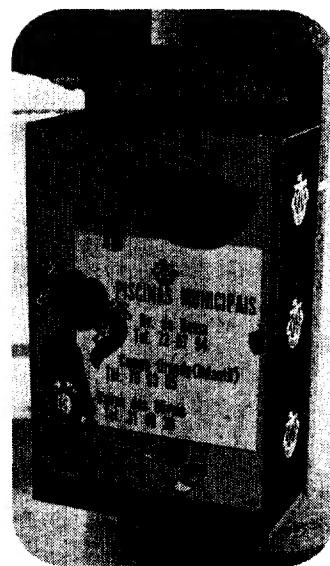
Assim é. Nunca os responsáveis pelos recipientes sonharam com tamanha calamidade. As impávidas caixas

suportam a todo o instante a «biqueirada» quotidiana. E é uma chuva de maus tratos. E pronto!, é mais um caixote a abater ao efectivo. Pode dizer-se que o pontapé, nos casos de destruições intencionais, é em cerca de 80 por cento das vezes, o meio de ataque preferido.

UMA CAIXA SIMPÁTICA

Analisado o prejuízo que daí advinha e tendo em conta um certo recuo do anunciante, pouco crente em novos veículos de comunicação, passou-se a uma nova atitude. Diz-nos o nosso interlocutor:

— Tentou-se recentemente fomentar a simpatia do público pela caixa, no que também colaborou a Câmara prescindindo da taxa anual de 60 escudos e passando ela própria a anunciar. Começou-se, pois, a dar uma utilidade prática e directa às caixas, que não são somente a que já vinha do anunciante.



Caixote do lixo é lugar para poemas. Eis um ainda intacto

séries de 10 poemas diferentes — Eugénio de Andrade, D. Francisco Manuel de Melo, Tomás Ribeiro, Teixeira de Pascoas, Daniel Filipe, Matos Sequeira, Mário Dionísio, Alexandre O'Neill, José Gomes Ferreira e um Anónimo do séc. XVI). Com extrema oportunidade, 134 caixas dando informações sobre horários e percursos dos autocarros da Carris foram colocados junto às 67 paragens-zonas da cidade.

informações têm sido muito menos afectadas do que quaisquer outras. O que é significativo. As pessoas estão fartas de publicidade. Mas o que é facto é que a sua não-rentabilidade se reflete na sua própria utilidade.

Custando cada caixa 450\$00 e gastando-se para a sua simples colocação quase 70 escudos, uma diminuição dos atentados contra os novos recipientes de lixo seria, a muitos títulos aconselhável e proveitosa.

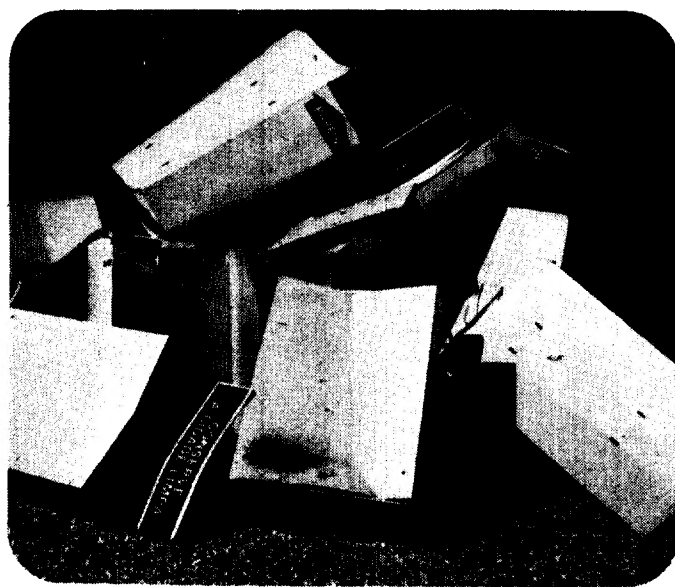
Nesse sentido, foram as respostas de vários lisboetas com quem o «DL» ao acaso, contactou. Diz-nos o sr. Fernando Correia, empregado de escritório:

— A ideia dos caixotes de papéis que agora se usam tem sido, sem dúvida, extremamente útil e mais seria se não andassem para aí a dar cabo deles nem ouvesse, em muita gente, o mau hábito de deitar tudo para o chão. Acho muito interessante a ideia que tiveram de pôr nas caixas informações, como os dos autocarros ou das bibliotecas. Sempre são coisas que ficamos a saber sem ter trabalho nenhum.

Na verdade, o caixote facilita uma série de coisas. É o caso por exemplo, da sr.^a Idalina Morais, doméstica:

— É engraçada essa coisa dos caixotes pregados aos candeeiros. Ao pé da minha porta puseram lá um e, às vezes, nem uso o meu caixote, ponho logo naquele, que não preciso de o andar a acartar para dentro e para fora.

NO LIXO



São às centenas os caixotes de lixo que se encontram neste estado

Deste modo, distribuíram-se 200 caixas aconselhando medidas de higiene, 106 divulgando informações municipais (sobre piscinas, bibliotecas, serviços administrativos ou fiscais, etc), duzentas caixas com poemas de autores portugueses sobre Lisboa (20

de. Assim, qualquer que seja o sítio onde de se encontre, pfff utilize um desses caixotes de papéis, ficará a saber quais as carreiras que por aí passam e os seus destinos.

— Um aspecto engraçado — continua Ruben de Carvalho — é o de que estas

II FESTIVAL DA CANÇÃO DOS DOIS MUNDOS

Claude Murger vem ao II Festival Internacional da Canção dos Dois Mundos que se realiza, em Novembro, no Pavilhão dos Desportos de Lisboa. Compositor das canções que interpreta transformou-se rapidamente numa vedeta do espectáculo. «L'Inconnu que je suis» foi a peça que lhe trouxe notável sucesso, nos Estados Unidos. Claude canta e, pela primeira vez na vida, representa um papel: a personagem de um portorriquenho que, na rua, evo-

ca as suas recordações da infância. Esta peça fez uma carreira extraordinária nas universidades nos bairros de Harlem e nos «gethos» da cidade. A direcção cénica era de Humbert Camerlo, a adaptação, de Jon Dedibour, e as canções foram escritas por Vline Buggy e Jean Pierre Sabard.

Claude Murger nasceu a 18 de Setembro de 1949, em Paris. O facto de tocar guitarra desde os onze anos não o impediu de cumprir os estudos até com um

certo brilhantismo. Acabou o bacharelato, estudou um ano de filosofia e trabalhou com crianças inadaptadas. Actualmente, no teatro de Montparnasse escolheu a canção como modo de vida.

Gosta de cantar e do palco. De beber vinho e viver a noite. Detesta levantar-se cedo e as coisas mundanas. A natureza, o sol, os animais livres no campo tocam-no profundamente... ama o que é autêntico. E a liberdade. Dos cantores prefere Jacques Brel, Julien Clerc e Claude Noguero. Do cinema admira Annie Girardot e Dustin Hoffman.

DL/DOMINICAL

DOMINGO EM LISBOA

O miúdo, lá atrás, aponta para o homem. Não sabe que ele, neste momento ganha a vida, passeando duas trompas pelas ruas da cidade. Os pais sorriem. Algures um homem que pode ser amador espera a chegada dos instrumentos. Noutro dia, num coreto ou num circo, o miúdo admirará doutro modo o que faz um homem e o instrumento. Pode acabar por perceber o mundo. (Foto de José Tavares)



Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira

Cursos de Hotelaria do Estoril

Estão abertas as inscrições para a frequência dos cursos do Estoril nas secções de

RECEPÇÃO
COZINHA
MESA E BAR
ANDARES

Os interessados podem efectuar a inscrição até ao dia 7 de Outubro, na Avenida Portugal, 38-A, telefone 261480 das 14,30 às 19 horas, ou na Junta de Turismo da Costa do Sol (Arcadas do Estoril), telefone 260113 durante as horas de expediente.



TRACTORES E MOTOCULTORES USADOS PROVENIENTES DE TROCAS

David Brown
Massey-Ferguson
Ford
Deutz
John Deere
etc.

P.G.S.
Ágria
Pasqualli
Goldoni
etc.

Totalmente revistos de mecânica
GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

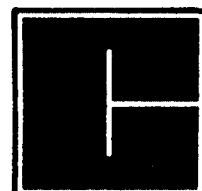


J.J. GONÇALVES, SUCRS. S.A.R.L. - ao serviço da lavoura
AZINHAGA DOS LAMEIROS - ESTRADA DO PAÇO DO LUMIAR - LISBOA-4 - TEL. 79 40 95-96-97-98



CETEL

Centro de Estudos Técnico-Económicos
estudos económicos - organização - informática - marketing



rua de ponta delgada, 80 - 1.º - lisboa 1

Selecciona para Serviço Público com Sede em Lisboa

CHEFE DE REPARTIÇÃO

EXIGE-SE

— Licenciatura

DÁ-SE PREFERÊNCIA A CANDIDATOS COM FORMAÇÃO
E/OU EXPERIÊNCIA EM

- Expediente e Pessoal
- Contabilidade Orçamental e de Custos
- Tesouraria
- Serviços Sociais
- Organização e Métodos
- Biblioteconomia

Resposta com curriculum detalhado para CETEL-72SP305
RUA PONTA DELGADA, 80, 1.º — LISBOA
Telefones: 44051-539240-537780-539006

TINTURARIA CAMBOURNAC



Telefone: 32 64 15 — L. Anunciada, 11
76 03 93 — Av. João XXI, 28 - A
68 90 76 — R. Ferreira Borges, 149 - C
78 08 19 — E. Benfica, 367 - A
83 38 11 — Av. Alm. Reis, 28 - B

LIMPEZA A SECO

SERVIÇO DE RÁDIO — TELEFONE

Serviço gratuito de recolhas e entregas no domicílio
ENTREGAS DE UM DIA PARA O OUTRO

DL/DOMINICAL

ESPECTACULOS

CLARA ROCHA RECUSA O VEDETISMO

Ainda há poucos meses ouvimos Clara Rocha (a Matilde de «Felizmente há Luar», em Paris) e nestas colunas reproduzimos algumas opiniões suas, firmes, inteligentes e originais, sobre o modo como encara o teatro, como o desejaria, como não o deseja.

Entretanto, deram-se factos que, confirmando plenamente esse perfil que através das suas declarações ela define, justificaram as perguntas que lhe dirigimos e a que ela prontamente respondeu

— Foi convidada para interpretar a protagonista feminina de uma comédia a levar à cena, na próxima época, no teatro Monumental?, comédia cujo título, em inglês, era «No sexy, we are britanics».

— Fui e confesso que inicialmente a proposta seduziu-me. Voltar ao teatro interpretando uma protagonista e o factor material pesaram bastante nesse meu entusiasmo inicial.

— Chegou, portanto, a um acordo com a empresa...

— Não. Para além de se adivinharem incompatibilidades com o meu actual emprego, acabei por considerar que não valia a pena encontrar-me de novo com Vasco Morgado para tentar uma via de solução e telefonar-lhe a dizer que achava que devíamos desistir da ideia e que, para além dessas incompatibilidades, não estava particularmente interessada em fazer o tipo de teatro que me propunha.

— Porquê?

— Voltaria ao teatro para interpretar uma protagonista, mas de que peça? Procuro protagonistas ou um teatro mais dignificante para mim, para os colegas, para o público? As perspectivas, no caso de ter um certo sucesso, eram as de um êxito fácil que me conduziria a um vedetismo que

eu não prezo muito nos outros e que portanto, por coerência, devia continuar a não ter significado para mim. Além de tudo, após um afastamento tão longo, do ponto de vista profissional não me parecia a peça mais indicada para o meu regresso.

— Opõe-se a um teatro comercial?

— Qualquer género de teatro no nosso tipo de sociedade deverá tentar obter êxito comercial, senão qualquer iniciativa, por mais louvável que seja, vê-se condenada a não prosseguir. Compreendo, igualmente, um público que recusa um teatro dirigido a uma elite de especializados, que exige um teatro, uma arte acessível a todos. Por outro lado, para assistirmos a coisas sem nexo, sem conteúdo, com pouca significação ou de significação deturpada, mas que se pretendem modernas só porque ninguém as entende ou porque cá na terra esses «efeitos» são novidade e ninguém ainda os fez, é realmente preferível ficarmos em casa pois entendiamos-nos muito menos.

— Admite, no entanto, a existência de um teatro feito exclusivamente com fins lucrativos?

— Se esse teatro, creio, existe em quase todo a parte do mundo, parece-me

demasiado pretensioso e ambicioso pretender que não exista entre nós. Eu própria já o fiz, na altura, por motivos de subsistência e presentemente, se as perspectivas me oferecessem igualmente oportunidades mais válidas, dentro de um certo critério, talvez voltasse a fazê-lo. De qualquer modo, não me parece que haja qualquer dissidência entre teatro comercial ou não comercial. A crise e a estagnação são as mesmas e o teatro comercial nem sequer atinge frequentemente os seus tão apregoados e exclusivos objectivos fazer dinheiro.

— Vê razões para isso?

— A gestão que precede e sustenta este género de teatro é extremamente precária, elementar, ultrapassada. As peças são montadas à pressa, sem qualquer programação prévia e frequentemente para cobrir as despesas de uma outra peça que, na altura, já não «está a dar». O destino difícil e incerto do actor mantém-se exactamente o mesmo, excepto para meia dúzia de vedetas, claro. Mantêm-se os mesmos inacreditáveis contratos de cinco dias, isto é, apenas com um prévio aviso de cinco dias o actor vê-se subitamente sem emprego e mal pago e raramente a tempo e horas. É esta a organização que sustenta um teatro de que muito boa gente se orgulha e que diz fazer por ser aquele que o público português melhor entende. Pobre público português, pobre gente portuguesa: tão frequentemente falam em seu nome e tão frequentemente é desconsiderada!

— Está de qualquer modo grata a Vasco Morgado por lhe ter oferecido esta oportunidade...

— De modo nenhum. Lembro-me ainda de quando fazia teatro, em determinada altura, o Vasco Morgado me ter impedido de trabalhar e isto talvez por não ter aderido ao comportamento «cliché» da actrizinha que começa. De qualquer modo fujo de personalizar os assuntos. As suas motivações ou caprichos pouco me interessam, isto é, o facto de me ter impedido de ganhar a minha vida e de, passados 3 anos, me ter telefonado pessoalmente a convidar-me, deixam-me numa absoluta indiferença. O que lamento são estruturas de organização que não permitem ao actor quaisquer possibilidades de defesa perante situações de prepotência.

— Tem pena de ter abandonado o teatro?

— Não, na situação em que ele se encontra, não tenho pena. Se tivesse voltado...

— Perante perspectivas diferentes para o actor, voltava?

— Creio que sim.

— Tem outros projectos para a próxima época?

— Sim, colaborar com 1.º Acto em Alges, numa

— A sua colaboração é remunerada?

— Não.

— Quais as perspectivas de superação da actual situação do actor em Portugal?

— Libertar-se do seu individualismo, que tão desagradavelmente se exterioriza na má língua e em mesquinhas querelas e rivalidades pessoais, que apenas ao empresário aproveitam. Tomar consciência dos abusos a que quotidianamente o sujeitam e, conjuntamente, lutar e reivindicar tudo aquilo a que muito justamente tem direito.

— adaptação moderna da Antígona de Sófocles



«Na situação em que o teatro se encontra, não tenho pena de o ter abandonado.»

PARKER 45

indispensável



Escola... Liceu... Faculdade
A PARKER 45 estará sempre consigo. Comece o seu novo ano escolar com um conjunto PARKER 45

RECEBA GRÁTIS 10 CARTUCHOS DE TINTA PARKER QUINK



PARKER

FABRICANTES DAS CANETAS MAIS DESEJADAS DO MUNDO

Distribuidores exclusivos para Portugal VIALGA REPRESENTAÇÕES, S. A. R. L.



«Não procuro protagonistas, mas um teatro dignificante»



JORNAL DOS ESPECTÁCULOS

A GEOGRAFIA DA CANÇÃO

O mundo da canção (não confundir com a revista do mesmo nome) é particularmente caprichoso. Posso mesmo acrescentar que, à vista desarmada, é difícil vislumbrar o tipo de relações que dentro dele se desenvolvem.

Muitos são os cantores que, espalhados pelo Globo, se vêem, apesar das afinidades que os ligam, forçados a actuar em terrenos completamente diferentes.

Cito três casos distintos.

Vejamos, em primeiro lugar, o cantor norte-americano Country Joe MacDonald que teve recentemente honras de página inteira, na revista francesa «Nouvel Observateur» a qual entre outras coisas sublinhava, com certo entusiasmo, o espírito militante daquele autor-intérprete. Filho dum velho democrata, Country Joe estudou na famosa Universidade de Berkeley, onde conheceu os músicos que posteriormente viriam a integrar «The Fish», o seu primeiro agrupamento. Foi com ele que Country Joe percorreu durante alguns anos os mais importantes centros universitários norte-americanos, associando-se, por tabela, a numerosas manifestações, ora pacíficas, ora violentas. Em 1970 «The Fish» esteve com Country Joe em Woodstock. As consequências não tardaram a manifestar-se: Contry Joe MacDonald está hoje praticamente impossibilitado de actuar no seu país e os discos que faz ficam sistematicamente longe dos primeiros lugares das tabelas de vendas.

Mas há mais. O engenheiro francês Guy Beart que, há alguns anos, se dedicou à música tendo-se popularizado rapidamente pelo sarcasmo das suas letras permanecerá na Rússia durante o mês de Outubro a fim de realizar uma série de receitas nas mais importantes cidades daquele país. Esperado com grande expectativa Beart actuará em Moscovo, Riga e Kiev.

Esta digressão nada tem em si de especial uma vez que o espanhol Patxi Andion cumpriu recentemente um contrato naquele país e continua, mesmo assim, a ver os seus discos editados em Espanha e no estrangeiro.

Enquanto isso, eleito em votação popular, José Afonso, actua no Festival do Rio de Janeiro ao lado de Clodah Rodgers e de Nicolleta. Mesmo assim digo: como é caprichosa a geografia da canção. E aproveito para perguntar: se é tão fácil misturar canções de ligeiros das mais variadas procedências em festivais de qualidade discutível quando teremos a oportunidade de ver no mesmo palco Guy Beart, José Afonso e Country Joe MacDonald? Será que é só um problema de «cachets»? Que responda quem souber.

JOSÉ JORGE LETRIA



JOSÉ AFONSO MUITO SOLICITADO PELA IMPRENSA BRASILEIRA

Realizou-se ontem a primeira eliminatória do VII Festival Internacional da Canção Popular do Rio de Janeiro cuja abertura coube por sorteio a José Afonso, o representante português eleito em votação popular: Paulo de Carvalho fará mais tarde a sua apresentação na segunda eliminatória com uma canção de Osório e Niza. Muito solicitado pouco tem a ver com o aparato que envolve o famoso festival declarou a um conhecido matutino carioca que só lamentava a ausência dos seus «companheiros». Citou com destaque José Mário Branco e Luís Cília. A sua presença contínua, entretanto a suscitar grande interesse nos meios esclarecidos.

TESTEMUNHO DO CANSAÇO DE UMA COMPANHIA

Foi há coisa de nove anos. A expressão «crise do teatro» era, já nessa altura mola de muita saliva, discussões e justificações... e de nenhuma acção. Surgiu então, a notícia de uma nova companhia, um grupo de gente disposta a sacrificar-se para dar ao público um género de trabalho que não envergonhasse a palavra teatro. Era a companhia Teatro Estúdio de Lisboa. A orientação era discutível, mas ninguém punha em causa a sua dignidade. Fugindo á rotina do espectáculo para distrair, embalar e adormecer, Luzia Maria Martins teve o mérito de mostrar ao público da capital algumas das obras fundamentais da dramaturgia mundial, ao mesmo tempo que através da comunicação teatral lhe chamavam a atenção para os problemas do homem na sociedade.

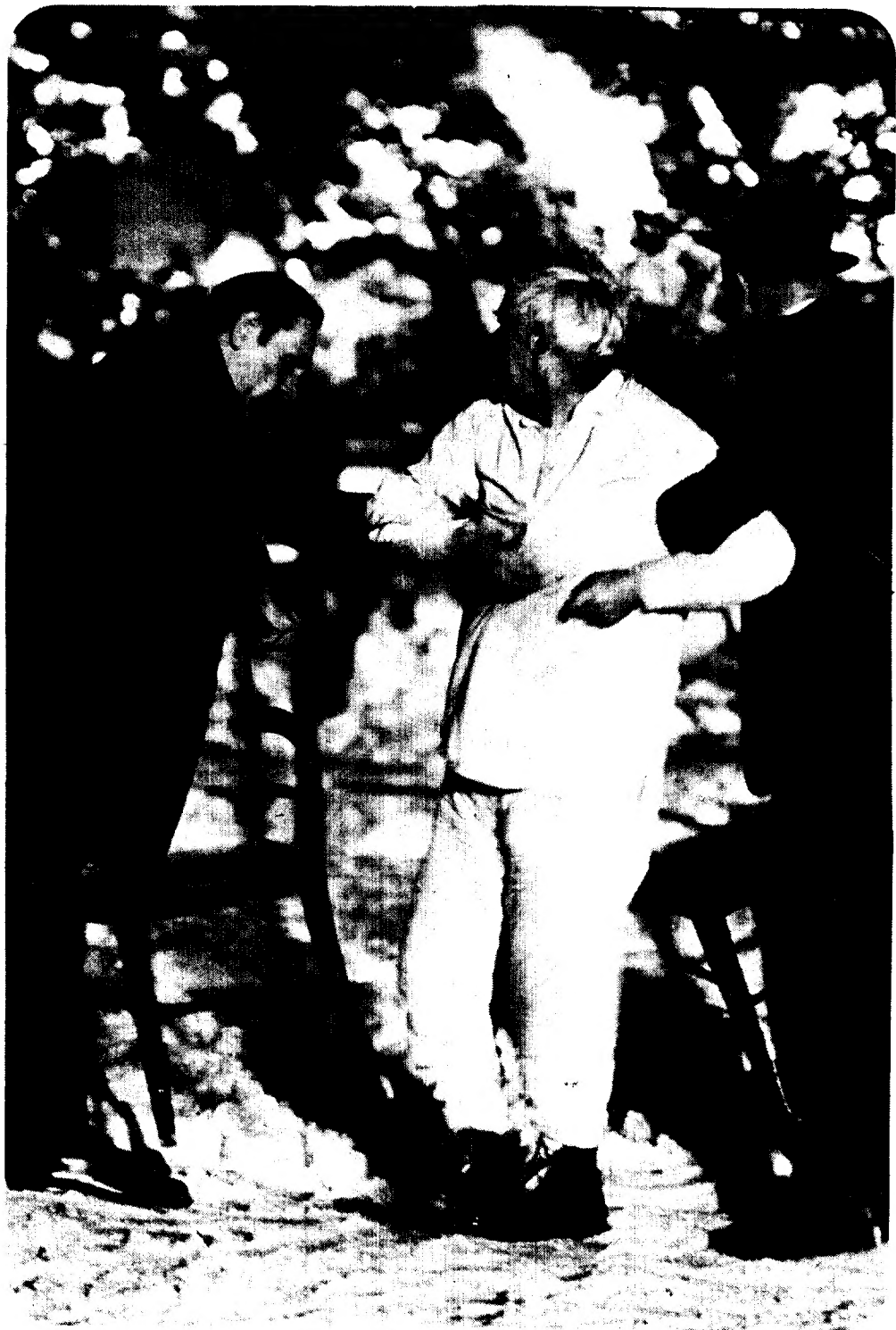
Das dificuldades da companhia sempre se falou. Para além da falta de liberdade criadora, a escassez de meios económicos para poder funcionar. A indiferença do público e outra vez — a carência de dinheiro. A falta de um teatro acolhedor e com as condições mínimas para poder trabalhar. Mas, apesar de tudo, a companhia resistia.

Agora, um outro problema, bem mais grave, parece afligi-la: a falta ou a perda de um caminho. É como se a longa resistência, a luta contra as dificuldades provocassem a desorientação. Os últimos trabalhos reflectem-na. Foi o caso de «Um Sonho», de Strindberg, de «A Outra Morte de Inês», de Fernando Luso Soares e agora de «Testemunho Inadmissível», de Osborne Um cansaço cada vez mais profundo parece apoderar-se da companhia. É a confiança de um público (minoritário, elitário, até: mas era o público que permitia manter viva a comunicação) vai-se perdendo. As reacções á peça de Osborne são uma prova.

Recordemos que, pouco dias antes da estreia do espectáculo quando se trabalhava entusiasticamente nos ensaios, Helena Félix, uma das fundadoras da companhia, diagnosticava: «Se o público não aderir a esta peça, então temos de concluir que estamos erradas».

O público não aderiu.

REGINA LOURO



O RISO MAIS DIFÍCIL

«O baile dos bombeiros» é, quanto a mim, um filme cruel. Como os outros filmes de Milos Forman, especialmente «Os amores de uma loira» as pessoas são aqui retratadas naquilo que de pior podem mostrar. É o constante ridículo, a falta de generosidade, a ratonice, a má intenção, e tudo isto, note-se, feito por um realizador que vem do lado de lá da cortina de ferro, com acção num país socialista: a Checoslováquia.

Tal como naquele filme de Forman, em «O baile dos bombeiros» o autor volta a ocupar-se das «massas» e suas relações. No caso da loira, a nível bastante individual, os amores a dois e os problemas levantados numa sociedade em que o homem teria perdi-

do a individualidade e, portanto a capacidade de relações a nível de casal. É claro que outra explicação poderá haver para aquela película. Quanto a este último poderá haver uma repulsa de tipo político já que a acção decorre num país socialista, e um dos mais ricos daquele bloco. E num país que já foi invadido pela URSS, com todos os problemas que isso levanta.

O que é importante não esquecer parece-nos ser o facto de ali se falar de pessoas e não de gente de determinado país. É a falta de caridade que existe em qualquer país, em qualquer credo, em qualquer raça. Milos é, apenas, o homem que, de câmara na mão tem a coragem de não fugir, inclusivamente à falta de beleza, sem a qual não se faz cinema desta banda da cortina. Milos tem a coragem de delatar o ridículo dos homens. A pontos de não nos ter feito rir. Disseram-nos mais tarde que o filme não era para isso. Pudera!

ROGÉRIO VIDIGAL

"FOGO SAGRADO" ABRIU O FESTIVAL DE CANNES

DL/DOMINICAL

CENTE

EDITH BEALE, uma simpática velhinha de 89 anos, ocupa, com sua filha Edie, de 54, uma casa em Riverhead, em Nova Iorque. A casa tem 28 divisões e é habitada também por uma legião de gatos e cães. Não tem água corrente, electricidade e aquecimento. Todas as suas dependências estão cobertas pelos excrementos dos animais. Porque a sujidade atrai os ratos, ameaçando assim a saúde dos vizinhos, as autoridades resolveram despejar as duas velhas senhoras. No fim desta semana, quando o despejo estava prestes a ser executado, o juiz Aldo Andreoli, do condado de Suffolk, condoído com a situação financeira das rês, resolveu dar mais umas semanas de prazo para as urgentes reformas da mansão. Quando ao dinheiro necessário para as obras, aconselhou as duas velhinhas:

— Que tal se as senhoras o pedissem à vossa sobrinha e prima Jacqueline Onassis?

MARTIN BORMANN, é, de todos os criminosos nazis, o mais procurado e o mais falsamente encontrado. Porém segundo declarações, de Karen Von Westering, ele está bem vivo no Paraguai, deu uma entrevista à cadeia de televisão americana CBS e vendeu as suas memórias à editora Doubleday, da qual Karen é directora.

— Esperamos publicar o livro de Bormann daqui a oito meses, afirmou Karen Von Westering. A CBS, por seu lado, não confirmou, mas também não desmentiu a entrevista que teria realizado com Bormann. Outro que nada falou sobre o assunto foi Simon Wiesenthal, que, desde o fim da Segunda Guerra Mundial an-



Bob Hope

da à procura de Martin Bormann e outros criminosos do III Reich.

BOB HOPE, que nos seus bons velhos tempos foi um razoável palhaço, tem recebido muitas acusações ao longo de sua carreira de comediante. De chato à fascista, chamaram-lhe de tudo. De uma coisa, porém ninguém pode acusá-lo: de não ser franco. De facto, durante uma recente entrevista, ao ser interrogado sobre o cinema actual, o bobo da corte de Richard Nixon saiu-se com esta:



Yune Ritchie e o príncipe

— Os meninos fazem na tela o que eu não teria coragem de fazer na cama. Se ainda pudesse, é claro!

O PRÍNCIPE CHARLES, herdeiro da Inglaterra encontrou uma boa forma de se manter em foco: ser visto sempre acompanhado por belas mulheres. Depois de suas aventuras com a chilena Lucia Santa Cruz e a brasileira Georgiana Russel, ele desfila agora com uma loira de fechar o comércio. Ela é June Ritchie, uma

cançonetista, actualmente a principal intérprete de uma versão musical do célebre...E Tudo o Vento Levou. June, ao ser interrogada sobre o seu namoro com o irriqueito Charles, foi tão original quanto as suas antecessoras no coração do príncipe:

— Não existe nenhum romance entre nós. Somos apenas bons amigos, declarou.

FERNANDO HERRERO TEJEDOR, presidente da Suprema Corte, acaba de anunciar que as estatísticas políticas espanholas evoluíram satisfatoriamente de 1970 a 1971.

— As reuniões ilegais — disse Herrero — subiram 92 por cento, mas as manifestações nas autorizadas caíram em 50 por cento e, no total, os delitos políticos diminuíram em 2 por cento.

BETTY MC CAFE, uma donadela de 26 anos, indignada por ter o seu marido, o atleta Ian McCafferty, chegado num

Não se sabe ainda qual foi a reacção do atleta que, até sexta-feira passada não tinha ainda regressado a casa. Aliás talvez por isso mesmo.

LUIS BUÑUEL, cujo último filme — O Encanto Discreto da Burguesia se estreou com sucesso em Paris, encontra-se no México, onde foi abordado pela imprensa, para que explicasse a razão desse título. O cineasta, recusando-se a falar sobre o assunto, declarou:

— Para explicar esse título, eu teria que fazer declarações. E declarações, como sabem, eu não faço.

Em Paris, o programa de estreia de O Encanto Discreto da Burguesia reproduz um artigo do «Le Monde», com uma extensa declaração de Buñuel sobre o filme, explicando o título. A sua conclusão é a de que o nome poderia, indiferentemente, ser «A Mesa Perna» ou «As Plumas Douradas do Meu Nhambu». O nhambu é uma pequena ave encontrada nas planícies da América Latina.

STIRLING MOSS, o leal subditobritânico foi condenado a pagar 40 libras (cerca de 2800 escudos) de multa por

excesso de velocidade. Diante do juiz, ele explicou:

— Eu sempre andei a velocidades superiores a 160 quilómetros horários e nunca ninguém se incomodou com isso.

Mantendo a multa, o juiz ponderou que isso em verdade aconte-

ceu, mas foi nas pistas de automobilismo, onde Moss foi campeão.

— Nas estradas britânicas — disse o juiz — a velocidade máxima permitida é de 110 quilómetros horários.

Diante desta argumentação o ex-campeão mundial pagou e não bufou.

Teatro MONUMENTAL

HOJE: 2 SESSÕES 20.45 E 23 HORAS

Domingos à tarde às 16 h.

Grupo D — M: 18 anos

VASCO MORGADO

RAUL SOLNADO

NA GRANDE REVISTA POPULAR

P'RA FRENTE LISBOA!

FLORBELA QUEIRÓS

IRENE ISIDRO

JOSÉ DE CASTRO

LINDA SILVA

JULIO CÉSAR • VICTOR MANUEL

PICCADILLY STARS BALLET

4.ª MES

Mais de 60 figuras em cena, e a fadista Maria João

Amortecedores Suspensões

Reparações/Montagens

Av. Sacad. Cabral, 27-B

T. 762128 (Rogério)

MADEIRA TRANQUILA

7 DIAS DE FÉRIAS QUE V. RECORDARA

Partidas diárias de Lisboa, Porto ou Faro. Estadias em Hotéis e Residências de 1.ª classe. Máximo conforto.

PREÇOS DESDE 2.740.00 (Casal por pessoa)

Se viajar com os seus filhos beneficiará de grandes reduções de preço. Pague suavemente com o CREDI-STAR

Peça-nos informações detalhadas, e não perca muito tempo, até decidir a sua inscrição.

STAR

A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Luanda

VAI CASAR?

Grande oferta aos noivos

Consulte e visite a

FOTOGRAFIA ESTÚDIOS NOVA GOA

e terá 20% de desconto nas suas fotos. Serviços entregues ao balcão

Rua S. João da Mata, 71-A

Telef. 66 73 62

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Augusto M. Brochado, Farmácia Universo — CANEÇAS

INSCREVA-SE NO CURSO SUPERIOR DE JORNALISMO

ESCOLA SUPERIOR DE MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

O único curso de jornalismo em Portugal. Um curso superior com programas estudados para facilitarem o acesso à profissão e o seu exercício em bases técnicas actualizadas.

Apenas 3 anos. Inscrições abertas a alunos com o 7.º ano liceal (qualquer alínea) ou equivalente. Todas as regalias inerentes à classificação oficial de ensino superior particular, designadamente as de natureza militar.

Inscrições e informações:

Rua do Sacramento à Lapa, 16 — Telef.: 676395/673766; Rua das Praças, 47 — Telef.: 660324; Avenida da República, 25-1.º — Telef.: 539641

PRÉMIOS CRÉDITO PREDIAL DE TELEVISÃO — 3.º TRIMESTRE

Considero que o melhor programa português apresentado neste trimestre pela Rádio Televisão Portuguesa foi _____

Nome _____

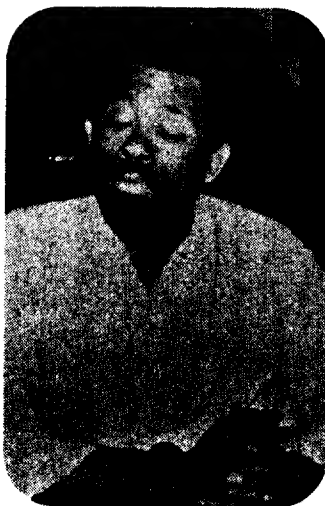
Morada _____

Cole este cupon num postal e envie-o pelo Correio para a sede do Crédito Predial Português, Rua Augusta, 237, Lisboa.

No dia 10 de Outubro realiza-se o sorteio de uma conta-depósito de Esc. 15 000\$00, entre todos os cupons recebidos nestas condições.

A PANTERA FOGE

Em 23 de Agosto último, no aeroporto parisiense de Orly, dois funcionários do governo argelino entregaram a colegas americanos e franceses duas pesadas malas de pele negra. Dentro delas havia um milhão de dólares em notas de 50 e 100 dólares. Era o resgate obtido em 31 de Julho por cinco piratas do ar no termo do desvio do voo 841 da companhia de aviação americana Delta. Reunidos em Argel, os piratas do ar que fazem parte do «Exército de Libertação Afro-Americano», fundado no exílio pelo «Pantera negra» Eldridge Cleaver, tiveram de entregar o referido resgate às autoridades locais que, depois de terem examinado toda a ocorrência, devolveram o dinheiro extorquido à companhia Delta.



DESAPARECIDO. Eldridge Cleaver, ex-dirigente dos Panteras Negras. Após uma polémica com Bumedien, Cleaver deixou o seu refúgio argelino, aonde vivia desde 1969, para destino desconhecido.

A devolução do milhão de dólares foi, para Cleaver, uma outra passada do lento agravamento das suas relações com os seus hóspedes argelinos. Acolhido como um herói da revolução mundial pelo Governo do presidente Huari Bumedien em 1969 (tinha fugido dos Estados Unidos para evitar a prisão depois de um sangrento tiroteio ocorrido um ano antes em Oakland, na Califórnia), Cleaver fora alojado numa bela «vila» no bairro residencial de El Biar, em Argel, e tinha-se visto com um subsídio mensal de uma importância equivalente a 14 contos. A «vila» fora imediatamente adornada à entrada com duas placas de latão encabeçadas por uma pantera negra no acto de formar o salto. A inscrição anunciava solenemente que o edifício era o quartel-ge-

neral da secção internacional do partido das «Panteras Negras» americanas.

Porém, para os argelinos, Cleaver demonstrou ser um hóspede muito incómodo. Os vizinhos lamentavam-se do barulho ensurdecedor das suas recepções, durante as quais, até altas horas da noite, o gramofone tocava no máximo do volume; o regime puritano de Bumedien desaprovava o hábito de alguns seguidores de Cleaver de fumar haxixe e desaprovava ainda mais a ligação de Cleaver com uma jovem árabe chamada Malika, que aparecia quando Kathleen, a mulher do pantera negro, viajava pelo estrangeiro.

Polémica. Todas as divergências de opinião foram evitadas de vir a público pelos argelinos. Quem

começou, pelo contrário, foi o próprio Cleaver. Quando se tornou claro que o Governo de Bumedien não tinha nenhuma intenção de entregar o milhão de dólares do resgate às Panteras Negras, Cleaver agarrou em papel e caneta e endereçou uma dura carta ao presidente. «Devemos receber aquele dinheiro», escreveu. «Sobre este ponto não há mas nem meio mas». A «expropriação» do avião da Delta era, segundo Cleaver, «um problema interno americano, a resolver entre americanos, sem terceiros importunos atraídos acidentalmente à ocorrência».

A carta foi considerada uma enorme gafe política e um insulto pessoal a Bumedien. A Argélia tem em programa a venda de aproximadamente 3 milhões de contos de gás natural aos Estados Unidos; ao mesmo tempo procura obter investimentos de bancos americanos. Mas a Argélia quer, também, preservar intacta a sua imagem revolucionária no mundo. Por isso, deu hospitalidade não só às Panteras Negras, mas também a dezenas de movimentos de libertação de quatro continentes (incluindo a Frente de Libertação

das Canárias). Bumedien não podia, portanto, desembaraçar-se facilmente de Cleaver, expulsando-o, sem dar a face.

Em vez da expulsão, adveio para Cleaver um significativo aviso. Há três semanas, quando as Panteras Negras convidaram exilados políticos, diplomatas comunistas e jornalistas para uma recepção na sua «vila» para festejar o «dia da solidariedade internacional», antes dos convidados chegou a polícia de Bumedien. Os agentes argelinos confiscaram filmes, livros e documentos e desviaram gentilmente os convidados de Cleaver.

Poucos dias depois, a «vila» de El Biar estava vazia e Cleaver desaparecera. Escondido num outro refúgio de Argel, disse alguém. Porém, de Nova Iorque chegou recentemente um desmentido por parte do porta-voz das Panteras Negras, Bernice Jones: a Argélia, segundo Jones, está a enveredar por um «caminho reaccionário», provavelmente, Cleaver escolheu um novo santuário. Qual? Talvez um país africano ainda mais «revolucionário» do que a Argélia, como a Guiné ou a Líbia, por exemplo, que, além de tudo, têm a vantagem de não estarem ligados aos Estados Unidos por um acordo de estradição.



HALIA CORRÊA LEITE

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

Carmen Corrêa Leite Belmar da Costa, Affonso Corrêa Leite e sua mulher Simone Corrêa Leite, Ruy Corrêa Leite, Luís Corrêa Leite Belmar da Costa, sua mulher Maria Isabel Roquete Campelo Belmar da Costa e filhos, Nuno Corrêa Leite Belmar da Costa, sua mulher Maria Teresa Teixeira de Abreu Belmar da Costa e filhos, António Corrêa Leite Belmar da Costa, sua mulher Maria Teresa de Aboim Sarzedas Belmar da Costa e filhos, José Corrêa Leite Belmar da Costa, sua mulher Maria da Nazareth Teixeira de Abreu Belmar da Costa e filhos, Filipe Corrêa Leite, Maria Isabel Belmar da Costa Figueiredo seu marido Clemente Figueiredo e filha e mais família, participam o falecimento de sua querida Mãe, Sogra, Avo, Bisavo, Trisavo e parente no passado dia 19 e que será rezada missa por sua Alma, 2.ª feira, dia 25, pelas 18,45 horas na Igreja de Santa Isabel, agradecendo desde já a quem se dignar assistir a este piedoso acto.

EXTERNATOS

São Vicente
Rua do Paraíso, 28
Tel. 864100

Marquês de Pombal
Rua Edith Cavell, 8
(ao Chile) — Tel. 82 02 21

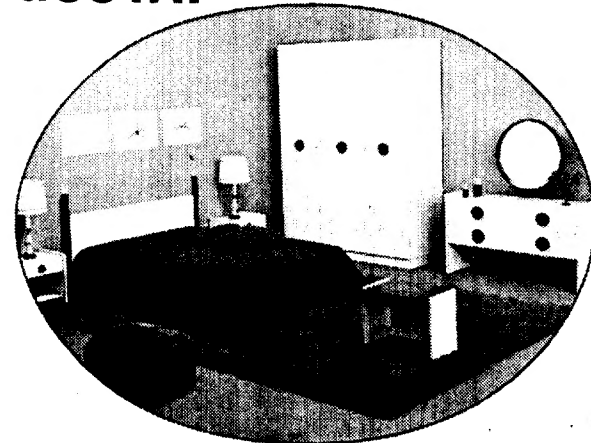
Álvares Cabral
Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) — Tel. 70 69 74

LICEAL—PREPARATÓRIO—COMERCIAL—INSTITUTOS
ABERTAS AS INSCRIÇÕES

CHÁ DE HAMBURGO LEGÍTIMO

ESTIMULANTE DIGESTIVO
BOA DISPOSIÇÃO PARA TODO O DIA
Benefícios nas perturbações das vias urinárias
À VENDA NAS FARMÁCIAS

GOSTA?



ENTÃO DECIDA-SE!

pois já restam poucos dos magníficos andares de 2, 3 e 4 assoalhadas acabamentos de luxo

em
SANTO ANTÓNIO dos CAVALEIROS
junto à placa da Flamengo

desde
280
contos

VEJA NO LOCAL
O ANDAR MODÉLO
UM EMPREENDIMENTO COM A GARANTIA:



SOCIEDADE PORTUGUESA
DE OBRAS DE CONSTRUÇÃO, LDA
ROSSIO, 74-3ª tel. 35438/366257

LISBOA

CAIXA NACIONAL DE PENSÕES

CONCURSO PARA CONCESSÃO DE EMPRÉSTIMOS AO ABRIGO DA LEI N.º 2092

Nos termos do despacho de Sua Excelência o Secretário de Estado do Trabalho e Previdência, de 21 de Julho p. p. abre-se concurso, de 2 a 31 de Outubro de 1972, a realizar pela Caixa Nacional de Pensões, para a concessão de empréstimos para construção, aquisição ou beneficiação de habitações ao abrigo da Lei n.º 2092 e legislação complementar, destinado aos beneficiários das caixas sindicais de previdência ou das caixas de reforma ou de previdência, aos sócios efectivos das Casas do Povo e aos sócios contribuintes ou a estes equiparados, aos sócios das Casas dos Pescadores e às entidades patronais contribuintes das referidas casas.

A verba detinada aos empréstimos a conceder ao abrigo deste concurso é de 100 000 000\$000 (cem mil contos), terminando o período de validade da classificação dos concorrentes no dia anterior ao da abertura de novo concurso.

As informações e os impressos podem ser obtidos, a partir da data da abertura do concurso e nas horas normais de expediente, nos seguintes locais:

Distrito de Lisboa, na sede da Caixa Nacional de Pensões, Rua de Entrecampos, n.º 43 B;

Distrito do Porto, na Delegação da Caixa Nacional de Pensões, Rua de Santo Ildefonso, 245;

Restantes Distritos, nas sedes das caixas de previdência e abono de família.

Lisboa,

A DIRECÇÃO



Organização do Automóvel Clube de Portugal

Dia 23 de Setembro

A partir das 9 h treinos livres
14 h-treinos cronometrados
17 h-corridas

Dia 24 de Setembro

15 h - Turismo de série
16.15 h - Grande Turismo/Sport
17.30 h - Turismo Especial
18.45 h - Fórmula V / Fórmula Ford / Fórmula 1430

BILHETES À VENDA:

Em Lisboa
A.C.P.
Agências Abep e Abelha
No Estoril
Junta de Turismo da Costa do Sol
e nos escritórios do Autódromo

PREÇOS:

Dia 23
Central-60\$00
Lateral-40\$00
Peão-15\$00

Dia 24
Central-100\$00
Lateral-70\$00
Peão-20\$00

PARQUES: Auto 20\$00

Transportes assegurados a partir do Cais do Sodré
Ligação em Autocarro, Estoril - Autódromo - 5\$50
Sintra - Autódromo - 4\$00

Espectáculo para m/ 6 anos (Grupo A)

autódromo do estoril
O maior empreendimento turístico-desportivo do país



**CARTA
DO BRASIL**

CHIANCA DE GARCIA

BOM DIA OUTUBRO

Mais uns dias, ó lusos leitores e é o fim de Setembro. O fim verdadeiro do Verão. O fim das férias. A volta à rotina das cidades. Abrem-se as portas das escolas. Os poetas acordam dos seus sonhos. Dos prelos começam a sair os primeiros livros. Caem das árvores as primeiras folhas. Pleno Outono.

Adeus litoral atlântico. Adeus rios de romance. Adeus praias da minha juventude. Adeus Cascais. Adeus Costa da Caparica. Adeus Portinho da Arrábida. Adeus pescadores da Nazaré. Adeus praias do Algarve. Adeus serras, adeus aldeias, adeus romarias. Adeus turistas. Adeus turistas, que voltam aos seus infernos. Agora, sim, adeus Setembro!

...Começo a sentir de novo vocês a meu lado. Sim, o jornal é a cidade. O boletim meteorológico das nossas consciências. O jornal é a vida. O «Diário de Lisboa» é bom quando lido na mesa do café, para depois ser discutido em casa na hora do jantar, quando aos domingos converso com vocês como se fosse vosso irmão. O pródigo.

Bem, Adeus, Setembro. Pois agora chegou para vocês a hora de lutar. Com amor...

A PROPÓSITO DE AMOR...

Aquela crónica que saiu com o título de Tragicomédia no Asilo estou vendo agora, ao dar balanço às cartas recebidas nas últimas semanas, — que afinal o seu problema também é um pouco português. Pelo menos, leitores e leitoras chocaram-se afectivamente. Chegou até aqui uma generosa solidariedade de além-mar. Tanto que fui à estante reler algumas páginas de Raul Brandão. Eu sei que Portugal não é como a Groenlândia onde os esquimós deixam de noite, do lado de fora dos seus igloos, os parentes em idade avançada isto para que a morte, na sua ronda nocturna, não tenha nem o trabalho de bater à porta...

Mas, vá lá, admito casos com aqueles a que me referi. Recebi lamentos de quem está nas mesmas condições. Mas não, não vou citar nomes, descansem.

Quero é dizer que carta mais curiosa sobre o assunto é a de uma mulher apaixonada, o que me diz: — «o pior é que não só se abandonam as pessoas de idade Eu, «diz ela», com pouco mais de trinta anos, tudo arrisquei para, afinal perder a vez. Fiz tudo por um homem. Ajudei-o. Obriguei-o a estudar. Mas agora quando já é gente trocou-me por outra, em busca, creio eu, apenas de sensações novas. E propõe: — Todos os falsos juramentos de fidelidade não serviram para assunto de uma das suas crónicas?»

Infelizmente, não. O seu caso, amiga, faz parte da história milenar e universal. O único conselho certo é sair para um novo amor. Remorso é uma palavra incompatível com paixão.

UM EXEMPLO...

Estão sendo festejados, agora, aqui no Brasil, os 150 anos de Independência nacional.

O herói é o nosso D. Pedro IV, esse da estátua do Rossio, e que é aqui Pedro I, imperador do Brasil.

Todos conhecemos a sua história. Em amor nunca foi fiel a mulher nenhuma. E teve tantas, aqui no Brasil! Essa fama deu-lhe as simpatias do povo. Ele veio para comprovar que o homem é infiel por natureza. O amor não tem escrúpulos.

A ideia de que o amor é traçoeiro tem, em Pedro I o exemplo vivo que, vindo do trono, justifica a fraqueza daqueles que são apenas uns míseros seres humanos...

E voltando à carta da minha leitora: — contente-se, amiga, sofrer o que já sofreram até imperatrizes. E até marquesas vindas do nada.

ENGANOS DE ALMA

Fui, a propósito, ver um filme que tem merecido generosos elogios oficiais. Intitula-se Independência ou Morte...

Pois sim. Eu ia pensando encontrar o filho de D. João VI enredado num mundo novo em ebulição. Um jovem incontido, impetuoso, hesitante, às vezes colérico, mas designado pelo destino para cumprir uma alta missão histórica.

Independência ou morte, julgava eu que tosse não o grito desse príncipe, mas o clamor de um povo. Um povo que há muito carregava nos ombros o pesadelo dos seus mártires. Que foram inúmeros. Muitos es-traçalhados por ordem da própria Alteza.

A APOTEOSE

Em pura boa-fé esperava encontrar no filme, acima de tudo, a luta de uma nação em nascimento, em busca da sua liberdade. Mas não. Mais uma vez tudo acontece no género da suptil teratura. O que está lá, em cento e tantos minutos de projecção, é um príncipe entre o bem e mal, em sucessivos ambientes palacianos, num mau protocolo de cortesãos, entre cores berrantes, jardins floridos, intrigas e mexericos, e o que de repente, sabiamente levado por José Bonifácio Andrade, dá reali-

dade a um vasto quadro que anos depois será pintado por Pedro Americano, onde, na estrada Rio-São Paulo, o vemos a cavalo, desembainhando a espada e gritando: — Independência ou Morte!

O HOMEM

Então já não é Príncipe. Nem rei. Mas Imperador. Mas Defensor Perpétuo do Brasil. E logo após o grito cai nos braços de uma mulher, a sedutora Domitila, que, para espanto da corte, ele vai elevando até primeira dama da Imperatriz, quando lhe dá o título de Marquesa de Santos...

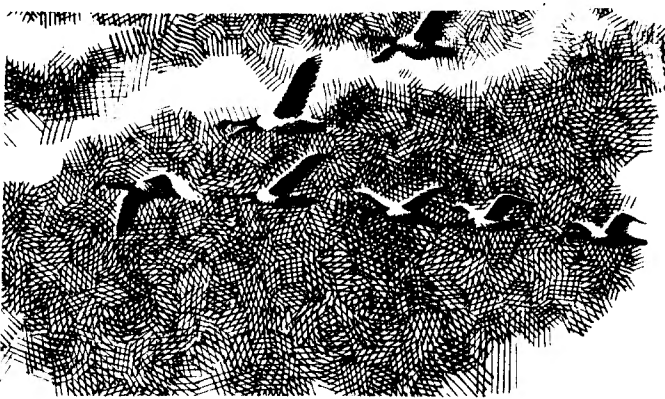
E O POVO?

Sim, e o povo? Aparece duas ou três vezes, representado por uma dúzia de homens, de costas, atirando, em sinal de regozijo, os seus chapéus pro alto. No mais, aí estamos de novo, no esplendor palaciano.

É corte. É o palácio. É o trono. É a coroa imperial. Há muito tenho esta impressão. Há no Brasil a nostalgia do Império. Coisa injustificável, a meu ver. Mas que talvez a psicologia possa explicar.

MUITO MINUETE COMO HISTÓRIA

É isto o filme. O que reputo triste, pois historiadores



e escritores brasileiros já estudaram em profundidade o problema Independência. Para usar o título escolhido seria aconselhável que os autores tivessem primeiro mergulhado com seriedade e respeito na importante obra de Octávio Tarquínio de Sousa (7.ª edição) intitulada «A Vida de D. Pedro I». Ou o muito que sobre o assunto tem escrito José Honorio Rodrigues.

E até, dando-lhe a força dramática que o filme não tem, aqui está Leo Gilson Ribeiro lembrando, como exemplo, o rompante de outro Pedro, o primeiro de Portugal, colocando no trono uma rainha já morta, a infeliz Inês de Castro.

MUITA ESPERANÇA COMO FUTURO

Não, o filme não é o que deveria ser. E quanto ao cinema brasileiro ele merece cada vez mais o destino de ser verdadeiramente brasileiro, sem os artificios palacianos e violentamente coloridos, a que se está dando o nome de cinema histórico.

MEUS ZÉ — NINGUÉNS FAVORITOS

Mas, enfim, cada um é feliz à sua maneira. Uns julgam-se génios. Outros, reduzem o mundo à humildade de si próprios.

Ontem estive de novo na Barra da Tijuca. Não ia há vários meses. Procurei antigas amizades. Tinha partido para outras praias em busca de solidão e paz. Dos amigos de há dois anos só encontrei o Zé da barca, antigo embarcadouro, contador de histórias e com quem as altivas garças (tão nobres na sua linha hierática) iam plebeiramente conversar na beira da lagoa. Está agora com 85 anos. Não tem família. Diz que nunca teve. E vive do que pesca ou de levar alguns suburbanos que por ali aparecem com as namoradas, dispostos a passear nas águas mansas e antigas. Que importa que façam amor? diz ele.

E no entanto este Zé da barca, já correu mundo. Agora anda meio desmemoriado. Quando o conheci ainda sabia contar coisas do tempo em que esteve no Oriente, onde subiu, como carregador, os montes do Himalaia, vivendo num país chamado Buthan, encravado entre a Índia e o Tibé. Foi lá que aprendeu, como dizia, a religião do Não-Pensar. Paisagem de montanhas, altas de dez mil metros. Florestas. Tempestades. Meditação. Aquilo, para ele, tinha sido o paraíso...

— Porque voltou?

— Sei lá.

Tentei, agora, faz-lo reviver suas remotas aventuras...

— Foi há tantos anos. Esqueci.

— Seu Zé, você não gostaria de ir de novo para esse país onde o amor é livre, e onde a maconha como você disse cresce alta de dois metros e só serve para alimento dos porcos?...

— Era. E nunca vi porcos tão gordos e ladinos...

— Não tem saudades, mesmo?

— Bem. Saudades tenho. Do tempo em que as garças, antes da Barra ser invadida por homens e máquinas, vinham pousar aqui na prôa do meu barco, e agradeciam as rãs que eu caçava para o almoço delas...

Como vêem ainda há gente feliz.

O POLO OPOSTO...

Mas já agora também quero falar-lhes de um poeta. Seu nome Murilo Mendes. Conheci-o mal, há muitos anos, apresentado pelo meu caro Pompeu de Sousa, hoje trabalhando em Brasília, onde já foi, noutros carnavais, professor universitário.

Nesse tempo, apesar de católico, o poeta já era um anjo rebelde. Ficaram célebres muitas das suas atitudes.

Uma vez por exemplo, durante a execução de uma ópera, no Teatro Municipal, entrou na sala munido de um guarda-chuva e abriu-o, com escândalo geral, enquanto a soprano ligeiro executava uma área de agudos difíceis.

Dele ficaram muitas histórias no mesmo género. Depois foi para Itália, como professor de literatura brasileira, lá ganhando, este ano, como poeta, o prémio Et-na-Taormina, o mais importante da Itália. Porque na Itália há prémios de Poesia. Veio agora ao Brasil. Com dificuldade aceita conversar com jornalistas. Entende que não reproduzem as suas palavras com fidelidade. Mas de uma recente entrevista com Gilson Ribeiro, transcrevo estes dois trechos:

— Como vê o Brasil, na Itália?

— O meu amigo e poeta português Jorge de Sena disse que o Brasil é um país surrealista, e eu estou de acordo. O Brasil é de facto surrealista. Hoje está num período de grande progresso, mas para mim o progresso que conta é cultural e espiritual.

— Quais as figuras mais importantes da igreja no momento?

— O cardeal Alfrink, da Holanda, e o cardeal Suenens da Bélgica. Eles perceberam que a igreja tem que mudar muita coisa. Ao contrário do que parece ela tem uma grande elasticidade de atitudes e posições...

O MEU BOM-DIA

Esta, leitor, é a última crónica que escrevo no mês de Setembro. Aí está, amigos, Outubro batendo à porta.

Bom dia, Outubro!

O Outubro lisboeta da minha infância, célebre não só pelo dia cinco, como por nessa altura começarem a vender, nas ruas, fumegantes (e eu comprava!) castanhas quentes e boas. Já não há disso, pois não?

Agora vão chegar os primeiros frios, os primeiros dias enevoados. Às vezes até com pesadas nuvens negras. Não deixem porém que essas nuvens ponham em risco a sobrevivência que em parte lhes pertence na crença de uma nova civilização reencontre para sempre a perdida alegria de viver. Sem a ameaça de nenhum terrorismo.

FIM DE SETEMBRO DE 72

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO

**ÓPTIMO RENDIMENTO
PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA**

SHARVEN-FRANCE

Campo Grande, 1-D, 2.º. Esq. — LISBOA-5

Participe nos benefícios dos melhores Hotéis, Restaurantes, Cinemas, Teatros, Gares, Aeroportos, Casinos, etc.

Se tem **20 000\$00** ou mais escreva-nos.
Rendimento assegurado.

DE INVESTIMENTO SHARVEN FRANCE LIMITADAS

CUPÃO A ENVIAR COLADO NUM POSTAL

Queiram enviar-me informações detalhadas sem compromisso

Nome

Morada

Telefone:

DL/DOMINICAL

A EVOLUÇÃO DO AUTÓMOVEL

PRIMEIRA VAGA DE NOVIDADES

por PHILIPPE TOUSSAINT

As conferências de imprensa precipitam-se sobre as redacções. Cada firma tem uma palavra a dizer, uma novidade para apresentar. Neste amontoado de frases frequentemente inúteis, para não dizer simplesmente grotescas, é por vezes bastante difícil descobrir onde se encontra a verdade ou até, tão somente, a novidade. Todavia elas existem e desse modo, insensivelmente, o automóvel evolui favoravelmente. Esta acumulação de pequenos detalhes surgidos no fim do ano, permitiriam encontrar, hoje em dia, em cada carro, limpa-vidros de duas velocidades, um jogo de faróis, um retrovisor com duas posições e muitos outros elementos que contribuirão decisivamente para a comodidade e para a segurança da condução. Estes melhoramentos perpétuos do automóvel transformaram-se numa fonte de constante interesse tanto para o especialista como para o utente. Eles são ainda uma prova flagrante dos prodígios realizados pelos construtores.

O automóvel é um dos raros produtos da sociedade de consumo que jamais acaba de se aperfeiçoar embora sem se tornar, paralela e progressiva-

Esta última encontra-se principalmente radicada nos europeus que uma vez mais concedem ao produto uma importância substancialmente maior

de ter lançado o R12 TS, oferece toda uma série de melhoramentos nos vários modelos existentes. Referimo-nos aos detalhes, mas é todavia inte-

ta dos sapatos do condutor. Assim, graças a duas lâmpadas laterais será possível ler durante a noite uma carta ou até mesmo encontrar um objecto que se tenha perdido no carro. Falemos ainda da inclusão de um conta-rotações de fábrica no R15 TS.

«O TRAVESEIRO»

A Volvo apresentou também os diversos melhoramentos incluídos nos modelos 144 e 164. A segurança passiva sempre constituiu uma das obsessões da firma sueca. Desta vez, para 1973, a Volvo adoptou barras de aço para cada uma das suas portas. Mesmo com a prioridade da direita, torna-se forçoso desconfiar dos proprietários de Volvos pois no mais recôndito lugar de carroceria eles possuem os argumentos de resposta indispensáveis. O volante tornou-se um verdadeiro travesseiro. Ao que parece, é perfeito em caso de choque. O quadro de comando do lado do piloto é um verdadeiro colchão destinado a proteger-vos em dias de catástrofe. O conjunto dá uma impressão tipicamente sueca, só que ao contemplar as primeiras fotografias é igualmente permitido inquirir se a ambiência interior dos volvos não será também um pouco demasiadamente «clínica». Em nome da segurança nunca me farão negar o belo «tablier» de um Jaguar ou de um Daimler. Nostalgia do tempo passado? Não vontade de reencontrar a raça e a beleza de um automóvel. O interior dos Volvos 1973 é completamente original. Os 140 grande luxo, o 164 e o 1800 ES herdaram os faróis de iodo, o que aliás é justo. O funcionamento do pedal da embraiagem é agora mais macio: a barreira da perna esquerda deixará enfim de sofrer. Enfim, a Volvo tornou-se no espelho da corte-sia.

Para além de tudo isto a Volvo anuncia para 1973 uma produção total de 240 000 carros com uma exportação de cerca de 80 por cento. Isto significa que a Volvo continuará a sua fuga para o progresso não se encontrando muito longe de assegurar a sua definitiva independência relativamente aos grandes potentados de amanhã.

«O PREDILECTO»

A Volkswagen continua ainda e sempre a tentar melhorar o seu «Coccinelle». A paciência e o amor com os quais Wolfsburg remodela cada ano o seu filho predilecto, são simplesmente admiráveis. O pára-brisa cresceu; os técnicos Volkswagen conseguiram arredondá-lo sem pôr em causa a linha. Foi anunciada uma superfície vidrada suplementar de quase 50 por cento. Para além disso, a cabeça dos ocupantes dos lugares dianteiros encontra-se agora mais afastada do pára-brisa, proporcionando uma maior segurança em caso de choque, sendo portanto referir o carácter draconiano das normas americanas em tal matéria. O «tablier» evoluiu de uma maneira espantosa: adquiriu classe, elegância tudo graças a um completo re-

vestimento em couro não brilhante e com espuma no interior. Os diversos comandos foram deste modo reagrupados em volta do volante; a climatização foi revista na sua totalidade bem como os assentos da frente foram altamente estudados. A gama das cores e das opções foi particularmente tida em consideração, de forma a colocar o «Coccinelle» no mercado não como o primeiro e indispensável passo automobilístico da maioria das pessoas, mas como segundo carro excepcionalmente simpático e robusto. No fundo, o carro do povo adquiriu pormenores próprios de um grande senhor.

Ainda na Volkswagen, o 1600 adquiriu novos bancos dianteiros. O 412 mudou de cara. O K70 também sofreu uma operação estética no nariz, mas contrariamente ao 412, esta não teve por fim embelezá-lo mas antes torná-lo mais eficaz em termos aerodinâmicos e, portanto, em velocidade de ponta. Os modelos L são ainda dotados de duplos faróis de iodo. A frente do K 70 ganhou, deste modo, em agressividade, o que já não é mau de todo.

«O ESQUECIMENTO»

A Fiat renovou a gama dos 124. Impõe-se por isso uma vista de olhos sobre esta série de carros que caiu um pouco no esquecimento, como consequência do sucesso alcançado aquando dos 128 com tracção à frente. O 124 é sem dúvida uma das mais bem sucedidas

viaturas, equipadas com mecânica clássica, sobretudo na importante zona dos preços onde os diferentes modelos 124 se inscrevem. Cada um dos diferentes tipos foi, aliás objecto de uma pequena modificação. O 124 herdou os cinco cavalos DIN suplementares. A grelha da frente passou a ser de cor negra opaca. O «tablier» desfruta de um mais perfeito acabamento. O «tablier» desfruta de um mais perfeito acabamento. O 124 especial beneficiou também dos cinco cavalos suplementares. O 124 Especial T abandonou a classe 1438 cm³ com duas árvores de cames à cabeça para adoptar os 1592 cm³ (com 95 cv DIN) que já equipavam os 132. Anunciou-se uma velocidade máxima de 170 km/h e facultativamente uma caixa de cinco velocidades. Trata-se certamente de um automóvel bastante vivo e agradável. O ataque contra o BMW e a Alfa-Romeo torna-se cada vez mais frontal.

Os 124 Sport, coupé e spider, não escapam aos melhoramentos. São apresentados em duas versões: 1592 cm³ (108 CV DIN) e 1756 cm³ (118 CV DIN). Ainda aqui é possível optar por uma caixa de cinco velocidades. O «Spider» não mudou de linha, mas infelizmente o Centre Style Fiat achou por bem introduzir alguns retoques no Coupe. Tornou-se mais macio e mais provocante. O purista lamentará a linha do passado mas mais uma vez e sem dúvida alguma é necessário enterrá-la, antes de mais nada por razões comerciais. É pena.



Volvo 164/164 E

mente, cada vez mais dispendioso. Um grande número de carros, sobretudo nestes últimos tempos, foram sensíveis a vários aumentos de preços. Mas tais aumentos não têm outra causa senão a que resulta do próprio momento inflacionista que se atravessa, sendo de qualquer maneira bastante inferiores aos progressos realmente oferecidos aos utentes, a cada saída de um novo modelo. Um carro de 100 000 FB (francos belgas) proporciona actualmente um conforto e uma comodidades pelo menos igual àquele que há cerca de quinze anos, custava 200 000 FB. Quanto mais descemos na escala dos preços mais esta regra encontra confirmação. Um Fiat 127, um Renault 5, um Autobianchi A 112, não estão muito longe de prestar serviços idênticos aos que são oferecidos por carros mais prestigiosos. Aliás, a própria forma por que os construtores estão a combater a separação existente entre o pequeno veículo popular e o carro de excepção, demasiadamente caro, revela-se a melhor garantia do caminho certo que a evolução automóvel atravessa. Contrariamente ao que alguns julgam, a democratização deste produto é feita com raras preocupações de qualidade.

do que os seus concorrentes americanos e japoneses.

Há aqui que ter em atenção uma certa óptica financeira a muito longo prazo, que não concede, porém, a nenhuma pessoa, a faculdade de dar razão a uma ou outra parte. Ao fim e ao cabo, o público europeu despreza o genuíno carro americano e entusiasma-se frente ao japonês. A clientela «Made in USA» continua agarrada à grande «banheira» mesmo se os europeus e os japoneses conquistam pontos no próprio terreno de Detroit. Porém, se os europeus não pretenderem fazer demasiadas concessões à racionalização, sobretudo, em função de um preço sem possibilidade de concorrência e face aos trunfos americanos em matéria de poluição e de segurança, poder-se-á pretender que, num futuro próximo serão eles os mais bem colocados na rota do progresso válido do automóvel e no evitar de uma formulação demasiadamente brusca da problemática que tradicionalmente o acompanha.

DESPOLUÍDOS

Isto significa que é urgente enfrentar esta primeira fila de novidades. A Renault, depois

ressante revelar que todos os motores da Regie foram objecto de estudos relativos à sua não poluição, de acordo com as normas europeias relativas a esta matéria, ao mesmo tempo que foram adoptados cintos de segurança para os lugares da retaguarda. As outras novidades importantes dizem respeito ao R12 (conta quilómetros parcial na berlina e travões assistidos por servo-freio) e o R5 TL (possibilidade de comando das mudanças directo à caixa). Esta última iniciativa é particularmente feliz, pois que uma certa clientela (sobretudo feminina) reprova o facto de o R5 ter as mudanças integradas no volante, mais por snobismo do que por espírito prático.

Mas esta clientela será talvez a mais preciosa para a Renault: a clientela de um carro divertido e prático e antes de mais nada, eficaz para a vida citadina. O Mini, o 127, o A 112 possuem um comando das mudanças directo à caixa. Isto pode parecer curioso, mas na venda, este argumento, no momento decisivo, desempenha mais frequentemente do que se possa crer, um papel decisivo. A evocação desta situação permite entrever toda a complexidade de que se reveste a venda de um automóvel, estando os criadores da Renault 5, muito longe de imaginar que um simples comando de velocidades adquirisse uma tal importância ao nível das motivações de compra!

Relativamente aos R15-R17, os responsáveis da Renault aperceberam-se, em menos de um ano de produção, que as partes laterais dispostas por baixo do «tablier» deveriam iluminar inclusivamente a pon-



Jaguar XJ6



Fiat 124 Special/Special T



Autobianchi A 112

AUTÓDROMO DO ESTORIL
VENDO LUGARES CATIVOS, MAIS BARATOS. MOTIVO RETIRADA.

Enviar nome, mor., tel., para
A. RODRIGUES, Apartado 1972 — Lx.^a - 1

Publicidade

ABRIMOS

no dia 25 de Setembro

7 novas agências
2 novas dependências

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

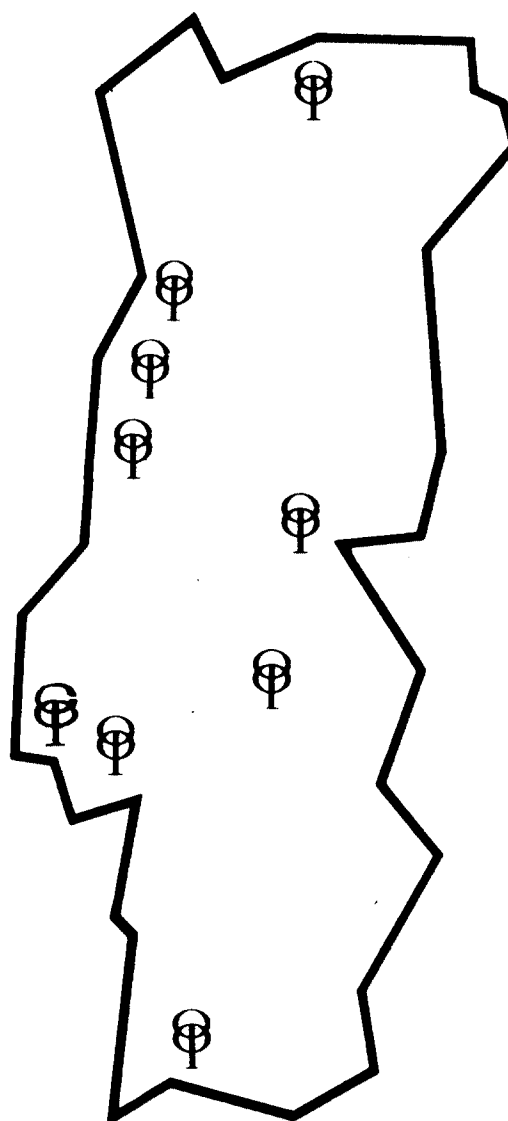
TRABALHA AGORA PARA SI DE

TRAS-OS-MONTES ao ALGARVE

já em

MONTALEGRE
GONDOMAR
PAÇOS DE BRANDÃO
ESTARREJA
FUNDÃO
AVIS
LAGOA
e
BRAAMCAMP
XABREGAS

brevemente no
ESTORIL



DEPÓSITOS À ORDEM
ATÉ 50 CONTOS

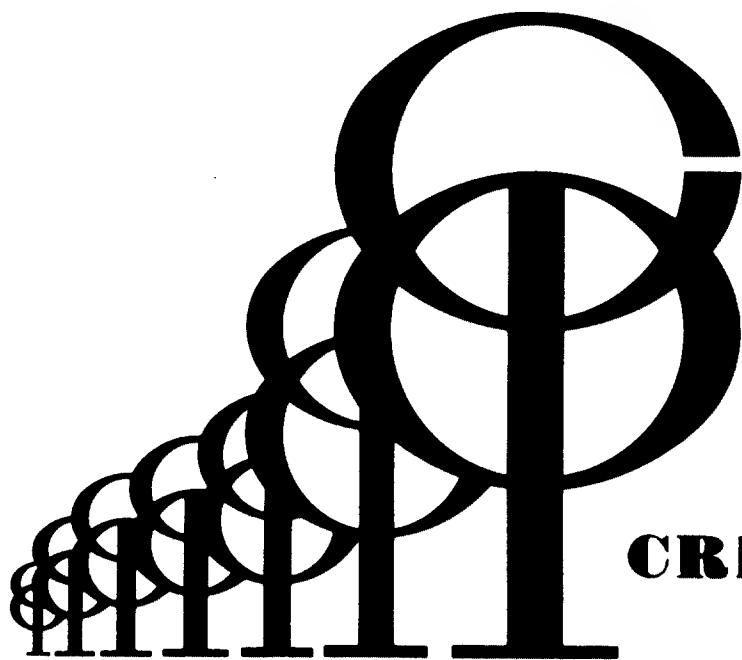
3%

DEPÓSITOS ATÉ
181 DIAS

5,25%

DEPÓSITOS A MAIS
DE UM ANO

5,75%



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

UM BANCO VIRADO AO FUTURO

DL/DOMINICAL

ARQUITECTURA



O arquitecto Barnath

UMA TORRE PARA O REI

«Gostaria de viver, numa casa em forma de tabuleiro de xadrez com uma bela torre ao centro», tinha declarado Bobby Fischer a um redactor do semanário ale-

mão *Der Spiegel*, que o entrevistava antes do campeonato do mundo de Reykjavik. Era, provavelmente, mais uma das tantas estocadas com que o caprichoso

xadrezista americano gosta de chamar sobre a sua pessoa. Mas houve quem tomasse as suas palavras à letra. O arquitecto austríaco Reinhardt Barnath, de 28

anos, apaixonado pelo xadrez grande admirador de Fischer, deitou imediatamente mãos à obra e, numa só noite, sem sair do estirador, e trabalhando com a régua de cálculo, de pois de uma série de operações, fez o projecto da casa ideal para o novo campeão do mundo.

Sem janela. O terreno, naturalmente, deverá ser um quadrado perfeito (64 metros por 64 metros) com a forma de tabuleiro de xadrez. A habitação reservada a Fischer é uma torre cilíndrica de oito pisos, toda de aço polido, brilhantíssimo que, contrariamente aos desejos do campeão, não surgirá exactamente ao centro, mas na casa C4, isto é, na parte sudoccidental do quadrado. Esta torre representará o rei do ponto de vista xadrezístico e charmar-se-á precisamente Rei Fischer. Não terá uma só janela (todas as divisões serão iluminadas por luz artificial e manter-se-ão a temperatura constante), porque a vista de qualquer panorama, bonito ou feio, poderia distrair a atenção do campeão das suas mais originais meditações xadrezísticas.

Outras duas construções vizinhas, que re-

presentam os peões, são destinadas, pelo contrário, aos dois assistentes inseparáveis de Fischer, Larry Evans e Fred Kramer.

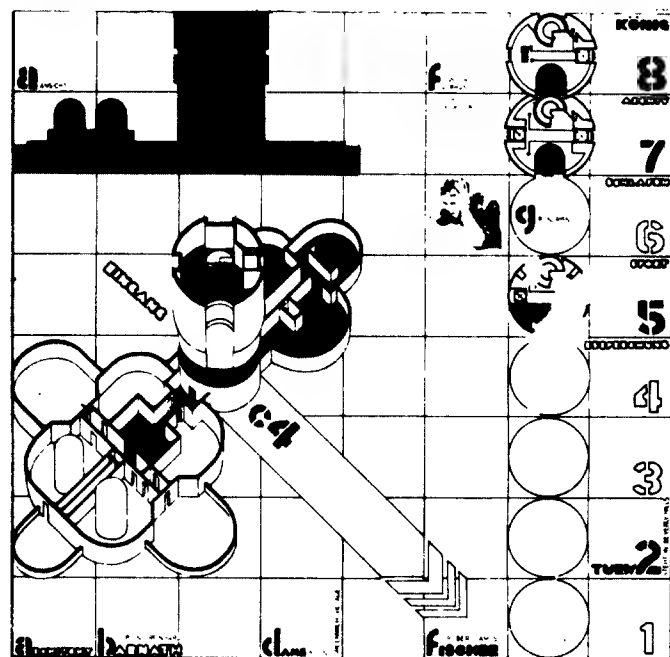
No sétimo piso do torreão de Fischer está coordenado o arquivo do xadrez com uma biblioteca para albergar todos os volumes, as revistas, os retalhos que tratam de problemas de xadrez e as partidas dos campeões de todos os tempos.

Naturalmente, não há qualquer divisão sem um tabuleiro de xadrez.

há um até na grande piscina interior, no quinto piso. E, diante de cada tabuleiro, uma poltrona em pele do tipo preferido por Fischer quando está sentado à mesa de jogo.

O arquitecto estudou um sistema de encaixe que torna possível destacar do resto do torreão os dois últimos pisos e transportá-los algures por meio de guias colossais. Assim, Fischer teria a vantagem de jogar sempre em casa sem enfrentar ambientes desconhecidos que poderiam influir sobre o seu sistema nervoso.

Barnath enviou o seu projecto a Fischer com as seguintes palavras: «Realizado para si por um seu admirador».



O projecto da casa concebida para Bobby Fischer, pelo arquitecto austríaco Reinhardt Barnath. A habitação é uma torre cilíndrica de oito pisos.

SENHORAS

Grande companhia portuguesa pretende, em regime «part-time» para interessante actividade de contacto com o público. Resposta ao n.º 634.

BANCO FERNANDES MAGALHÃES



Aumento de Capital de 75.000 para 350.000 contos

Emissão de 275.000 acções do valor nominal de 1 000\$00 cada, autorizada por portaria de 28 de Junho de 1972, publicada no «Diário do Governo», III série, de 13 de Julho de 1972.

Este aumento de capital social efectua-se nas seguintes condições:

1. Emissão de 60.000 acções por incorporação de 60.000 contos de reservas no capital social,

para distribuição gratuita pelos accionistas, na proporção das que já possuírem. Por cada cinco acções cada accionista receberá quatro novas acções.

2. Emissão de 135.000 acções destinadas à subscrição pelos mesmos accionistas,

ao par, também na proporção das que já possuírem. Por cada cinco acções que já possuam, cada accionista tem direito a subscrever nove acções novas ao preço de 1 000\$00 cada.

3. Emissão de 42.000 acções destinadas à subscrição pública,

com preferência para os depositantes do Banco cujas contas tenham sido abertas até 31 de Dezembro de 1971, ao preço de emissão de 3 000\$00 cada, sujeita a rateio.

4. Emissão de 35.000 acções destinadas à subscrição pública, em Geral,

sujeita a rateio, ao preço de emissão de 3 000\$00 cada.

5. Emissão de 3.000 acções destinadas aos empregados da Instituição,

sujeita a rateio, ao preço de emissão de 2 000\$00 cada.

• O pagamento das novas acções, a realizar em numerário, efectuar-se-á no acto da subscrição. A subscrição efectua-se nos dias 25, 26 e 27 de Setembro de 1972, em todos os balcões do Banco Fernandes Magalhães.

As acções a emitir terão direito a parte do dividendo relativo ao exercício de 1972, proporcional ao tempo decorrido a partir da data da subscrição.

As importâncias correspondentes a acções não atribuídas no rateio serão devolvidas a partir de 15 de Outubro de 1972.

Prevê-se a substituição das cautelas representativas das acções atribuídas pelos títulos definitivos durante o 1.º trimestre de 1973.

Efectuado o aumento de capital todas as acções serão admitidas à cotação da Bolsa de Valores de Lisboa.

O prospecto elucidativo poderá ser obtido em todos os balcões do Banco Fernandes Magalhães.

Após esta emissão o Capital e Reservas do Banco Fernandes Magalhães ascenderão a 512.000 contos.

Porto, 20 de Setembro de 1972.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

FEIRA DE S. MATEUS - VISEU

ENCERRA-SE HOJE O MAIOR CARTAZ TURÍSTICO DE VISEU

Tal como acontece com a maioria das cidades antigas desconhecidas-se a época exacta da fundação da cidade de Viseu, embora alguns elementos recolhidos levem a situar o seu aparecimento ainda antes da Idade da Pedra.

Era porém já uma cidade com a sua importância própria quando os Romanos fizeram a sua aparição na Península Ibérica, como o provam as actas do Concílio de Lugo, onde Viseu aparece já mencionada como cidade episcopal, o que permite afirmar que a sua categoria de Cidade tem, no mínimo, mais cinco séculos que a fundação de Portugal.

Mas a sua importância seria por muito mais vezes afirmada ao longo da História: Com efeito não nos poderemos esquecer ter sido a cidade natal de Viriato — símbolo da resistência lusitana contra o invasor romano — e das lutas dirigidas contra aqueles e cujo centro era a região de Viseu, terem ficado ruínas que fazem hoje de toda a parte antiga da cidade um monumento ao herói lusitano.

Se quisermos avançar nas páginas da História encontraremos na época mourisca a vetusta Capela de S. Miguel do Fetal, onde, segundo a tradição, está sepultado o último rei dos Visigodos, Rodrigo.

Mas o caudal de factos históricos relacionados com Viseu está longe de se circunscrever a estes factos pois também D. João, mestre de Avis, e sua mulher D. Filipa de Lencastre a ela estiveram ligados, tendo sido em Viseu que aconteceu o nascimento de seu filho D. Duarte, que a cidade perpetuou erigindo uma estátua numa das suas principais praças.

Mas outras figuras importantes ficaram para sempre ligadas à cidade, mormente quando da passagem das tropas castelhanas de Trancoso para Aljubarrota e, mais tarde, na

altura das invasões francesas, quando Massena assentou arraiais no palacete do Arco.

Porém talvez o mais relevante monumento que poderemos encontrar em Viseu seja a Catedral, com a sua mistura de estilos, e onde o gótico o romantismo e a renascença se fundem formando um conjunto de rara harmonia e beleza.

Os panos da Muralha como pormenores de das casas da época de quinhentos são pequenas maravilhas que não podem passar despercebidos a quem alguma vez se detiver mais demoradamente numa visita àquela progressiva cidade.

Mais recentemente a cidade modernizou-se de acordo com os requisitos indispensáveis a uma cidade dos nossos dias, com amplos espaços verdes, estradas e ruas a condizer a iluminação capaz de fazer inveja a muitas cidades maiores. Na concepção da parte nova de Viseu não se poderá deixar de notar a extrema atenção com que foi construída, demonstrando um equilíbrio raro de conseguir.

São estes dois estilos, totalmente opostos, que surpreendem o visitante que, quando não prevenido, sentirá uma grata admiração pela forma como esse estranho casamento foi conseguido.

A Feira de S. Mateus é, sem sombra de dúvida, o mais expressivo cartaz de Viseu. Tal como acontece em relação à própria cidade não foi possível até à nossa época determinar qual a data da primeira realização desta feira. Opiniões diferentes e muito desencontradas situam em diferentes épocas esse evento.

Num ponto, porém, as opiniões coincidem: a sua primeira realização é muito remota, o que se justifica pelas excelentes vias de acesso que a cidade sempre possuiu e a sua própria posição geográfica, além das suas naturais riquezas e

notória importância, mesmo em tempos recuados, condições base para o estabelecimento da uma Feira da importância da de S. Mateus, desde sempre a melhor do seu género e com características que a tornam «sui-génêris».

Nem sempre ela se realizou nos mesmos moldes e datas, tendo-lhe sido introduzidas constantes alterações de forma a torná-la sempre actual. Porém, a partir do reinado de D. Manuel I a Feira passou a realizar-se na segunda quinzena do mês de Setembro, sendo transferida para o Largo da Ribeira, onde ainda hoje se efectua, e passando desde então a denominar-se Feira Franca de S. Mateus.

A designação de Feira Franca é justificada por assim se considerar nos dias 20, 21 e 22 de Setembro, sendo o dia 21 o Dia de S. Mateus, feriado no concelho.

A Feira de S. Mateus, nesta sua edição de 1972, foi inaugurada no dia 2 deste mês estendendo-se a sua realização até ao dia 24.

Durante estes dias haverá realizações de carácter diverso, desde a Feira de Gado — entre os dias 14 e 17 — onde se efectuam compra, venda e trocas de animais. E justo salientar este acontecimento, particularmente numa região como Viseu, onde existem 60 000 cabeças de gado de trabalho, 4000 turcos, 120 000 ovinos, 130 000 suínos e mais de 2 000 000 de aves de postura e carne.

Fácil, portanto, de imaginar o extraordinário êxito que representa tal manifestação, com colorido e movimento peculiares.

Como é da tradição a feira inaugurou-se no dia 2 com as habituais arruadas pelo Grupo de Zés Perceiras de Ribeira de Frades, sendo a abertura oficial feita à noite com a presença de membros do Governo e autoridades distritais e concelhias, procedendo-se nesse momen-

to à ligação da iluminação do recinto da feira.

Depois de uma salva de 21 tiros procedeu-se à inauguração das exposições de mobiliário (em que a região de Viseu com o seu estilo próprio é rica) agropecuárias, Federação de Vinicultores do Dão e artesanato beirão.

A finalizar a cerimónia da inauguração houve um concerto pela Banda de Música da Empresa Hidroeléctrica da Serra da Estrela. A diversificação do programa estabelecido pela comissão organizadora da Feira de S. Mateus é a todos os títulos notável, pois manifestações de todos os géneros têm ali lugar.

Assim, no dia três disputou-se no Aérodromo Gonçalves Lobato um festival de aeromodelos teleguiados, seguindo-se, à noite um espectáculo de variedades patrocinado pela F.N.A.T., o qual teve a colaboração de alguns dos mais conhecidos artistas da Rádio e da T.V.. Ainda nesse dia procedeu-se a uma grandiosa sessão de fogo de artifício.

No dia imediato foi inaugurada a exposição bibliográfica dos séculos XV e XVI, na Biblioteca Municipal.

O dia cinco foi preenchido com a realização de uma gincana de triciclos para crianças, pelo Concurso de Artes Plásticas subordinado ao tema «Viseu visto pelas crianças», e uma gincana de bicicletas.

O dia 6 foi em grande parte dedicado também às crianças com acções de palhaços e uma visita organizada à exposição dos trabalhos feitos no dia anterior, assistindo-se no dia imediato a um torneio de hóquei em patins.

Outro espectáculo de variedades foi organizado no dia 8, enquanto o dia imediato foi animado com o XI Circuito de Karting de Viseu, a que nem a intensa chuva que então se fez sentir conseguiu tirar o brilho.



O desporto continuou a ter a primazia no domingo, dia dez, em que se efectuou o Grande Prémio de S. Mateus, prova de pedestrianismo, que se efectuou numa volta à cidade.

Ainda no domingo houve o início do V Desfile Etnográfico Distrital ou VII Festival Folclórico.

Após um dia de intervalo a Feira prosseguiu na terça-feira com um encontro com os Órgãos de Informação, um jantar regional e um

concerto pela Orquestra Sinfónica do Porto, sendo a exposição fotográfica inaugurada no dia imediato.

De 14 a 17 realizou-se, como já dissemos, a feira de gado, além de uma pericia em automóveis exibição de ranchos folclóricos e mais uma sessão de fogo de artifício, enquanto os dias 18, 19 e 20 foram destinados à exibição das bandas concorrentes e à sua classificação.

Continua na pag 15

ASSIM TODOS PODEM COMPRAR!...

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

ALCATIFAS
MOBÍLIAS
MAPLES
PAPÉIS DECORATIVOS

TELEVISORES
GRAVADORES
GIRA-DISCOS
ALTA FIDELIDADE

MAQUINAS DE LAVAR
FOGÕES
ESQUENTADORES
FRIGORÍFICOS

CANDEEIROS
ASPIRADORES
ENCERADORAS
FRITADEIRAS

E TODA A GAMA DE ELECTRODOMÉSTICOS

M. L. FERREIRA — Rua D. Estefânia, 48-A — LISBOA

torralta



Um turismo
de verdade
A verdade
do turismo

FEIRA DE S. MATEUS - VISEU

ALTABEIRA FÁBRICA DE MÓVEIS DE ESTILO, LDA.

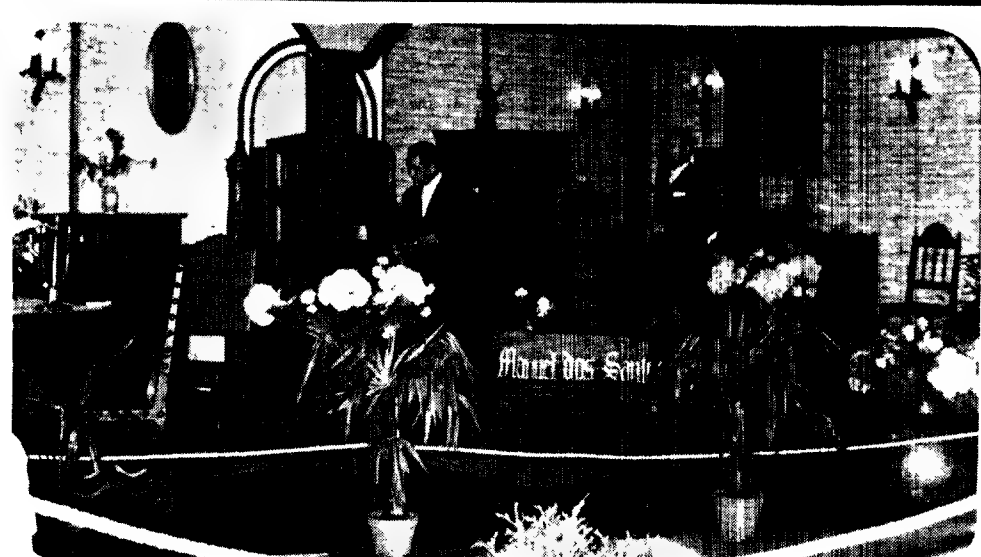
FIAIS DA TELHA — BEIRA ALTA — TELEF. 0032 - 68276



De apresentação sóbria e distinta o vasto «stand» da Fábrica de Móveis ALTABEIRA oferece o aspecto que a foto documenta, com destaque para algumas peças de mobiliário de Estilo. O mobiliário para a ALBERGARIA RESIDENCIAL INSULANA * * * *, recentemente inaugurada, foi de concepção e execução dos mesmos artistas.



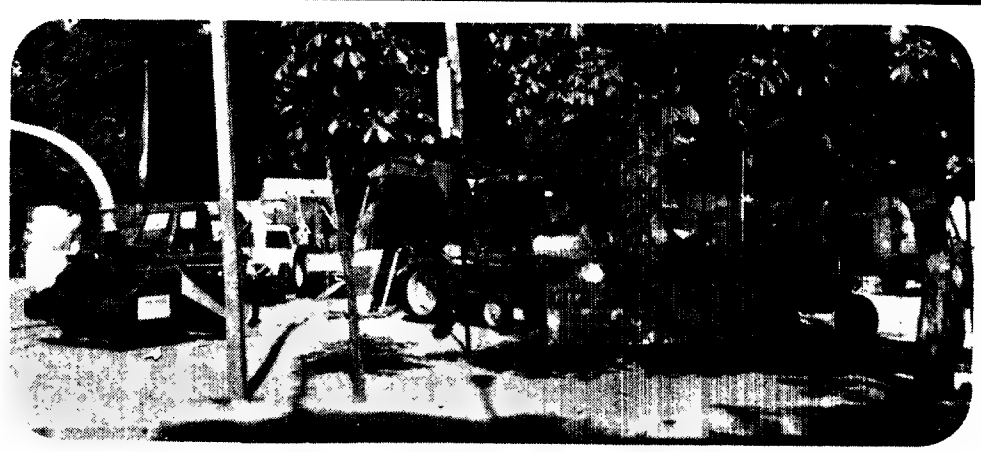
A Agência de Viagens «Coche da Beira» Lda. vem mantendo ano após ano a sua presença na Feira e das companhias transportadoras aéreas e marítimas para elo de contacto com os milhares de visitantes que durante o ano a frequentam e a nossa foto documenta



Pormenor de um dos «Stands» da fábrica de Móveis Manuel dos Santos, de Abraveses, apresentados no Pavilhão das Actividades Económicas, na Feira de S. Mateus



Com aspecto atraente, a fábrica de Espelhos, Biselagem e Gravura A VIDREIRA (a maior do centro do País) expõe no seu vasto «Stand», artigos de espelharia executados nas suas oficinas e mobiliário metálico dos seus representados.



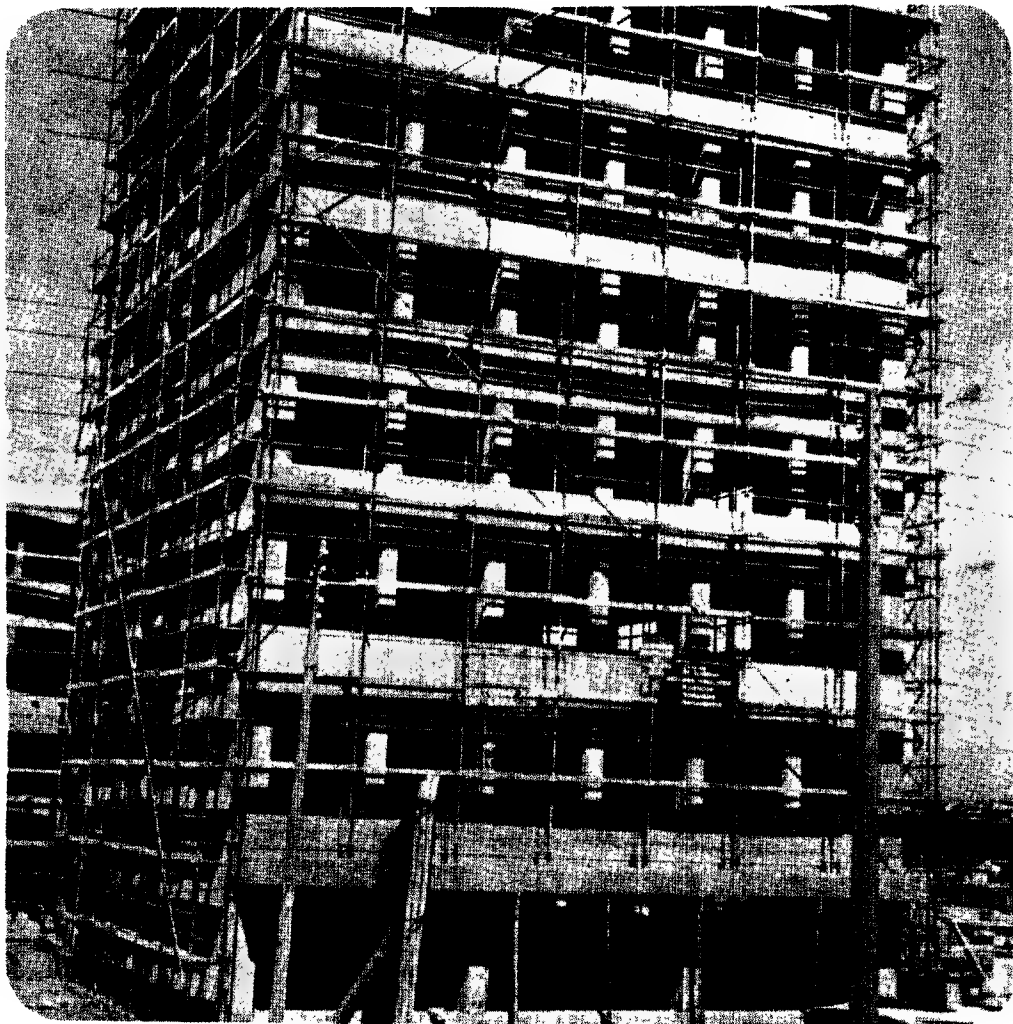
Aspecto geral do «Stand» de exposição da Soc. Comercial Guerin S. A. R. L. (divisão agrícola), apresentando a vasta gama dos tractores agrícolas da famosa marca JOHNDEERE representada no distrito de Viseu pela firma AUTO JUSTINO SANTOS, LDA., Avenida da Bélgica, Telefones 0032 - 22546 - 25161.

torralta



**Do sol à neve
Um turismo
de quatro estações**

FEIRA DE S. MATEUS - VISEU



Edifício próprio em fase de acabamento para as futuras instalações dos serviços técnicos e administração da firma **A. XAVIER DE LIMA**, integrado no conjunto urbano de Amora

TEMOS UM TERRENO PARA SI!

Lotes desde: **30 000\$00 a 800 000\$00**

com ÁGUA, LUZ, TELEFONE, ESTRADAS
ASFALTADAS E ACESSO A VARIADÍSSIMAS PRAIAS
da

REGIÃO DOS 3 CASTELOS

ONDE PODE CONSTRUIR A SUA VIVENDA
OU PRÉDIO DE RENDIMENTO

TEMOS AINDA PRONTOS A HABITAR
MORADIAS e ANDARES

A maior oportunidade de sempre
nos empreendimentos de:

António Xavier de Lima

ESTRADA NACIONAL 10 N.º 6-1.ª - COVA DA PIEDADE

TELEFS.: 27 49 66-27 43 05-27 19 58

Continuação da pág. 13

O dia 21, dia de S. Mateus, foi marcado no seu início por uma alvorada marcando o início do dia festivo que marca o restabelecimento do feriado municipal, prosseguindo com mais um festival de atletismo, o III concurso do vestido de chita e cerimónia entrega dos respectivos prémios e ainda a exibição da banda vencedora do Concurso de bandas.

Na sexta-feira, pelas 21.30 h., procedeu-se à proclamação dos

premiados nos II Jogos Florais e Concurso de Artes Fotográficas e ainda dos premiados na Campanha de Arborização e Ajardinamento das Escolas Primárias do concelho, sendo a noite de 23 dedicada à canção nacional — o fado — que contou com a participação de alguns dos nossos melhores artistas.

Hoje às 17 horas haverá mais uma exibição de ranchos folclóricos a que se seguirá uma sessão de fogo de artifício que marcará o encerramento oficial da Feira 72.

Como se pode constatar foi cum-

prido um programa altamente interessante para os 22 dias que durou a Feira 72. Vinte e dois dias de muitos anseios e esperanças por parte de quem, com o melhor do seu esforço, contribuiu para pôr de pé a maior Feira do seu género existente em Portugal.

Restar-lhes-á a alegria de ter valido a pena, única compensação que os fará meter de novo ombros a tão grande empreendimento para que a edição de 1973 possa ser uma realidade e um êxito que se espera sempre maior.



Aspecto do Bar instalado pela Federação dos Vinicultores de vinhos do Dão, no seu Pavilhão da Feira de S. Mateus, em Viseu

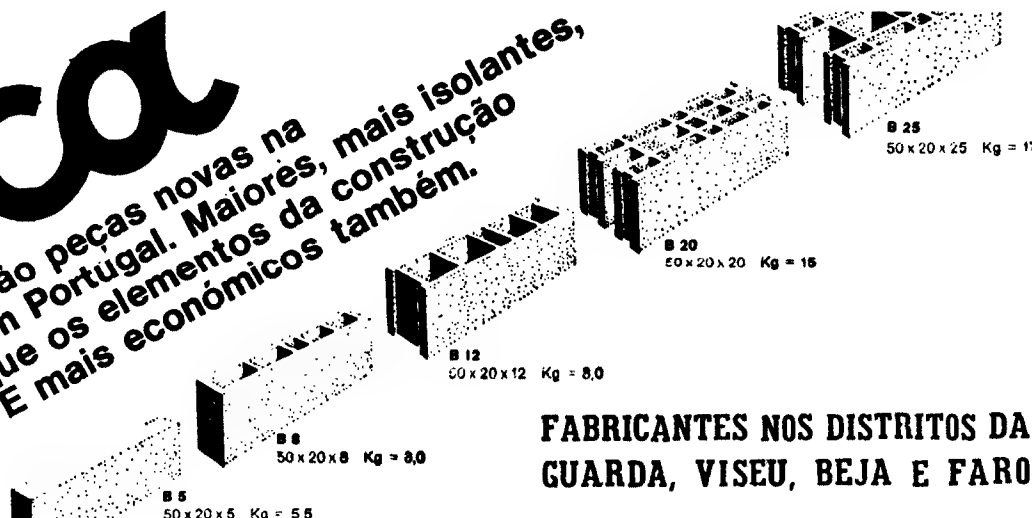


**«VALE MAIS UM SEGURO SEM ACIDENTES...
...DO QUE UM ACIDENTE SEM SEGURO»**

COMPANHIA DE SEGUROS METRÓPOLE
Seguros em todos os Ramos

Delegação em Viseu — Rua do Comércio, 6-2.º
Tel. 22912

Leca
Blocos Leca, são peças novas na construção em Portugal. Maiores, mais isolantes, mais leves que os elementos da construção tradicional. E mais económicos também.



**FABRICANTES NOS DISTRITOS DA
GUARDA, VISEU, BEJA E FARO**

O bloco LECA para alvenarias é um manufacturado de betão de Leca produzido segundo regras precisas de dimensão, qualidade e resistência, estudadas com base nos resultados de laboratórios e de fábricas existentes em doze países da Europa. As suas dimensões são rigorosas e as arestas perfeitas porque são peças prensadas e vibradas segundo a melhor e a mais moderna técnica.

EM PAREDES EXTERIORES

O bloco LECA EVITA A CLÁSSICA PAREDE DUPLA aumenta o isolamento das construções e torna-as mais económicas.

EM PAREDES INTERIORES E DIVISÓRIAS

O bloco LECA DISPENSA O REBOCO uma operação cara em materiais e mão-de-obra



LISBOA · LEIRIA · LAGOA · GUARDA

STOCK PERMANENTE

GUARDA
TEL. 817 ARRIFANA
FARO
STAND DE EXPOSIÇÃO E VENDAS
LARGO S. LUIS, 3 TEL. 24173
LAGOA TEL. 52194/95

REPRESENTANTES DE MATERIAIS NOVOBRA NO DISTRITO: PRÓTECNICA — AV. 28 DE MAIO, 86-88 — Telefone 2 24 50

MÉXICO/68

200
MORTOS

O FIM DOS JOGOS

OLÍMPICOS

Munique confirmou os temores nascidos após os Jogos de 1968, na Cidade do México: há o perigo de que as Olimpíadas se tornem cada vez mais uma ocasião para conflitos violentos. Põem-se já graves interrogações para a próxima edição que terá lugar em Montreal, capital do separatismo do Quebec.

Suspeita em Israel, acusações nos países árabes. Da tragédia de Munique, a posição da Alemanha Ocidental sai enfraquecida. E isto poderá ter sérias repercussões na economia de Bona.



MUNIQUE/72

11
MORTOS

«Se tivessem sido de qualquer outra nacionalidade, tê-los-iam salvo de uma maneira ou de outra. Mas eram israelitas. O que são nove judeus para os alemães?». São amargas reflexões recolhidas em Jerusalém e em Tel Aviv após o massacre de Munique. Oficialmente, o Governo israelita aprovou a acção conduzida pela chancelaria federal de Bona e o primeiro ministro Golda Meir agradeceu a Willy Brandt as suas tentativas para salvar a vida dos atletas israelitas. Porém, o humor do homem da rua é diferente. Dizem que os alemães se comportaram desajeitadamente, que, se tivessem esperado pelos atiradores escolhidos israelitas, as coisas teriam corrido de outra maneira.

ALEMANHA: ENTRE OS ARABES E OS JUDEUS

Neste estado de ânimo geral, em Israel voltaram a estar na moda as velhas piadas e histórias anti-alemãs. Volta a falar-se da enorme gafe cometida pela Alemanha Federal em Junho de 1967, pouco antes da Guerra dos Seis Dias, quando Bona expediu para os israelitas 20 mil máscaras antigás, e os jornais locais saíram com títulos do género: «Primeiro as câmaras de gás, depois as máscaras antigás». Recordar-se a ajuda que alguns criminosos de guerra nazistas teriam oferecido ao Egipto depois da Segunda Guerra Mundial: as suásticas pintadas em muitos carros de assalto



egípcios durante a campanha do Sinai em 1956: as edições de *Mein Kampf* (traduzidas para o árabe por Louis Hadj, que foi director dos programas para o estrangeiro do Ministério das Informações sírio) encontradas nas mochilas dos soldados árabes capturados também em 1956. Cita-se novamente um jornal neonazista alemão que, em 1963, teve a imprudência de publicar uma inesperada afirmação do presidente egípcio Gamal Abdel Nasser: «Os campos de extermínio deixaram de existir».

«É muito difícil, hoje, ser alemão em Israel», confiou ao jornalista um elemento

do corpo diplomático da Alemanha Federal. «Quase como ser árabe».

Paradoxalmente, também no mundo árabe as acções de Bona tiveram uma descida precipitada. O presidente egípcio Anwar El Sadat descarregou inteiramente sobre Brandt a culpa do malogro das negociações, em Munique, com os guerrilheiros de «Setembro Negro». O mesmo fizeram os porta-vozes dos Governos líbio e argelino. Pior ainda: o secretário-geral da Liga Árabe, o egípcio Mahmud Riad, solicitou a Bona uma retratação oficial de uma declaração na qual parte da culpa do massacre dos onze israelitas era atribuída à intransigência egípcia.

Terminada a guerra, a Alemanha Federal voltou à

cena médio-oriental em 1954, quando o então chanceler Konrad Adenauer se encontrou com o então primeiro ministro israelita David Ben Gurion no seu *kibbutz* em Sde Boker. Os dois estadistas lançaram então as bases de um acordo por virtude do qual Bona teria pago a Jerusalém mais de 23 milhões de contos por conta de reparações pelas vidas e propriedades perdidas pelos judeus alemães ao tempo do III Reich. O acordo caducou em Maio de 1966: porém, mesmo depois desta data, a Alemanha Federal tem continuado a ajudar Israel com uma importância à volta de um milhão de contos por ano. Segundo os regimes árabes, estes financiamentos só teriam servido para reforçar o armamento de Israel.

As relações germano-árabes pioraram ulteriormente em 1965, quando o chanceler Ludwig Erhardt decidiu reconhecer diplomaticamente Israel. Dez países membros da Liga Árabe retiraram os seus embaixadores de Bona (porém, a Líbia, Tunísia e Marrocos recusaram seguir o seu exemplo). A Alemanha Federal continuou a comerciar vantajosamente com os países árabes (em 1970, por exemplo, exportou aproximadamente 35 milhões de contos para o Egipto, com um incremento de 40 por cento relativamente ao ano anterior) mas sem conseguir reconquistar as suas simpatias.

Contudo, o pior para o Governo de Bona (que sempre manteve a afirmação de representar todo o povo alemão) ainda estava para vir. Em 1969, dois anos depois da Guerra dos Seis Dias o Governo de Bagdá reconheceu diplomaticamente, sendo o primeiro entre os países árabes, a Alemanha



O incidente de Munique levou à «olimpíada». Segundo c

O muito é feito de poucos. Ganhando menos consegue-se mais.

GRANDE OURIVESARIA
DA MODA

RUA DA PRATA, 257

● EXCLUSIVO MONDADORI

Oriental. Seguiram-se a Síria, o Sudão, o Egito e o Iêmene do Sul.

O equilíbrio é, no entanto, estabelecido pouco depois. Em 1969, o Iêmene do Norte enviou o seu embaixador por Bona (havia sido precedido, em 1967, apenas pela Jordânia, que tinha obtido logo enormes auxílios para sanear a sua economia desmoronada pela guerra). O exemplo do Iêmene do Norte foi seguido, em 1971, por dois países mais intransigentes da Liga Árabe: a Argélia e o Sudão. Depois (em Abril de 1972), foi a vez do Líbano. Finalmente, em Junho de 1972, a do Egito.

A normalização das relações com Bona foi unanimemente considerada como uma prova da «nova maturidade» das várias capitais árabes (Kuwait, Arábia Saudita e Síria estavam ainda a negociar o reconhecimento da Alemanha Federal, aquando do massacre do Munique). De facto, foi sublinhado, a abertura dos árabes relativamente aos alemães não é absolutamente coincidente com uma diminuição do apoio financeiro de Bona a Jerusalém. Também comercialmente e diplomaticamente as coisas andavam bem. Exactamente em 1971, com cerca de 30 milhões de contos exportados para Israel, a Alemanha Fe-

deral tornou-se o segundo fornecedor, depois dos Estados Unidos. Ainda em 1971, o ministro federal dos Negócios Estrangeiros havia visitado Jerusalém.

Agora, depois de Munique, a Alemanha Federal, que já expulsou do seu território 14 cidadãos árabes considerados «indesejáveis», encontra-se entre a espada e a parede. Por um lado, a hostilidade latente da opinião pública israelita; por outro, as acusações do mundo árabe. Um mundo árabe que fornece 75 por cento do petróleo indispensável à indústria alemã (45 por cento vem da Líbia, o restante da Argélia e da Arábia Saudita) e que, para os homens de negócios de Bona, constitui um mercado de primeira ordem. Actualmente, graças ao petróleo, o intercâmbio é favorável aos árabes, mas os projectos de industrialização que a Alemanha Federal está a estudar em quase todas as regiões do Médio Oriente teriam podido colmatar, a longo prazo, a desvantagem.

AS OLIMPIADAS E A POLÍTICA

Eram políticas as Olimpíadas de Hitler em 1936, foram-no as de Tóquio, que deviam mostrar ao mundo o símbolo do milagre japonês. Para muitos

teria sido fácil esquecer os mais de duzentos mortos «políticos» da Cidade do México. Talvez porque o sangue não fora vertido dentro da Aldeia Olímpica, parecera apenas uma questão de política interna do Governo mexicano. E eram pelo contrário, os primeiros alvares daquelas tragédias que a partir de então têm ensanguentado diversos países do continente latino-americano.

As Olimpíadas de Munique continuaram, pois, logicamente, por motivos políticos, mais do que desportivos. Sobre tudo, continuaram porque Brundage, na sua pronta decisão, sabia que todas as grandes potências, mais Israel e a Alemanha, estavam com ele. «Os Jogos devem prosseguir». Só os filipinos, na sua ingénua pureza, não compreenderam o que significava verdadeiramente esta frase, não foram solicitados porque à cabeça da colecção de medalhas figuravam as potências industriais mais desenvolvidas: USA, URSS, Japão, as duas Alemanhas.

A política, para voltar depois à originária etimologia da **polis**, da cidade-Estado, é ainda algo de mais genérico. Neste sentido, também a Aldeia Olímpica, tal como a vi nestes dias durante e depois da tragédia, era a **polis**, era o es-



Um dos três árabes capturados no aeroporto é conduzido numa ambulância da Polícia

pelho da nossa sociedade. O **shopping center**, que recorda o de Houston: tão cheio de jardins artificiais, de escadas rolantes, de empórios de mau gosto, aonde triunfa o «compro, portanto, estou», imperativo cartesiano do nosso tempo. Uma juventude belíssima, um negócio colossal, uma tecnologia organizativa, uma engenharia biológica dos atletas impelida aos limites do inquietante. E como contrapor Super-campeões, uma população internacional de meia idade unida... comunistas e burgueses, brancos e **coloured** pela mesma ansia de divertimento e de esquecimento. Pareciam quase os reis magos da era de massa. Por isso, os terroristas executaram o golpe. Porque a Olimpíada não é diferente do mundo, mas é o mundo de hoje.

OLIMPIADAS MONTREAL, 1976

Poderiam também ser as últimas Olimpíadas deste século. Seguramente, serão as últimas em que bem ou

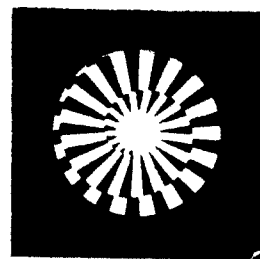
mal, esteja representada toda a Humanidade. Questões como a da Rodésia serão, então, talvez, secundárias. Nos parlamentos de muitos países, e não só em Israel, discutir-se-á se vale a pena, por causa de uma medalha, arriscar a vida de alguns jovens. Outros países discutirão sobre a linha da tática e do bizantinismo se participar nas Olimpíadas não significará baixar a «lógica das potências». Já se viu isso em Munique. A Roménia, também em matéria de Olimpíadas, considerou ter de se diferenciar da U. R. S. S., que não interveio na comemoração do estádio olímpico.

Em resumo, as perspectivas são muito piores do que em Munique. O fardo da responsabilidade, que durante a cerimónia de encerramento, foi entregue ao prefeito de Montreal para os Jogos de 1976, encobre sob símbolos e bandeiras uma realidade explosiva. Montreal é a capital do separatismo de Quebec, a pátria dos guerrilheiros que mataram o ministro Lapor-

te e sequestraram Cross. E, também ele, como a Alemanha, país livre e civilizado que quer mostrar ao mundo como a liberdade pode conviver com a democracia. Mas um país que, após os factos trágicos do Outono de 1970, está marcado por uma ferida, como aquela que terá para sempre sobre o seu rosto o Munique de 1972. Um país de emigração e de desespero, aonde reina a Mafia da construção civil, e onde, sobre o ódio secular entre ingleses colonizadores e franceses subdesenvolvidos, se projecta a sombra gigantesca da América. Um país para onde fogem os extremistas dos movimentos revolucionários negros e aonde passam certos canais não secundários do tráfico de armas, da droga e da espionagem, do **racket** de trabalhadores e de clandestinos de todas as partes do mundo.

O enevoador encerramento dos Jogos de Munique teve, em suma, um estremecimento, uma pausa de suspensão, o peso de uma dúvida que ultrapassa a própria comoção pelo assassinio dos hóspedes israelitas, que ultrapassa as polémicas sobre a responsabilidade da Alemanha. É a dúvida se uma era terminou para sempre, se as Olimpíadas nunca mais serão as mesmas. Depois que toda a trégua foi violada, há o perigo de que elas se tornem como que uma gigantesca calamidade pela repetição de outras contestações, de outras violências, de outras tragédias. Fazemos votos para que Munique não seja como Dallas, o início de uma longa maldição.

A colina marciana de Munique, com as suas fabulosas velas de vidro aonde o Sol jamais foi obscurecido pelas nuvens, agora que os Jogos terminaram, parece sugerir uma imagem de fantasmagoria: visão de atletas de laboratório que competem sob vidro, sôzinhos perante as câmaras de televisão, como deus de um outro planeta, espiados por dois biliões de terrestres. Será já assim depois de Montreal?



Um grande número de pessoas a pensar em problemas que têm pouco a ver com a «paz testamentária política dos palestinianos de «Setembro Negro», era essa a intenção



cinefoto avis

AO COMEMORAR O QUARTO ANIVERSÁRIO
SAÚDA E CUMPRIMENTA AMIGOS,
CLIENTES E FORNECEDORES.

GASQUILHO

& FILHOS, LDA.

AGENTE OFICIAL



1.600 COUPÉ



visite a exposição na
Av. Guerra Junqueiro, 14 A.B.C - Lisboa

Externato Sebastião da Gama

CICLO PREPARATÓRIO E LICEAL

ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA O PRÓXIMO ANO
LECTIVO

Av. Almirante Reis, 106, 1.º — Telfs. 822776/823531
(Em frente da Cervejaria Portuguesa)

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE S. JOÃO

Até 30 de Setembro estão abertas as inscrições
para os cursos de:

- Enfermagem geral.
- Auxiliares de enfermagem.
- Especialização obstétrica para enfermeiras e
para auxiliares de enfermagem.

Pedido de informações à Secretaria da Escola
à Praça 9 de Abril, 161 — Porto — Telef. 44075.

TOYOTA

SERVIÇO OFICIAL

Peças e acessórios, mecânica, bate-chapas,
electricista, estofador, pintura e Estação de
Serviço

Rua Artilharia Um, 105-A — Tel. 68313/2/3

COTAL

Rua dos Lusíadas, 113-A — Tel. 631057/8

SERVIÇOS RÁPIDOS

TABELA DE PREÇOS — ORÇAMENTOS
PRÉVIOS

BROTHER

A sua máquina de escrever e somar — novos modelos

Pedidos a GALERIAS ROLDÃO

Av. Almirante Reis, 13-E Metro Intendente

"EL LUTE"

«A comida esfria-se mas a vingança não se esfria nunca», afirmou um dia, o bandido mais famoso de Espanha, «El Lute».

A opinião pública espanhola, todo este Verão, tem sido canalizada para o caso Eleutério Sanches Rodrigues, o «quiqui» lançado, desde muito novo, na marginalidade, e que mobilizou, cerca de dez mil policiais, no seu rasto. Fugido como uma enguia, especialista em fugas das prisões venceu, por enquanto, uma das mais decididas caças ao homem jamais presenciada em Espanha. Depois de 29 de Julho a impressão geral é que «El Lute» desapareceu como se a terra o tivesse tragado. As autoridades continuam a busca, em toda a Espanha, mas as pistas apagaram-se; agora as tentativas, as investigações partem do nada, às apalpadelas, sem dados seguros que conduzam à prisão definitiva um homem disposto a vender cara a sua vida. Talvez porque a sociedade não lhe franqueasse saída.

A HISTÓRIA DE «EL LUTE»

Eleutério Sanchez Rodrigues nasceu num carro ambulante, nos arredores de Salamanca, da família «Patapocha», em 15 de Abril, de 1942. Descendente de raça cigana, da tribo dos «mercheros», cresce nos hábitos nómados errando de terra em terra e acostu-



El Lute com os sobrinhos e os filhos na prisão del Puerto de Santa Maria

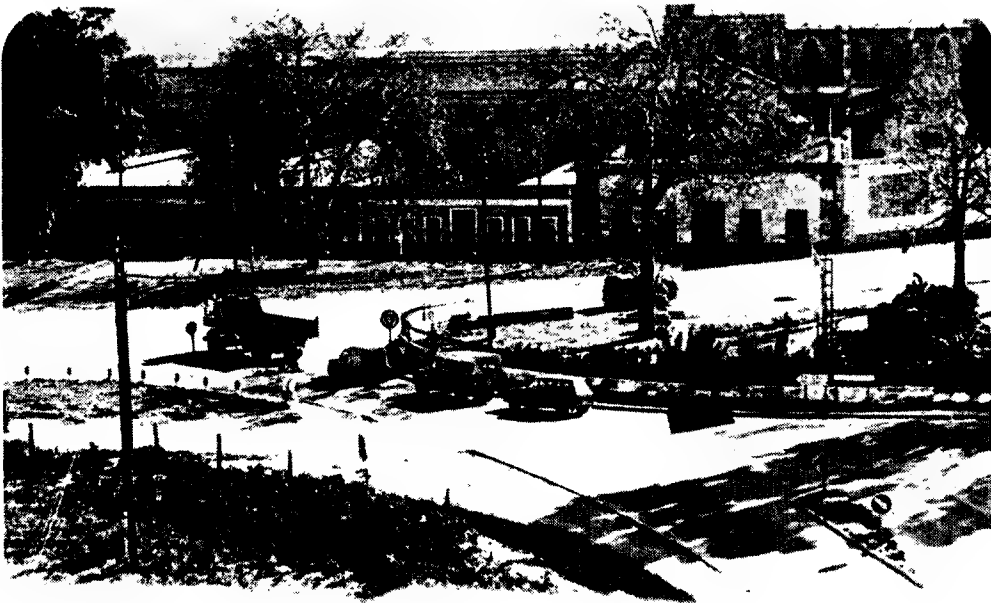
ma-se ao roubo, ao engano, à astúcia para angariar os meios de subsistência. A criança que não teve tempo de aprender a ler assimila a dura lei da sobrevivência dentro das regras que a moral condena. Privações de toda a ordem endureceram-lhe o corpo e a vontade: «um homem sem nada

a perder não tem medo de arriscar a vida». A raiva, e o ódio, a revolta, crescem dentro dele, traduzidas em actos de delinquência — a sua forma de estar contra o «establishment». O seu modo de vida é vender tudo o que encontra, roubar o mais possível e defender-se. Em 1962 a guarda civil des-

cobre a sua existência. Depois de algum tempo, no cárcere, muda-se para Madrid. Para um «getho» onde vivem outros marginais, como ele que não compreendem a sociedade que os segrega. Então conhece Raimundo Medrano e Juan José Agudo, dois «quiquis» dentro do mesmo esquema combinam «trabalhar» juntos: no ataque à propriedade privada.

As duas e um quarto, da tarde 5 de Maio de 1965, os três sócios, aproveitando as horas do almoço, quando os estabelecimentos estão encerrados, dirigem um golpe a uma joalharia e conseguem escapar-se com o produto do roubo. Só que as coisas não correram tão fáceis como pareciam à primeira vista. Tomás Ortiz Lopez, de 65 anos, guarda da loja, deu o alerta: «Ladrões!» e os «quiquis» dispararam um tiro de pistola. O guarda, gravemente ferido, acaba por sucumbir no hospital.

Mais tarde o grupo que levava uma vida normal, sob a capa de nomes falsos, é detectado pela polícia num bar da Rua Galileu. Ao sentirem-se «topados» tentam a fuga mas as forças da ordem interceptam-nos com alguns disparos. Eles res-



A prisão de Puerto de Santa Maria, donde «El Lute» fugiu na madrugada de 1 de Janeiro de 1971

10.000 polícias empreenderam em Junho passado a mais fantástica caça ao homem de que há memória em Espanha. Entretanto, Eleutério Rodrigues Sanches, o homem em questão, afirmava algures: «A comida esfria-se, mas a vingança não se esfria nunca!»

A HISTÓRIA DE UM MARGINAL

pondem. No meio do tiroteio cai fulminada uma menina de 5 anos que brincava tranquilamente na rua. Onde pariu a bala que matou a criança? Da polícia ou dos delinquentes? Não se sabe. No entanto «El Lute» e «Medrano» foram apanhados. E condenados à morte num conselho de guerra sumário. No entanto o presidente da República, generalíssimo Franco, comuta-lhes a pena capital para trinta anos. Assim, «El Lute», aos 23 anos dá entrada na prisão de Carabanchel e um ano depois é transferido para «El Dueño», em Santonã. Quando a sua comparência foi pedida no tribunal, onde seria julgado pela morte da pequena Raquelín Campinas, o marginal que viajava num comboio correio na companhia da guarda civil, libertou-se das algemas e saltou, a 78 quilómetros à hora, para o campo. A guarda civil rasteia o terreno, palmo a palmo, e consegue capturá-lo. Desta vez «El Lute» é metido numa prisão, de alta segurança, no Puerto de Santa Maria. Aí trava conhecimento com um jovem anarquista espanhol que o ensina a ler. O bandido dotado de excepcional inteligência e de uma agilidade mental espantosa, depressa domina as letras, o anarquista orienta-lhe as leituras para Malatesta, Guevara, Debray... e o espírito de «El Lute» apreende tudo.

A sua conduta, dentro da prisão é tão submissa que deixa os carcereiros, espantados. Demonstra grande interesse pelo trabalho e porta-se como um cordeiro. Ao fim de quatro anos, precisamente, na passagem do ano de 70-71, enquanto os colegas, cantavam, riam e brincavam, «El Lute», com uma virilidade fora de série, escapa-se, como nos filmes, de uma prisão onde as possibilidades de fuga eram quase impossíveis. As sentinelas, ainda, atiraram mas as rajadas de metralhadora não o atingiram.

OS «QUINQUIS»

Em 1969, o jornal «A.B.C.», de Madrid, publicou um artigo sobre «Los quinquis», de José Maria Moreiro, nuns termos de tal ordem violentos, que justificaram a resposta lúcida e agressiva de Alfonso Sastre, na revista «Triunfo». Dizia o articulista «Filhos da noite e da estrada, praticos

do crime e do latrocínio, catetdráticos da gazua e do alicate, deturpadores da verdade, ícones do delito e ladrões de tudo». Mais aditante a fúria justiceira da pena da jornalista acentua que os «quinquis» não têm nada a ver com o «pacífico povo cigano que gosta da vara de oliveira, do dedilhar da guitarra e da indolência da sesta». E ainda: «enquanto o cigano tem a sua graça e a sua história o «quinqui» tem o semblante turvo e más entranhas; é ladino, hipócrita e perigoso». Alfonso Sastre rejeita duramente as palavras de José Moreiro que, no fundo, corresponde a uma mentalidade-filosofia, imposta em Espanha, com a seguinte argumentação «é claro que os praticantes da violência social só vêem a violência dos outros: dos oprimidos. O agressor é cego na sua própria violência: E o dramaturgo espanhol continua: «Quando andava a escrever a «Taberna Fantástica» tive ocasião de conhecer, na prisão de Carabanchel, com outros camaradas das letras, a chamada grande delinquência quinquilha: Medrano, El Lute, os irmãos

Texto de LOURDES FÉRIA

Romeros e outros. Ali estava a acusação viva contra a sociedade em que este tipo de violência se produz. Proudhonianos sem saber que o são, a propriedade, representa, para eles, o verdadeiro roubo».

Quem são os «quinquis»? Gente da tribo dos «mercheiros», de ofício nómado, socialmente marginal e sempre segregada nas suas tentativas de integração. Os «quinquis», tal como os ciganos, pertencem ao «lumpen» proletariado. Vivem, geralmente, em bairros de lata ou «cuevas» e dedicam-se à venda ambulante. A cruel miséria, as condições de vida, o vazio cultural, o desamparo social criam neles uma moral, uma linguagem, uma idiossincrasia «sui generis»...e até uma agressividade que é uma provocação ao mundo inimigo.

O MITO

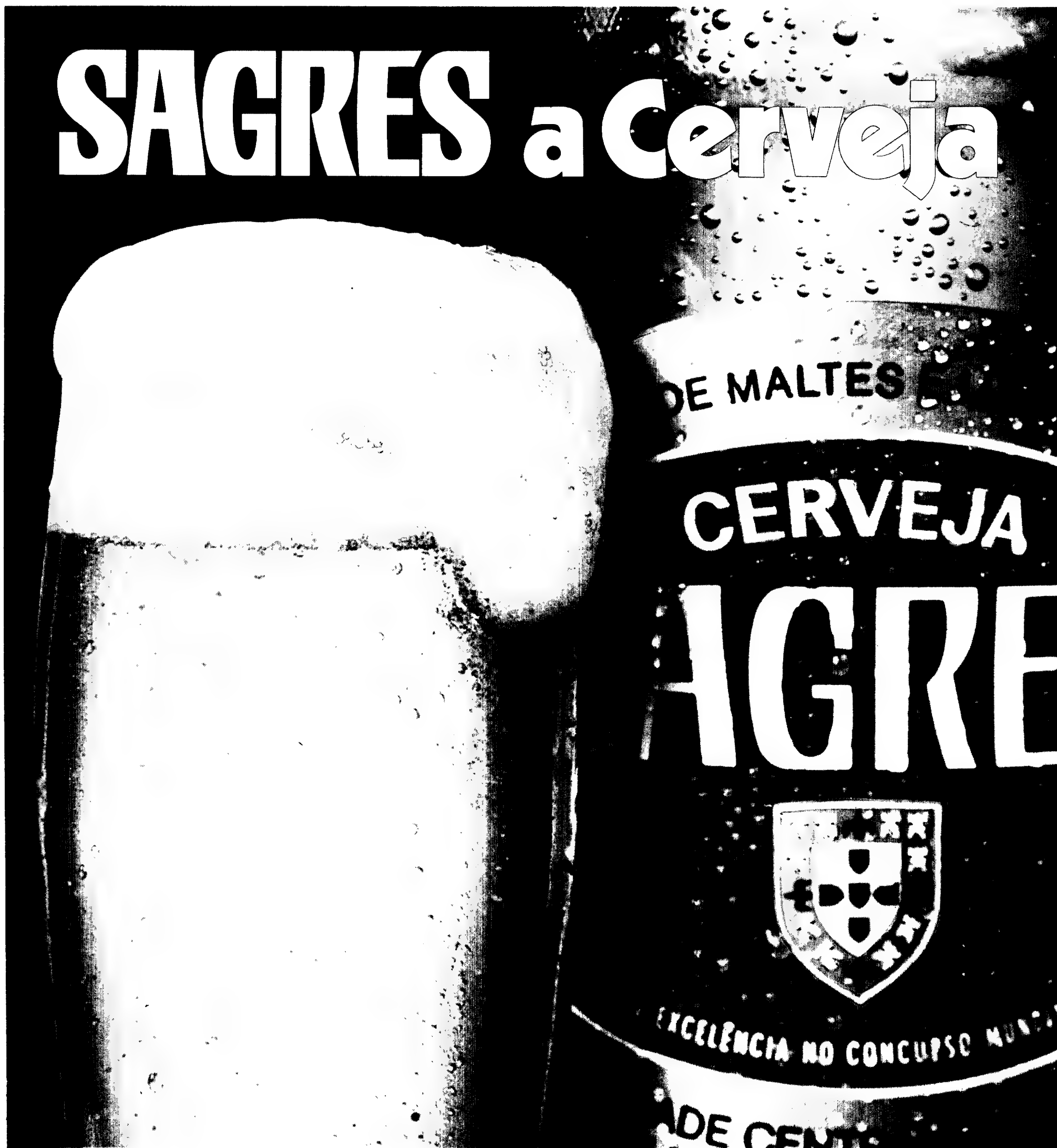
Desde a espectacular fu-

ga de «El Lute», da cadeia del Puerto de Santa Maria, ninguém mais soube do paradeiro do famoso bandido. Uma incógnita para a Polícia, Guarda Civil, Exército que juntaram os esforços numa busca sem tréguas para o encontrar. Nem a oferta de 300 mil pesetas, em troca de uma só pista, aliciaram quem estivesse disposto a facilitar a captura de «El Lute». Felino como um tigre conhece, de olhos fechados, o terreno que pisa — conhece a Espanha, de ponta a ponta, e enquanto tiver uma arma os obstáculos não existem. Defende a vida com o apego instintivo do animal encurralado.

Nos últimos dias de Julho, «El Lute», outra vez, motícia nas primeiras páginas dos jornais: à força da pistola leva, consigo, os dois filhos que habitavam uma barraca do bairro de S. Fermin. Como sempre, não deixou qualquer rasto atrás de si. Ou melhor: confundiu as autoridades com uma série de pistas falsas espalhadas astuciosamente. Tudo isto serviu para criar um mito à volta da sua figura. Mas a Polícia não cruzou os braços; esperou, pacientemente, que «El Lute» desse sinal de vida. Foi, de facto o que aconteceu. Em 14 de Julho, um carro certamente roubado parou, à porta da Caixa Provincial de Cártama, perto de Málaga. Do veículo saiu um homem enquanto o outro se mantinha ao volante. O primeiro entra na Caixa e pede ao empregado para cambiar-lhe uns francos suíços e umas coroas belgas. Entretanto aparece o segundo homem que havia ficado no carro. Esta manobra, e talvez o rosto deles, infundiram uma certa suspeita ao funcionário, que os tentou entreter o mais tempo possível. Surgem, em cena, dois guardas civis que puxam da pistola e intimidam o indivíduo parado junto ao balcão. Este vira-se lentamente, com as mãos à altura dos sovacos e, inesperadamente, atira-se como uma pantera sobre o guarda. Com um movimento preciso e calculado apodera-se da arma ameaçadora. Desmonta-a, sãbiamente, e escuda-se com o corpo da autoridade até à porta onde estava o segundo guarda. Em determinada altura os



Continua na pag. 22



Não a única, mas a preferida. Cerveja SAGRES. O termo de comparação.
Com leveza e gosto certos. Cor de ouro, viva, apetitosamente fresca, Sagres é a sede que se deseja.
Só longos anos de experiência de fabrico de cerveja conseguem a sua Sagres... a Cerveja!

SAGRES a sede que se deseja.

DL/DOMINICAL

GERAL

ESQUEÇA O PASSADO!

Aconteceu-nos a todos: a cassette chegou ao fim, esquecemo-nos de desligar o gravador e as pilhas foram-se... Também nos aconteceu a todos adormecer com o rádio ligado e acordar sem pilhas. Tudo isto pertence ao passado, agora que a NATIONAL lançou os novos rádios gravadores de cassetes com AUTO STOP.

O que é o AUTO STOP?

Um dispositivo que lhe desliga o gravador, quando as cassetes chegam ao fim.

O AUTO STOP não se limita a evitar o desgaste das pilhas — evita o desgaste das peças do gravador e a distorção das fitas magnéticas. Os novos rádios gravadores de cassetes da NATIONAL têm outra vantagem — um dispositivo que o desliga automaticamente, decorrido um certo tempo, para V. adormecer descansado...

Com o rádio gravador de cassetes da NATIONAL, V. esquecerá rapidamente o passado.



NATIONAL

sonipol
LISBOA · PORTO · FARO

Congresso de Bioquímica em Lourenço Marques

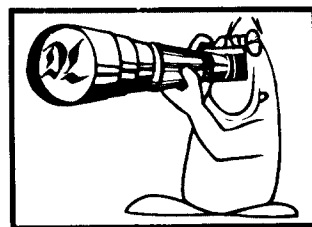
Lourenço Marques, 23 (Da Delegação da Lusitânia) — Vai realizar-se, nesta cidade, de 1 a 18 de Outubro, um Congresso de Bioquímica no qual tomarão parte representantes de todas as Universidades portuguesas. Durante as sessões de trabalho serão apresentadas diversas comunicações de muito interesse, mormente nos domínios da estrutura das proteínas e preparação de determinados produtos sintéticos. (LUSITÂNIA)

PUBLICIDADE DO TERÇO EM TÁXIS

FILADÉLFIA — Em 40 táxis da cidade, por iniciativa de alguns católicos, foi exposto um cartaz publicitário, no qual se convidavam as pessoas a recitarem o Terço todos os dias.

Cada cartaz custava 5 dólares por semana, mas M. Powell, representante da associação dos donos de táxis de Filadélfia, de religião não católica, tendo verificado a eficácia desta forma de publicidade, decidiu conceder gratuitamente a afixação dos cartazes nos seus veículos.

Também o presidente da Associação, de religião hebraica, ficou impressionado com esta iniciativa. E por enquanto, difícil saber os resultados obtidos. Mas uma coisa é certa: as casas de venda de objectos religiosos do centro da cidade venderam muitos terços, até a pessoas não católicas, as quais se dirigiam a essas mesmas casas a pedir explicações acerca do Terço.



UM ESPECTÁCULO
DIFERENTE E HONESTO!

SUCESSO EM PLENO!

No Teatro
abc



**DURA
LEX
SED
LEX...**

Revolução do Teatro Ligeiro em Portugal
espaldinho / tabel de castro

UM BALLET FANTÁSTICO!

MÚSICA DE PEDRO OSÓRIO
ENCENAÇÃO DE JÓÃO GUEDES
COREOGRAFIA DE MARIO SANTIAGO
FIGURINOS DE ISABEL LEZINHAS
CONJUNTO A BANDA COM VILAS BOAS



PIONEIRA EM APARELHOS ELECTRONICOS PARA FOTO CINE

YASHICA

—MAQUINA PREFERIDA POR PROFISSIONAIS E AMADORES EXIGENTES—

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a preço pagamento. Transacções em 20 minutos.
RUA DO GARRIDO, 73-A

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela «Tabacaria e Perfumaria Splash», Rua Bernardo Francisco da Costa, 24-C ALMADA

A JUVENTUDE prefere modelos tricotados

A MÁQUINA DE TRICOTAR

BUSCH

PERMITE-LHE REALIZAR AS EXPERIÊNCIAS MAIS OUSADAS EM MATÉRIA DE TRICOT COM SURPREENDENTE FACILIDADE



BUSCH FABRICADA NA SUÍÇA - PREFERIDA EM TODO O MUNDO

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO A QUALQUER AGENTE OFICIAL OU AOS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

Soc. de Rep. **SIDA-SUECA**

AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 16-D, TEL. 73 31 11 LISBOA-1

LAGOTAINER LINE

PARA:

SUÉCIA (Gothemburg e demais portos)

NORUEGA (Oslo e outros portos)

BÉLGICA (Anvers e qualquer ponto)

Serviço totalmente contentorizado a cargo do porta-contentores «MONIKA BOS» em 30 do crte.

Recepção de carga em contentores —

OS AGENTES GERAIS:



SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, N.º 4
LISBOA 2

TEL. 368088 367294
PORTUGAL

João Candido Belo & C.ª, L.ª

A TRANSPORTADORA
SETUBALENSE

Vila Fresca de Azóia - Portugal

Telefones 228029 - 228062 - 228078

CONCESSIONÁRIOS DE
CARREIRAS DE
SERVIÇO PÚBLICO

ALUGUER DE AUTOCARROS
NO PAÍS E ESTRANGEIRO

“BELOS” - AGÊNCIA
DE VIAGENS E TURISMO

Avenida 5 Outubro, 52 - Rua da República, 31
Tel. 23291 - Tel. 24254
SETUBAL - EVORA

PASSAGENS AÉREAS E MARÍTIMAS
BILHETES DE CAMINHO DE FERRO
PASSAPORTES E RESERVA DE HOTÉIS
TUDO PARA VIAGEM E TURISMO

“CIRCUITO TURÍSTICO DOS 3 CASTELOS”
“CIRCUITO TURÍSTICO DA SERRA DA ARRÁBIDA”

“EXCURSÃO NA REGIÃO DOS 3 CASTELOS”

HISTÓRIA DE UM MARGINAL

“EL LUTE”

Continuação da pág. 19

dois representantes da lei rolam no chão, como bonecos, em virtude de terem sido arremessados um contra o outro; o bandido conseguiu fugir no meio de tiros e do espanto geral. Mais tarde a Guarda Civil julgou reconhecer, no indivíduo loiro e de bigode, o famoso «El Lute» cuja fisionomia anterior era muito diferente da actual. Mas as suposições não são seguras. Raros são os que conhecem o verdadeiro rosto do «muy listo» bandido: esta é uma das suas defesas. Seria ele? A inconfundível audácia da operação levava a acreditar nessa hipótese. Apesar do cerco montado pela Guarda Civil, o carro e os seus ocupantes, desapareceram não se sabe bem como. Após várias investigações a Polícia descobre um dos muitos esconderijos de «El Lute» e do seu grupo. Num apartamento de um prédio moderno, com entrada para duas ruas deu-se um facto curioso: quando os polícias iam a entrar são interpelados pelo filho mais velho do bandido, um menino de dez anos; empunhava uma espingarda nas mãos, e disse-lhes: «Se passarem da porta mato-os». Nessa casa encontraram perto de três dezenas de armas de fogo, algumas munidas de mira telescópica, uma grande quantidade de joias, aparentemente valiosas, e uma mala com meio milhão de pesetas. Foram detidos, as crianças e as mulheres que viviam na casa. A busca continua. Outro encontro

entre «El Lute» e a autoridade. Novo tiroteio. Feridos de ambos os lados. Pensa-se que o bandido foi atingido por uma bala. Existe também a suspeita que ele tenha sido curado por um médico ou alguém com conhecimentos suficientes de medicina.

BANDITISMO REVOLUCIONÁRIO

Segundo consta, Eleutério Sanches, controla três comandos de trinta e sete homens que actuam em zonas distintas e que mantêm contactos permanentes, entre si, mediante hábeis contra-senhas. Há também quem afirme que os seus homens se disfarçam de «El Lute» para desmoralizar as autoridades. De qualquer maneira nenhum bandido pode viver tanto tempo na clandestinidade se não tiver um certo apoio popular. A prova está à vista: «El Lute» encontra-se em Liberdade.

Realidade e ficção nunca se confundiram tanto como nas histórias de bandidos. A lenda do Robin dos Bosques confirma esta ideia. Serviu de modelo a uma série de bandidos bem reais que E.J. Hobsbaw, no seu livro «Les Bandits», editado na colecção Maspero, apelida de «bandidos sociais». O justiceiro da floresta de Sherwood, fornece, de facto, aquela imagem do bandido que rouba aos ricos para dar aos pobres. Há, na verdade uma enorme diferença entre «gangster» ou «criminal» e bandido. Este fala a língua do povo;

vive no meio do povo. Temos os exemplos do australiano Ned Kelly, do italiano Salvatore Giuliano, do cubano Manuel Garcia, etc. No entanto o bandido, à imagem do mítico Robin dos Bosques, é geralmente um conservador. Contra a injustiça, contra os mais, mas pela autoridade suprema; e quase sempre é um religioso praticante. Car touche respeitava o rei. Salvatore Giuliano, manipulado pela Mafia, massacrava centenas de comunistas numa festa 1.º de Maio. Mas a fronteira entre revolta social e tradicionalismo não é muito nítida. Não faltam bandidos que adquiram, em determinadas condições, uma consciência política perfeitamente correcta.

Eles são povo, conhecem as suas reacções, possuem a experiência do manejo das armas, sabem como se faz a guerrilha. E sobretudo não têm nada a perder... Pancho Vila é o exemplo. Também é verdade que, raramente, o bandido se insere na luta de classes. Mas na história aparecem algumas excepções. Em 1929, o grosso do exército chinês é formado por «soldados, bandidos, mendigos e prostitutas» (Mao Tse Tung); no México, o general Pancho Vila foi chefe de um grupo de bandoleiros; na Colombia os guerrilheiros comunistas saíram, muitas vezes, do banditismo e por isso aparece, nas suas conversas, a frase «quando bandoleava», os Montenegriños, bandidos por tradição, forneceram 17 por cento dos oficiais «Partigianos».

Mas a inclusão mais lógica e espectacular do banditismo na política está no anarquismo. Já Bahounine considerava o bandido comum como «o verdadeiro revolucionário, sem belas frases, nem sabedoria retórica, incorruptível, inconfornista, indomável, um revolucionário popular e social, apolítico e não dependente de nenhum estado». Podemos atribuir estas particularidades ao cangaceiro Lampião, aos piratas do ar ou aos bandidos calabreses. Portanto há certo tipo de bandidos que são muito próximos dos anarquistas: eles não atacam a propriedade privada pela revolução mas contra o Estado. «El Lute»: um anarquista? Se tivesse conhecido Sadate combatia ao seu lado?

A OPINIÃO PÚBLICA

Quando da minha estada em Espanha, durante o mês de Agosto, a opinião pública andava excitada com as peripécias de «El Lute». Meti conversa com um empregado de restaurante, na praia de Saler, perto de Valência. Falámos do bandido. Respondeu-me: «El Lute? Deve ser muy listo. Não gostava que ele fosse apanhado. Dizem que até tem cúmplices dentro da Polícia». Outra pessoa com quem troquei umas palavras, em Sevilha, disse-me «os jornais escrevem que El Lute é um perigo mortal para todos nós... mas como? Ele só atira à polícia...» Segundo li numa revista humorística as crianças, em Espanha já não brincam aos «cowboys». Brincam aos «El Lute»...



«El Lute» é conduzido para a cadeia de Puerto de Santa María

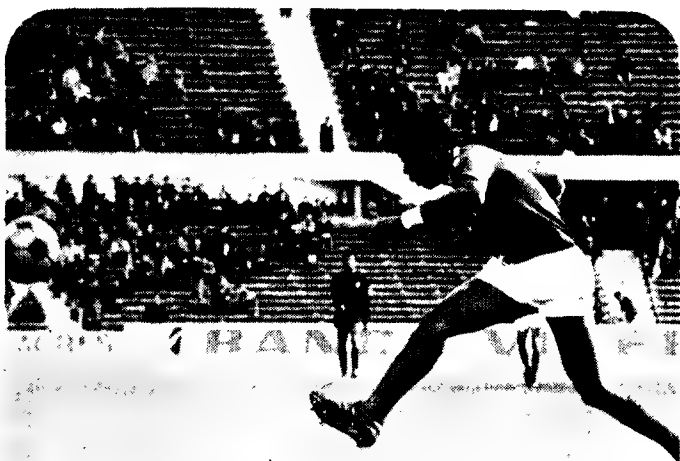
DESPORTOS

DL DOMINICAL

FAVORITO NA ESTACA ZERO

Dado o primeiro passo na eliminatória inicial das competições futebolísticas europeias, que ficou no «placard»? O mais inédito conjunto de resultados: favorito-mor na estaca zero e os quatro caudatários a triunfaram no «round» de abertura.

Nunca o futebol português entrou na porta da Europa: com o Benfica marcado pela única derrota no balanço de cinco clubes em paralelo. E, à priori, o campeão nacional a necessitar (mesmo) de vencer por dois golos de vantagem o seu esgrimista directo, enquanto que para qualquer dos grêmios que são pagens do titular bastará arrancar empates para galgarem invictos a barreira.



Jordão, Vítor Baptista, Artur Jorge e Eusébio: os homem-golo do Benfica podem arrumar a questão. Podem e devem

de PRAÇA
a PRAÇA
NEVES DE SOUSA



Realmente, não estava na ideia de ninguém (nem mesmo dos afectos à turma amadora do Malmoe) que o Benfica das super-vedetas tivesse de carregar pego a fundo para levar de vencida os tímidos e inexperientes suecos, sem nome nem sinal aberto no mapa mundial da bola aos saltos. O insucesso dos comandados por Hagan, na viagem nórdica, pode ser um acicate à massa associativa do «glorioso» para que compareça em massa no seu belo estádio: a emoldurar com muitos milhares de corações o relvado em que os colegas de Eusébio são chamados a mais uma dura prova de resgate. Mas, se por um lado todos os portugueses (sem distinção de cores clubistas ou sentimentos afins) pretendem e desejam que o Malmoe seja positivamente cilindrado pelo exército vermelho, não pode deixar de se considerar como de inesperada e dura a tarefa que bate à porta dos homens da águia, sujeitos até à contingência de um inicial golo sueco, a tornar mais difícil e espinhosa a balheira da recuperação.

De qualquer maneira (e isso é o mais importante) o Benfica continua a ser o grande favorito para a eliminatória: e, mesmo, um dos emblemas com

francas e reais possibilidades de, lá mais para diante discutir com o Ajax (todo poderoso) a supremacia no Velho Continente. A reedição de um diálogo que foi interrompido por erros e má fortuna na temporada que findou há meses.

Para isso, porém, é absolutamente necessário que à força física e ao talento dos seus jogadores, o Benfica una uma disposição anímica que não aparece de um momento para o outro: e que, a avaliar pelo que contam quase todos os jogadores do clube nas tertúlias de amigos (ou mesmo através da Imprensa, como sucedeu em relação a Adolfo nas colunas do «Norte Desportivo») anda um pouco divorciada do espírito de «élan» que impulsionou o «team» para os píncaros da fama e do prestígio. Não é segredo para ninguém que entre os jogadores do Benfica e o seu técnico as coisas não correm pelo melhor dos rios: e que entre o preparador inglês e um dirigente da secção de futebol também aconteceu (na digressão a Djakarta) um epi-

sódio que só não transpareceu à luz da grande publicidade porque a intervenção do presidente benfiquista sanou momentaneamente o diferendo. Mas, ficarão as coisas por aí?

Oxalá: Portugal e todos os portugueses sentem orgulho no Benfica de categoria futebolística mil léguas acima de todos os seus rivais. E não será com dissidências ou atitudes derrotistas que se cimentará a confiança que todos ofertamos ao melhor grupo de futebolistas de língua portuguesa: na hora em que todos não somos demais para o catapultar até ao caminho só pisado pelas estrelas. Porém, será tempo de alguém dar a mão à palmatória: de alguém, dentro do Benfica-direcção ou do Benfica-secção de futebol, fazer um exame de consciência, um acto público de contricção. Deus, que é Deus, também errou: e

não se escusou ao pedido de perdão.

Depois do Benfica que, salientámos, terá mesmo de bater o Malmoe por mais de dois golos para garantir uma alegria a Portugal inteiro, resta ao Sporting como ao Porto, à Cuf como ao Vitória de Setúbal, acautelar-se na defensiva e esperar a acometida adversa. Vencendo o Hibernian (em Alvalade) por um magro tento, o «leão» vai de credo na boca até à Escócia: mas com essa tal vantagemzinha a fazer crer em possibilidades de ultrapassagem do escolho. Tendo triunfado sobre o Barcelona (nas Antas) o Futebol Clube do Porto embarca para Espanha com dois golos à maior no seu pecúlio: e muito terá de suar e lutar o grupo de Michelis para ficar (pelo menos) ao lado do «onze» que Riera quer restituir à sua justa e exacta dimensão.

Quanto à Cuf, quem esperaria que regressasse ufante da vida de terras belgas? A verdade é que aconteceu: e um horizonte belo e claro está agora a pairar sobre o Barreiro. Por último, amarfanhados os polacos do Zagłębie, aos escalados pelo competente e ágil José Maria Pedroto pouco mais se solicita que corpo presente e terra contrária.

Só o Benfica (veja-se como são as coisas!) paira na estaca zero: mas só o Benfica (igualmente) continua a ser o esquadra mais apto e mais capaz de atingir o degrau máximo entre as competições a nível europeu. E porquê?

... Talvez porque Ronnie Allen, o revolucionário, trouxe de uma única assentada gente jó vem demais para estes páreos de nervos e sacrifício: e porque não pode (ainda) contar com todos os seus pupilos

em pleno domínio do potencial que os define.

Talvez porque o Futebol Clube do Porto luta com a escassez de nomes no «placard»: e com a negra recordação de infortúnios que, anos consecutivos, colocaram o emblema azul-branco em posição de inferioridade futebolística na disputa dos títulos mais apetitosos.

Talvez porque a Cuf não alimenta aspirações de voos ao cume: e a Fernando Caiado não está entregue um material humano de alto calibre, jovem e apto a querer guerra.

Talvez porque a Cuf não ali-Bonfim gosta mais de jogar para o espectáculo que esgrimir por um resultado: e a sua falange de apoio não está suficientemente entregue ao pensamento do que a epopeia europeia não serve apenas para recolher receitas mas também para vincar personalidades e criar ídolos.

Por isso, por tudo isto junto, aí está o paradoxo: Benfica, o único derrotado da primeira quarta-feira europeia, é ainda o nosso clube mais handicapado para chegar à meta final, embora o desplante dos seus quatro colegas (e a respectiva saída da casca) possa significar factos novos no panorama do futebol português.

Exacto: este abrir de temporada está a criar, no adepto, um estado de espírito que não era vulgar: há quanto tempo quatro dos nossos clubes não ganhavam disputas internacionais oficiais? Quantas épocas esteve o Belenenses impedido de entrar no areópago dos pretendentes ao ceptro? Quantas vezes se assistiu a um tão heróico despique pelos pontos em jogo, logo no dealbar do campeonato?

Aqui está: com um Benfica, um Sporting, um Porto, uma Cuf e um Vitória de Setúbal balançados para o cartaz europeu (e não já só o Benfica, ou o Sporting, ou só o Vitória), com um Belenenses remojado e muitos outros também já a criarem ondas, pode ser memorável a época que começou o reinado. E José Augusto ficará com menos insónias e um mundo de alegrias: com gente a bater o pé e a afirmar-se, os lugares na selecção deixam de ser vitalícios e apenas sujeitos a transferência à hora do triste pio.

CRISTO HOJE



Milhares de jovens em todo o mundo procuram hoje em Cristo um símbolo. Fenómeno do nosso tempo ou retorno à primitiva fé cristã, este facto é inegável e parece corresponder a um anseio da juventude para encontrar um leader que reúna todas as características do homem idealizado, que encerre em si a necessidade de uma vida mais sã, mais alegre, mais pura. Um interessante artigo que procura fazer luz sobre este surpreendente movimento dos nossos dias aparece no número de Setembro de Selecções do Reader's Digest. Compre hoje mesmo o seu exemplar.

SURDOS

CENTRO AUDITIVO

Rua Aquiles Monteverde, 32-1.º — Telef. 59597 - 560943
(à Estefânia — frente ao Jardim Constantino)



Se necessita de usar aparelho de correcção auditiva, consulte os serviços técnicos do CENTRO AUDITIVO

Quando comprar, compre sim o aparelho que deverá ser aplicado por um técnico com conhecimentos completos de toda a aparelhagem auditiva.

UM APARELHO É MARAVILHOSO PARA QUEM NÃO OUVI mas deve ser escolhido e adaptado por técnico profissional e de acordo com os necessários testes de ensaio e experiência.
PREFIRA SEMPRE: a melhor atenção, trato humanitário e a melhor assistência que os técnicos do CENTRO AUDITIVO lhe dispensam em Lisboa ou em qualquer localidade da Província, onde todas as semanas se VISITE-NOS e ficará conhecendo as nossas modernas instalações, os nossos modernos serviços e principalmente A EXCELENTE QUALIDADE DOS NOSSOS APARELHOS DE AUDIÇÃO NÍTIDA E ISENTA DE RUÍDOS. Temos de tudo que possa precisar para a sua melhor audição. Pilhas de todos os tipos próprias para aparelhos auditivos e muitos outros acessórios.

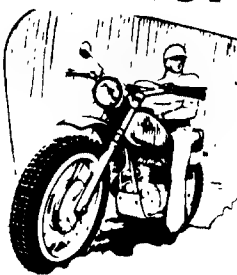
CONSULTE OS PROFISSIONAIS EM PRÓTESE AUDITIVA

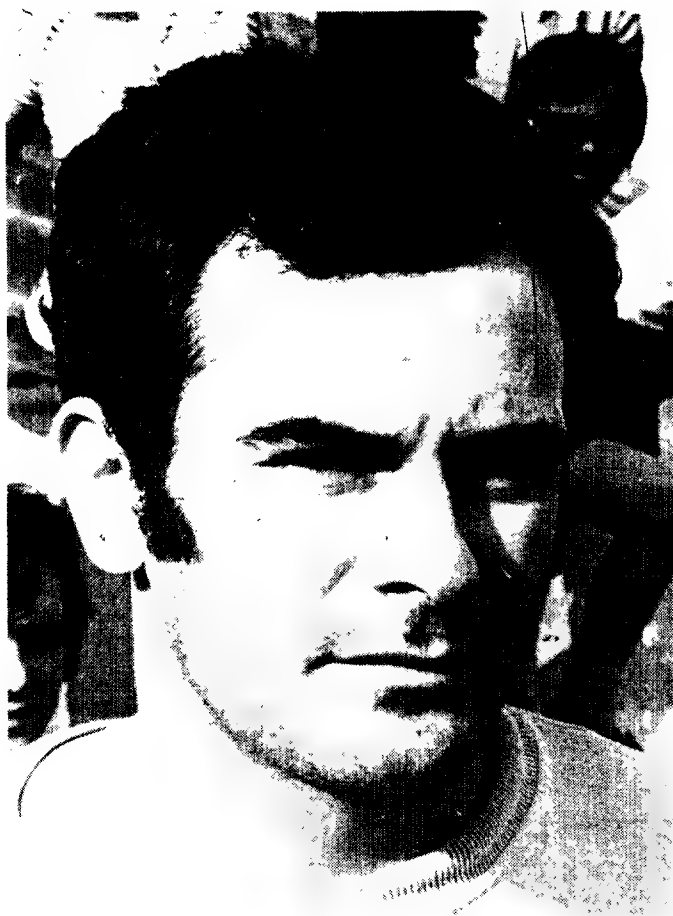
Direcção: Pereira Marcão 24 anos de especialidade

PAX

Atenção amanhã

LEIA
motor





Abrantes: agora, com confiança

Dois homens estão a salientar-se neste início de época do Barreirense: Abrantes e Piloto. Ambos encontraram pela frente tarefa espinhosa: a substituição de Bento e Malagueta. No entanto, qualquer deles tem estado a cumprir de maneira admirável: em especial o jovem Piloto, proveniente do Lusitano de Vila Real de S. António (clube da 3.ª divisão), que facilmente se adaptou ao futebol da divisão maior e sendo já alvo das críticas mais honrosas.

O SUCESSOR DE BENTO

Manuel Abrantes nasceu há 24 anos, em Monforte, e iniciou-se como jogador no Desportivo Portalegrense (aos 14 anos). Porém, cedo veio até à capital: onde passou (aos 15 anos) a representar o Benfica na categoria de juvenil. Na Luz (e como junior) teve 3 internacionalizações. Depois, aos 21, foi até Coimbra: e aí começou a ser lançado no esquecimento, até que voltou para o Benfica (de Hagan) dois anos mais tarde. Mas para passar a ser somente mais um jogador de vastíssimo «plantel».

Com a transferência de Bento, Abrantes vê a hipótese de voltar à actividade e é ele próprio que «faz pressão» para

ABRANTES E PILOTO:

No Barreirense é melhor

viajar até ao Barreiro: onde foi recebido com muita desconfiança, pois pouca gente acreditava no seu real valor.

— Na realidade, quando entrei para a equipa do Barreirense estava bastante mal: além de não jogar há já bastante tempo, tinha feito somente 3 treinos de baliza durante a última época no Benfica. Por vezes, até me admiro de como o José Henrique atingiu o apuro de forma que possui, pois embora fisicamente se trabalhe lá muito, é raríssimo haver treinos individuais de baliza... Quanto ao problema da falta de confiança que existia a meu respeito, foi absolutamente normal, pois os sócios do clube queriam ver o Bento na baliza. No entanto, estive sempre confiante nas minhas possibilidades e no meu valor: e sabia que podia mudar essas opiniões. Aliás, para isso, contei também com a ajuda e confiança tanto do técnico como da direcção do Barreirense. Agora, a «coisa» vai avançar: e acredito que, ganhando forma razoável, poderei atingir ainda outra meta.

— Satisfeito pela nova situação?

— Sem dúvida: sinto-me muitíssimo bem no Barreirense, pois além de ser aqui que eu irei provar que não estou acabado, passa-se uma coisa que nunca observei noutra clube — formamos, desde directores a empregados, uma autêntica família, onde o ambiente das relações é extraordinário. Por outro lado, não existem segredos no clube, pois a direcção põe-nos ao corrente de tudo o que se passa, dando-nos tal confiança que o jogador sente-se obrigado a trabalhar sempre e a tentar retribuir essa gentileza.

No Benfica era diferente, pois ao longo de 7 anos que lá estive verifiquei que, apesar de se ganhar muito, há sempre inimizades criadas pelo excesso de bons jogadores que o clube possui, chegando ao ponto de haver inveja entre colegas.

Até em relação ao técnico as coisas se passam de maneira diferente, pois apesar de todos os treinadores que tive perceberem de futebol, havia sempre uma falta de confiança na gente nova.

Ora no Barreirense, o treinador Carlos Silva confia nos seus jogadores e, além disso, tenta sempre inteirar-se dos seus problemas. No Benfica, o que existe é uma autêntica máquina profissional, pois não interessam os problemas que possam existir mas sim ganhar jogos.

Abrantes, depois de se afirmar como um bom guarda-redes júnior, rapidamente foi esquecido. Porquê?

— Depois das internacionalizações, resolvi ir para a Académica, pois envaldeci-me e julguei merecer oportunidades que não me davam. Finalmente, quando mas deram não as soube aproveitar: pensava que ao ir para Coimbra deixava problemas ao Benfica. Na Académica, as coisas não correram lá muito bem: e voltei para o Benfica. Neste clube já não foi um problema de vaidade, pois com o casamento (em Coimbra) comecei a encarar melhor as realidades. No entanto, a tropa e outros casos fizeram com que não conseguisse atingir na Luz o meu real valor.

O ex-benfiquista falou-nos do seu último e discutido técnico. Disse:

— Hagan é um preparador físico extraordinário, mas talvez devido à dificuldade de expressão na nossa língua ou por fê-lo sorumbático, tem dificuldade no contacto directo com os jogadores. Não quer dizer que não seja competente e não perceba de futebol: no entanto, como conta com os melhores jogadores portugueses, confia imenso na habilidade dos atletas para resolver os problemas que surgem dentro das quatro linhas. Acérrimo defensor da disciplina, Hagan pretende (acima de tudo) que o jogador corresponda em aplicação. Nisso, ninguém o pode censurar.

DEPOIS DE MALAGUETA

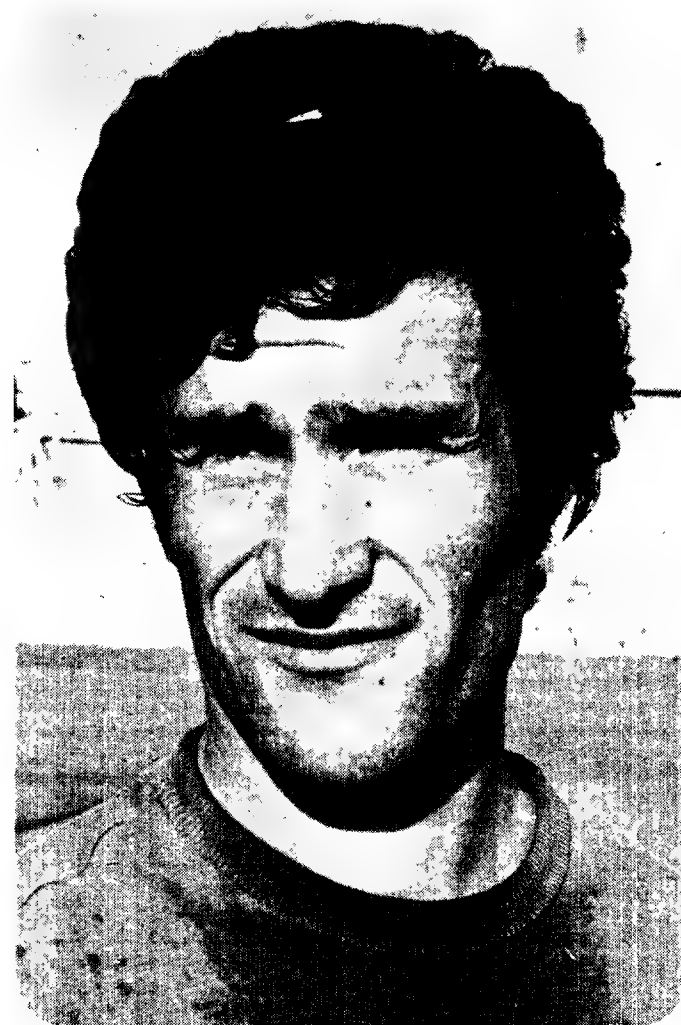
José Rosa Piloto nasceu a 21 de Fevereiro de 1948, em Vila Real de Santo António. Aos 15 anos alinhou no Beira-Mar de Monte Gordo, clube popular onde demonstrou saber mexer na bola: de tal modo que, duas épocas depois, ingressava no Lusitano de Vila Real de Santo António. Prometeram-lhe um emprego na Câmara Municipal: mas essa ajuda para o magro ordenado de futebolista não chegou, e Piloto (deitando contas à vida) resolveu-se a mudar de clube: Empregou-se como criado de mesa no Hotel Monte Gordo e apresentou uma proposta ao Portimonense: 40 contos de «luvas» anuais e vencimento mensal na ordem dos 4 mil escudos. Entretanto, também o Benfica (via-Adolfo Vieira de Brito) deitava a sua rede ao jovem avançado: e Piloto chegou a estar na Luz, durante 15 dias, a mostrar as suas qualidades futebolísticas. Tudo parecia bem encaminhado para a transferência: mas o Lusitano de Vila Real pediu muito dinheiro pela «carta» e o moço voltou para o Algarve. Até que Piloto resolveu vir até ao Barreirense, numa derradeira tentativa de ganhar entrada em clube da primeira divisão: dois meses não são passados e aí o temos, nos píncaros da crítica, focalizado já como uma das revelações da temporada. E, quanto custou? Trinta contos de «luvas» e 3.500 escudos de vencimento mensal.

Simple e despretençioso na sua maneira de ser, Piloto (inexperiente nesta coisa dar entrevistas) foi dizendo:

— Estou bastante satisfeito por vir para o Barreirense e, acima de tudo, por ingressar numa equipa da 1.ª divisão. Aliás, não fui para o Portimonense por essa razão.

— A adaptação ao futebol do escalão maior foi muito difícil?

— Sim: custou-me bastante, pois além de nunca ter jogado em campos relvados, o tipo de futebol praticado é diferente, pois



Piloto: uma vida melhor

é jogado com muito maior rapidez. Porém, o pior foi a preparação física: de um momento para o outro a mudança foi radical.

u Piloto acrescenta:

— Nunca acreditei que pudesse vir a jogar num clube com projecção nacional e, mesmo quando assinei pelo Barreirense, nunca esperei fazer parte da equipa principal...

— Agora que atingiu este ponto, pensa que poderá vir um dia a representar um clube de maior dimensão?

— Para já não penso nisso, mesmo com os jornais a dizerem maravilhas. No entanto, também não esperava vir para o Barreirense e cá estou: como tal, tudo é possível... Mas, sinto-me aqui tão bem que só a peso de muito dinheiro mudaria a camisola.

— Gostaria de fazer vida de profissional?

— Bastante: além do mais, melhorei a minha vida. No Lusitano de Vila Real ganhava só 600\$00 por mês e prémios de jogos. Ganho agora bastante mais, ainda que não dê para assegurar o meu futuro. No entanto (como só assinei por 2 épocas e no caso de servir bem o clube) espero para a próxima pedir mais qualquer coisa...



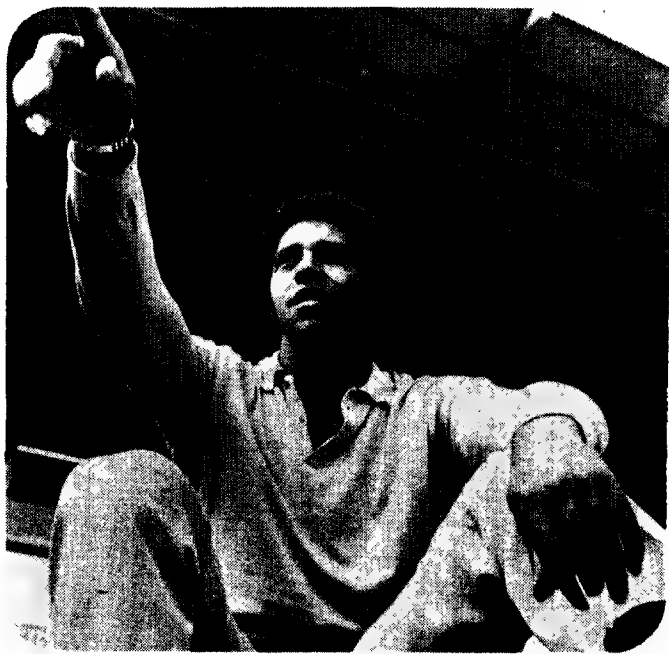
Destreza



Trabalhando

DL/DOMINICAL

DESPORTOS



Jorge Calado, uma das aquisições que operaram a renovação do futebol «azul», conta hoje a sua história aos leitores do «DL».

DA MALHANGA...

«Comecei muito novo nas «peladas» lá do bairro da Malhanga onde nasci. Eu e o Sito, o Armando Manhica, o Carlitos, o próprio Eusebio e tantos outros. Tantos que é impossível assim, duma assentada, apontá-los a todos. Lourenço Marques foi sempre terra de bons futebolistas. Oficialmente, iniciei a minha carreira no Atlético laurentino, aos 16 anos. Só três épocas depois é que surgiu o interesse do Benfica através de um dos seus sócios, um senhor que era oficial do exercito e cujo nome já não recordo. Assentes as condições vim para Lisboa».

...A LISBOA

«Joguei no Benfica, fui para o Leixões emprestado por uma época e regressiei à Luz. Criaram-me depois a fama de levar uma vida desregrada e tantas politiquices houve que acabei por ser cedido ao União de Tomar a título definitivo. Pude então demonstrar a minha capacidade, a ponto de o sr. Scopelli considerar vantajosa a minha transferência para o Belenenses. E hoje, à beira dos 30 anos, cá estou no Restelo. Com o melhor contrato da minha vida de futebolista».

CALADO:

VETERANO TRÁS SANGUE NOVO AO VELHO RESTELO

Texto de
ALEXANDRE PAIS

Fotos de
ACACIO FIGUEIREDO

A ENTREVISTA

Calado: você falou há pouco em «vida desregrada». Com efeito é voz corrente o pouco cuidado que você dedica à sua situação de profissional de futebol. Fala-se muito em mulheres e vinho...

«Isso é conversa. Começa-se a falar de cor, a levantar boatos e, às duas por três, já há quem jure que viu o Calado fazer e acontecer. Mas é tudo mentira. Sou uma pessoa normal, que leva uma vida normal. Sou profissional de futebol e como tal me procuro conduzir. Se assim não fosse, como conseguiria eu chegar aos 30 anos e jogar os 90 minutos dum jogo sem quebras de ritmo? E não é só agora que actuo como quarto defesa. Já na época passada, alinhando no meio campo, sucedia o mesmo: sempre em boa condição».

Muito se tem falado (e escrito) sobre a colocação de Calado no eixo da defensiva «azul», ao lado de Freitas. Como encara o principal interessado a decisão de Scopelli?

«Eu nunca tive um lugar fixo. Já corri todas as posições duma equipa. Portanto, encaro sem preocupações a minha actual função dentro da equipa do Belenenses. O Quaresma está a cumprir no seu novo papel. Por que havíamos de trocar?



Você é considerado um jogador lento: e sabe que a lentidão num defesa pode trazer grandes complicações...

«Sim, talvez seja de facto um jogador lento. Acontece é que não vejo os outros, os rápidos, chegarem à bola antes de mim. Não será a minha passada ampla que sugere essa lentidão? Não reforçará a muito respeitável opinião das pessoas o facto de o Freitas ser um jogador excepcionalmente rápido sobre a bola?»

Aquelas descidas esporádicas ao meio-campo, com rápido retorno à rectaguarda, fornecem a sensação de haver instruções no sentido de você nunca deixar a sua posição recuada. Que se passa na realidade?

«Não existem quaisquer restrições ao meu modo de jogar. No caso que apontou, há ainda um pormenor a ter em conta: no sistema em que hoje actua o Belenense, os defesas laterais vão muitas vezes à frente. Se eu fizer o mesmo, quem segu-

ra os avançados contrários? Sempre que posso, tento uma infiltração: mas tenho de recuperar rapidamente. Lógico, não?»

Riera, Otto Glória e Scopelli foram, até agora, os melhores técnicos que Calado conheceu no decorrer duma carreira que já vai longa. Talvez longa demais para pensar na «camisola das quinas»...

«Agora mais do que nunca estou esperando em ser «internacional». Já estive quase quando defrontámos o México, no Estádio Nacional. Um jogo inteiro sentado no «banco». Não, não desisto. Ainda hei-de jogar na selecção nacional».

Calado tem um irmão a jogar no Benfica. Curiosamente, não foi por seu intermédio que o mano veio para a Metrópole.

«Foi o José Augusto que o viu em Lourenço Marques e o recomendou ao Benfica. O moço agradeceu e assinou contrato por três épocas. Agora queriam dispensá-lo para o Sesimbra: mas eu não concordei. Se fosse para uma equipa da I Divisão ainda merecia a pena. Assim, não. No Sesimbra, o rapaz não progredia: e ele tem qualidades a aproveitar. Joga na frente e tem uma maneira de actuar semelhante à do Jacinto João. Estou convencido que se tiver sorte pode vir a ser alguém. Mesmo no Benfica».

O FUTURO

Fim da linha: quando será? «Espero jogar mais três anos. Depois acabo o curso industrial e emprego-me».

Então é o dinheiro que ganhou no futebol?

«Nunca foi coisa por aí além. Vai-se vivendo menos mal, mas o futuro não fica assegurado».

Jorge Calado: um metro e noventa de altura, carregando sobre os ombros a confiança de Scopelli. Que é necessário não desmerecer. Para isso trabalha com afinco. Quem quiser vê-lo (ou falar com ele) pode encontrá-lo todas as manhãs no Restelo. A bom entendedor...



ALEMANHA OCIDENTAL É PAÍS DESPORTIVO?

Na República Federal da Alemanha, que possuem 40 000 associações desportivas, apenas 17 por cento da população pratica desporto. Na faixa de idade entre os 16 e 30 anos, participam somente 30 por cento das associações desportivas, entre as pessoas de 30 a 50 anos são apenas 16 por cento e, no grupo de pessoas mais idosas, exclusivamente 5 por cento. Estes dados são resultados de um inquérito realizado pelo Centro Federal de Auxílio à Saúde, de Colónia.

Outros resultados importantes desse estudo: os homens praticam mais desporto do que as mulheres. Apenas 12 por cento de mulheres são sócias de clubes

desportivos. Os participantes activos no desporto pertencem a um alto nível social (um em cada cinco é sócio de um clube desportivo) enquanto entre a população pertencente à classe social mais baixa (por exemplo: trabalhadores sem formação) apenas um entre dez pratica desporto.

Apesar de um número relativamente tão pequeno de cidadãos alemães se conservar jovem e com saúde através do desporto, mais de metade da população acredita (todavia) que tem suficiente movimentação física. No entanto, quase metade da população da República Federal da Alemanha pratica

(mesmo sendo apenas ocasionalmente) alguma forma de desporto, como por exemplo longas caminhadas, passeios em florestas e natação. Também aqui pode-se fazer uma comparação entre os participantes da classe social mais baixa (pois que 54 por cento afirmam não participar de nenhum tipo de desporto) e entre cidadãos da classe social mais alta (onde apenas 22 por cento declaram que não praticam desporto). Entretanto precisa levar-se em consideração que muitos trabalhadores fazem em sua própria profissão a movimentação física necessária, enquanto cidadãos da classe alta não têm essa oportunidade em profissões em que precisam fi-

car sentados: e, por isso, procuram diversos tipos de desporto.

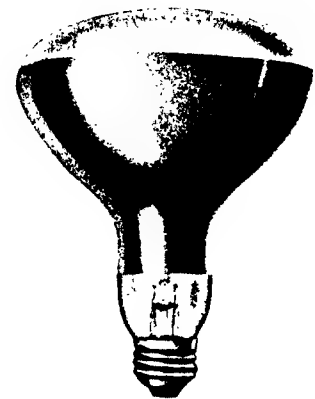
Interessante é (também nesse contexto) a pergunta de quanto tempo (em um dia de trabalho) os alemães podem aproveitar ao ar livre. O resultado: 44 por cento têm oportunidade de aproveitar durante uma hora e meia por dia, 40 por cento entre 2 e 5 horas e apenas 15 por cento mais de 5 horas diárias.

Poucos alemães aproveitam a oportunidade de fazer movimentação física durante o caminho até ao local de trabalho: apenas 5 por cento andam de bicicleta e somente 2 por cento fazem uma longa caminhada a pé. Um entre dez utilizam caminhos curtos até ao local de tra-

balho, 1 entre 3 andam de auto e todos os outros aproveitam meios de transporte colectivo.

Estes números comprovam que a maioria dos alemães pratica muito pouco desporto e (assim) colocam a sua saúde em perigo. Eles sabem disso: 33 por cento são de opinião que devem praticar mais desporto (ou pelo menos fazer mais caminhadas) e 31 por cento desejam fazer, de vez em quando, mais desporto, enquanto que 35 por cento afirma que não tem interesse de praticar desporto. Todavia, em 64 por cento daqueles que se propõem fazer mais pela sua saúde (mediante uma movimentação adequada) fica apenas no bom propósito...

ILUMINAÇÃO
INCANDESCENTE
LÂMPADAS REFLECTORAS



J.F.
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, Lda
TEL. 654165 * LISBOA

LUSTRES
Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c. Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

DL/ DOMINICAL

DESPORTOS



SORRISO DA CONFIANÇA

Ele aqui está: e, no sorriso transparente, está toda a confiança num futuro promissor. Neste retrato de corpo inteiro está toda a história do jogador mais falado de momento: a história de uma transferência que fez correr alguma tinta, porque vários clubes esperavam garantir o seu concurso. A camisola neutral que enverga, não significa indecisão nem arrependimento: antes representa o signo de incerteza em que viveu durante algumas semanas. Agora, nos treinos, ele escolhe esta camisola, talvez para que nos jogos a sério, ela lhe recorde as noites mal dormidas e procure vingar os momentos de incerteza em que viveu: com os pés e com golos, que são os juro do capital empregue.

FRANGO VIRA GALO

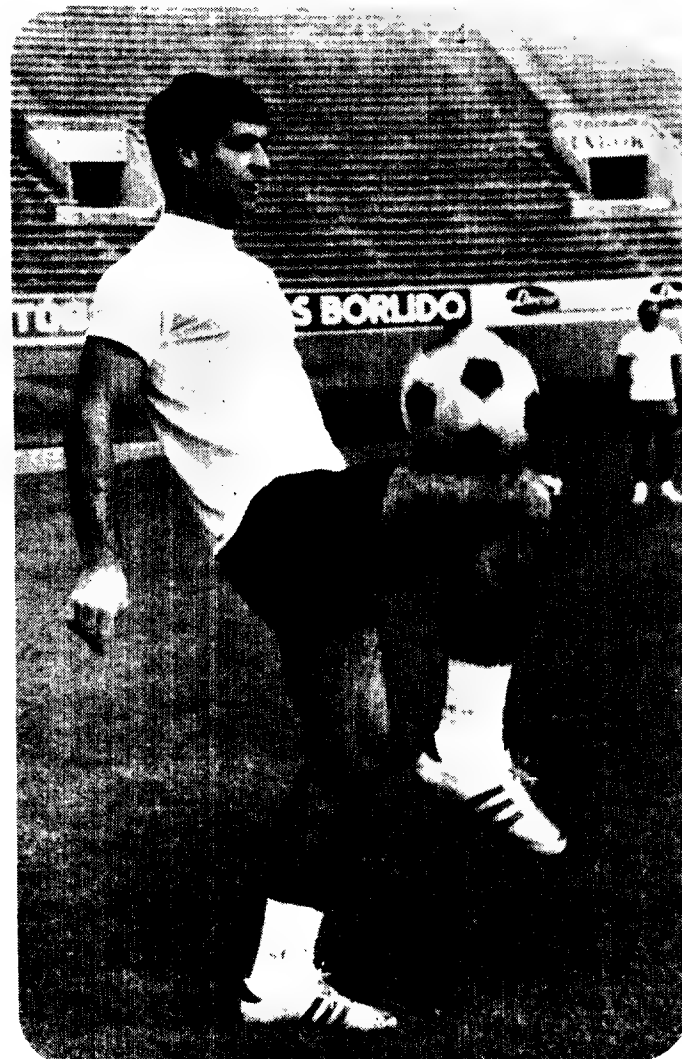
OLHOS NA BOLA

Seu olhar não é o de um homem triste: no entanto, os seus olhos buscam a bola com ansiedade. Ele é a «personalidade» feita «profissional de futebol»: na ambição de conquistar posição de relevo, ele deposita as esperanças que justificaram as verbas despendidas. Fraguito: rapaz com dois pés extraordinários, sabe também jogar com a cabeça. Descontraído e despreocupado, ele sabe como é importante saber-se jogar com a cabeça, porque a inteligência conta muito para a penetração da defensiva contrária. Fraguito sabe isso: e sorri com confiança para o futuro.

Texto de
ORLANDO DIAS AGUDO
Fotos
ACÁCIO FIGUEIREDO

ENSAIANDO O "BAILE"

Para Fraguito, dois pés assentes no chão é demais. Para ele, um só basta: não deixando, por isso, de se sentir bem seguro do terreno que pisa. Destreza, â vontade, precisão: atributos do jogador de que nos fala a fotografia. Que também deixa transparecer optimismo e confiança nas possibilidades. Passe recebido e bola dominada ou ensaio para o «baile»? Foi assim contra o Hibernian, aquando do magistral golo que assinou. Foi assim em muitos momentos de alegria, quando ao serviço do Boavista. E assim será, certamente, num futuro muito próximo, para que o topo Sul do Estádio de Alvalade esqueça os insucessos de outras temporadas e confie nos domingos mais próximos. Nos aplausos sinceros de uma multidão entusiasmada mora muito de estímulo para rapazes simples como Fraguito.



FRAGUITO

Vindo do Boavista, onde fez golos de todos os feitios e para todos os gostos. Fraguito é a nova «estrela» no firmamento futebolístico do Sporting. Neste princípio de época, depois de muito falado e discutido, ele apresentou-se ao serviço na porta 10-A de Alvalade: uma porta que o jovem espera seja a do triunfo e da glória. Fraguito foi frango que «virou» galo: e, na equipa principal do Sporting é ele quem começa a cantar de poleiro.

DL/DOMINICAL

DESPORTOS

A FUTURA EQUIPA DO SPORTING

Tentando interpretar o pensamento de Ronnie Allen, será esta a futura equipa do Sporting: uma turma jovem, onde predomina a vontade de acertar e o desejo de conquistar campeonatos. Muito em breve, todos os jornais anunciarão esta equipa como sendo o «onze» fixo de Alvalade: Damas, Bastos, Laranjeira, Alinho e Carlos Pereira; Tomé e Fraguito; Chico, Yazalde, Nando e Diniz.

AMIZADE E COMPREENSÃO

Seu companheiro (aqui) é Yazalde: o mais caro jogador leonino, que advinhou em Fraguito a mola real para o seu bom rendimento. Aqui, estão lado a lado: no campo, o argentino está um pouco mais adiantado, à espera que dos pés de Fraguito saia o passe que possibilite o remate forte e rápido. No instantâneo advinha-se ainda uma amizade sincera: porventura, aquilo que estava a faltar ao famoso artilheiro. E aqui está como o ex-axadrezado conseguiu o seu segundo triunfo às portas de Alvalade, semeando a amizade e a compreensão onde (dizem) morava a discórdia e a inveja. É por isso que se diz que o frango virou galo: e já canta de poleiro.

ASSIM SE GANHAM BATALHAS

Nem só com os pés vive um profissional de futebol: também as costas podem resolver alguns problemas. Se foi assim que alguém perdeu uma guerra, também será assim (e de outras maneiras) que se pode ganhar uma batalha. E, há mais: na carreira de um profissional de futebol, nem tudo são rosas. Ou por outra: há rosas que trazem os espinhos que ferem. Transportando a bola às costas, bem poderemos interpretar o instantâneo como o símbolo do fardo pesado que todo o brioso futebolista carrega nos dias de uma semana.

TRANSFERÊNCIA DO ANO FOI DINHEIRO EM CAIXA

Fraguito custou muito dinheiro?

As verbas exactas, dispendidas pelo Sporting e embolsadas pelo jogador e pelo seu antigo clube (o Boavista) permanecem no segredo dos deuses. Mas, incontestavelmente, Fraguito ganhou de um apice o direito a alinhar no primeiro «team» de Alvalade: o que, por si só, já demonstra que a transferência foi proveitosa para as partes interessadas.

Futebolista maleável, com notável sentido de colocação e primoroso toque de bola, Fraguito tem estado na origem da boa movimentação global do novo Sporting: do Sporting de Ronnie Allen, todo lançado ao ataque, todo revitalizado com jovens avidos de atingirem um lugar ao sol. Na Jugoslávia e na Grécia, o impetuoso Fraguito obteve os favores da crítica. Perante o público verde-branco, o ex-axadrezado mostrou já uma boa porção das suas qualidades: o Hibernian sentiu isso, ao sofrer um golo imparável na sequência de uma troca de pes do jovem recém-leão. Agora, para a dura luta da Escócia, Fraguito e bom trunfo: quem sabe se não estaremos a ver, nestas páginas, o futuro «Patrao» de uma turma que parecia impedida de discutir ao alto nível os títulos mais saborosos...

Colectividades populares

Cascalheira: futuro azul

Bons ventos sopram na Rua do Garcia. Fundado em 15 de Novembro de 1934, o Clube Atlético da Cascalheira (até agora instalado numa casa velha e acanhada) está à beira de ver resolvidos os seus problemas mais prementes: sede apropriada e campo de futebol. Disso nos fala o presidente da direcção, Alvaro Santos:

«Foi graças à compreensão do eng.º Santos e Castro que nós pudemos dar um passo em frente na concretização dos nossos anseios. A Câmara cedeu-nos cinco mil metros quadrados de terreno, ali ao Bairro da Serafina, pelo qual pagamos a renda simbólica de 100 escudos mensais. Aí construiremos o nosso campo. O problema da sede está em fase mais adiantada, pois o município alugou-nos (por 300\$00) o rés do chão do número 14 desta mesma rua, para desdobrarmos a velha sede, que ficará apenas a funcionar como secretaria e balneário.»

São 250 os associados do Cascalheira. Longe vão os belos tempos:

«Em 1950, houve aqui uma verbena que teve resultados desastrosos. Zangaram-se os sócios por causa dos dinheiros: e a colectividade enfraqueceu. Estamos agora a tentar o regresso desses antigos consócios. Queremos ver coroada de êxito a nossa campanha dos mil associados.»

Sem gente a pagar, os clubes não vingam. Com quotas de 5\$00 e 7\$50 em quantidade menor, o Cascalheira não se governa. Como se cobrem (então) os 40 contos que o clube dispende anualmente com o futebol, única modalidade em que se faz representar? Como se satisfazem os quatro mil escudos mensais de encargos fixos?

«Organizamos excursões, exploramos o bufete e arranhamos mais qualquer coisa com os jogos de cartas, dominó e damas. Mas, mesmo assim, a coisa está difícil. Só na sede nova já gastamos perto de 20 contos.»

Para os empreendimentos em que está empenhado o Clube Atlético da Cascalheira solicitou o auxílio de várias entidades. Quais os resultados?

«A Fundação Gulbenkian informou-nos que o pedido estava fora do seu âmbito; a Secretaria de Estado da Informação e Turismo indicou-nos o Fundo de Fomento Desportivo e o Tómbola respondeu-nos que as verbas de auxílio aos clubes eram entregues anualmente nas associações e no Fundo de Fomento. Estas foram as respostas negativas. Afirmativas: do Ministério das Obras Públicas, da Câmara Municipal de Lisboa, da Associação de Futebol de Lisboa, do Fundo de Fomento Desportivo, do Governo Civil de Lisboa e da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio. Esta última, contribuindo com 500 escudos, surpreendeu-nos pelo excesso... Ainda não sabemos o montante dos subsídios que as outras entidades nos irão, conceder, mas não nos restam dúvidas de que teremos de ir de porta em porta a estender a mão.»

A colectividade, que já teve nove equipas de futebol e andebol em actividade, pensa vir a praticar basquetebol, ténis de mesa e hóquei em patins. Difícil será regressar aos tempos do antigo Campo Aliança.

«As reservas do Benfica, Sporting e Belenenses nunca ganharam ao Cascalheira!»

Outra curiosidade: nesta modesta colectividade não falta quem queira ser dirigente, mesmo sabendo que uma das «regalias» é estar periodicamente de serviço ao bufete. Não há verba para pagar a um empregado.

Numa terra em que os clubes populares definham no meio de pessimismos (que até têm razão de ser) o Atlético da Cascalheira dá um bom exemplo de salutar optimismo. Já cá faltava.

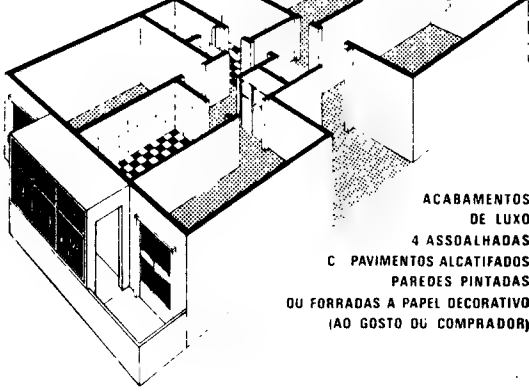
ALEXANDRE PAIS



PARA HABITAÇÃO OU RENDIMENTO ANDARES

EM BENFICA - Rua Dr. José Batista de Sousa, 11

Entrada pela Praça Prof. Santos
Andrea, junto ao nº 464
da Estrada de
Benfica



ACABAMENTOS
DE LUXO
4 ASSOALHADAS
C PAVIMENTOS ALCATIFADOS
PAREDES PINTADAS
OU FORRADAS A PAPEL DECORATIVO
(AO GOSTO DO COMPRADOR)

DESDE 580 CONTOS
30. ATÉ A ENTREGA DAS CHAVES.

O RESTANTE EM 3 a 10 ANOS.

VEJA NO LOCAL O ANDAR MODELO.



SOCIEDADE PORTUGUESA DE OBRAS DE CONSTRUÇÃO, Lda.

ROSSIO 74-3

TELEF. 35438, 366257

DINHEIRO

EMPRESTA-SE

SOBRE PROPRIEDADES
AO JURO DA LEE

A CONFIDENTE

RUA DO OURO, 292-1, (Despacho com o Russo)
TELEF. 369384-5-6

HORUS

RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!

E AINDA muitas outras informações de grande interesse acerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

- RATO -

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras

- PREÇOS DE POLICLINICA -

CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS

ENCERRADO AOS SABADOS E DOMINGOS

Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) - Tel. 68 41 91

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em preços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.

Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A - Tels.: 727201-728793-725196

BATAS ESCOLARES

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS

TINTURARIA GUANABARA

Av. João XXI, 5-D - R. Infancia 16, 55-C - Lisboa

Para o período
de 24 a 30
de Setembro

horoscopo

PELO
ASTROLOGO
HORUS



ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: Aprenda a dominar os seus impulsos. Se quer governar o seu destino, aprenda a dirigir inteligentemente a sua vontade, porque será responsabilizado pelos erros que ela o fará cometer. Paciência e tempo fazem mais do que a força e desespero!

AMOR: Experimentará uma invencível necessidade de se dedicar à pessoa amada. As boas influências astrais concedem-lhe uma disposição simpática e agradável que inclina à benevolência.

DINHEIRO: Resultados financeiros que se aproximam do seu valor pessoal e com tendência a maior expansão da sua actividade. Terá oportunidade de encontrar situações favoráveis, no campo financeiro.

PROFISSÃO: Não levante atritos nem tão pouco dê oportunidade a que procedam com severidade consigo. É necessário que seja extremamente cuidadoso nas situações que tenha de resolver com os seus associados, ou superiores. Enfim, de frente com coragem as inclemências da semana.

SAUDE: Não se observam alterações no domínio físico. Todavia, os que se encontrem doentes devem fazer o possível por reagir em vez de se entregarem ao desânimo.



TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: Espere o êxito das suas empresas, enquanto que saiba afirmar o que é verdade e querer só o que é justo!

AMOR: No plano amoroso as coisas prometem ser muito harmoniosas e felizes. O período é indicado a idílios e ao romantismo, bem como para fazer pedidos e conquistar corações.

DINHEIRO: Todos os empreendimentos de ordem financeira, estão igualmente sob boas influências astrais, pelo que muito pode também realizar neste sector da sua vida. Este bom aspecto mostra-se propício a todos os negócios em geral.

PROFISSÃO: A vida profissional está bastante favorecida. Os negócios relacionados com adornos, terão sucesso e compensam. No domínio da sua actividade em geral, os astros indicam que os seus esforços serão recompensados com a obtenção de resultados que estimularão o seu brio e amor próprio.

SAUDE: Período benéfico para a saúde, porém não cometa excessos de espécie alguma.



GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: Vencendo a sua natureza esmagará as paixões e defeitos e as suas esperanças serão realizadas!

AMOR: As preocupações amorosas, familiares e sociais tendem a desaparecer, pois as influências planetárias são benéficas neste período. Apesar de tudo, o momento não é indicado a idílios e ao romantismo.

DINHEIRO: Está em presença de um período feliz para tratar de aumentar e auferir melhoria na sua vida económica. Vale a pena activar a sua acção neste período e, neste sentido, pois os seus esforços serão devidamente recompensados.

PROFISSÃO: Não hesite em

agir com decisão, ante uma oportunidade, de tirar excelente partido no domínio da sua vida profissional. Os empreendimentos que digam respeito à arte e literatura concedem honras e serão bem comentadas.

SAUDE: As vibrações astrais deste período influem sobre o sistema ósseo.



CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: O seu futuro balanceia entre o bem e o mal. Consulte o espírito da verdade e da justiça eterna e tome cuidado de não provocar a justiça humana. Guarde silêncio sobre os seus pensamentos, a fim de não os entregar às contradições dos homens!

AMOR: As condições sentimentais deste período serão desfavoráveis. A sua preocupação deverá ser em não melindrar o ser amado. Seja amável e tenha muito cuidado no falar e na maneira de tratar os seus assuntos de coração.

DINHEIRO: Evite, por enquanto, aumentar as suas responsabilidades ou fazer dívidas de que depois se arrependerá. Surgirão dificuldades financeiras, aparentemente intransponíveis, mas nem tudo será tão irremediável quanto possa parecer.

PROFISSÃO: A vida profissional, no seu conjunto, não se apresenta favorecida. Para chegar a conclusões ou atingir resultados concretos terá de fazer muito esforço.

SAUDE: Neste campo o conselho da semana é: não proceda aéreamente, pois pequenas enxaquecas vos esperam. Cuidado com os acidentes.



LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: Lembre-se de que a prudência é a armadura do sábio. A circunspeção faz evitar os escolhos e pressentir as traições. Tome-a por seu guia em todos os seus actos. Lembre-se sempre que, se a palavra é de prata, o silêncio é de ouro!

AMOR: Chegou a ocasião de cooperar e ser tolerante, para vencer. Faça amigos, não inimigos, controlando as suas emoções. Não critique demais os outros. As críticas e as manifestações de cólera não têm muita, nenhuma aceitação, mas a lógica e a paciência, agem sempre com muito mais eficácia do que a força.

DINHEIRO: Boas perspectivas financeiras, e com tendência a melhorar os seus negócios e as suas actividades, no futuro.

PROFISSÃO: Não menospreze as vantagens que lhe sejam oferecidas. Entretanto, não descuide os afazeres quotidianos que tenha presentemente.

SAUDE: Neste período, o coração deve merecer-lhe toda a atenção. Descanse o mais possível, abstenha-se de tomar excitantes, e desvie-se das emoções fortes.



VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: Se sabe querer o verdadeiro, o que for justo, se ousa só obter o possível; se perseverar calado em seus esforços achará um dia em suas mãos a chave da fortuna!

AMOR: Os influxos astrais para esta semana deixam antever um ambiente de conflitos sentimentais e aborrecimentos no seio familiar. Tome cuidado com as novas relações, e guarde descrição perante os seus companheiros habituais.

DINHEIRO: Grande actividade

que ao fim e ao cabo, lhe proporcionará maiores despesas do que lucros, embora algo do que despende nesta ocasião, lhe possa vir a ser útil no futuro.

PROFISSÃO: Período movimentado e sob certos aspectos enervante. Obterá resultados apreciáveis na maioria dos seus esforços rotineiros. Quanto a deslocações deve suprimi-las o mais possível, por estas não lhe serem favoráveis nesta ocasião.

SAUDE: Não se exponha demasiado aos perigos, pois está sob influências que indicam nitidamente correr o risco de acidentes imprevisíveis.



LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: Sacrifique-se por outros, mas não espere senão ingratidão da humanidade. Não expire sem perdoar aos seus inimigos. Sacrificando-se e perdendo obterá progresso e paz!

AMOR: Tente amainar a tempestade que lhe vai na alma. Não seja impertinente, não se zangue ou amofine sem uma razão forte. Para que a sua vida sentimental corra nelhor, evite levar tão a sério as palavras que lhe forem dirigidas.

DINHEIRO: Atenção ao emprego e uso de dinheiro nesta ocasião. Os planos de enriquecimento rápido e as aventuras especulativas em geral dão maus resultados. Observe as suas disponibilidades. Cuide dos seus bens móveis e imóveis, enfim, esteja absolutamente atento a todos os seus haveres.

PROFISSÃO: Não é indicado meter-se em novos campos de acção, isto é, em assuntos fora da sua esfera normal de acção. Tome em atenção que no seu emprego pode surgir qualquer percalço que lhe venha a criar situações aborrecidas.

SAUDE: Males repentinos e perigos de toda a ordem espreitam-vos.



SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: A fatalidade cairá sobre aqueles que se deixam dominar pelas ilusões da metéria. Conhea-se a si mesmo. Seja reflectido, calmo e perseverante, que se elevará. Seja firme como a água quando cai gota a gota sobre a pedra, que chegará ao cúmulo dos seus votos!

AMOR: Não se intrometa em coisas que não lhe digam respeito e, abstenha-se de discussões provocadas pelo seu orgulho desproporcionado em certos momentos, com relação aos seus familiares e amigos.

DINHEIRO: Os ganhos não trarão uma satisfação por aí além. Portanto, não se arrisque financeiramente nem faça extravagâncias e jamais consinta que os seus prejuízos o seu bom senso.

PROFISSÃO: Use de cuidado nos negócios e iniciativas que porventura faça, pois pode ter surpresas pouco agradáveis. No emprego terá conhecimento de que determinada pretensão não alcançou o acolhimento que previra.

SAUDE: A saúde reclama o seu interesse e cuidado. Sobre tudo, em meados da semana precavenha-se contra inflamações.



SAGITTARIUS

(22 de Novembro a 21 de Dezembro)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: O imprevisto ameaça obscurecer a sua prudência e a adversidade destruirá os seus sonhos do porvir. Se a sua vontade não puzer um freio às suas paixões!

AMOR: E uma esplêndida oportunidade para cuidar do seu prestígio social. Haverá boa harmonia familiar e satisfação com amores e amizades. O sexo

oposto, mostrar-se-á interessado nas suas manifestações de afecto.

DINHEIRO: Uma pequena actividade pode resultar bastante lucrativa. Não dê demasiada importância aos pormenores e prossiga calmamente com a sua rotina.

PROFISSÃO: Tudo o que diga respeito a esta rubrica é favorável. Faça por melhorar a sua posição profissional, desenvolvendo com maior amplitude o seu trabalho. Se pensar em viajar com o intuito de ampliar os seus interesses, pode fazê-lo, pois as influências astrais são-lhe propícias.

SAUDE: Terá de contar com pequenos incómodos de ordem geral, mas que no fundo não têm importância nenhuma.



CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: Marcha para a sua perda se não subjugar o seu orgulho e as suas imprudências!

AMOR: No domínio sentimental, conjugal e familiar, as suas possibilidades estão de momento desfavoráveis. Nas relações com a pessoa que ama, os astros contrariam, de momento, os seus desígnios. Evite as mudanças bruscas de humor.

DINHEIRO: Não conte com grandes resultados financeiros. Acalme-se e deixe, como se costuma dizer, o barco correr. Assim, deixe para depois as coisas mais importantes.

PROFISSÃO: No tocante aos seus afazeres profissionais a sua actividade sofrerá durante esta semana os efeitos da indecisão. Será ideal que possa acordar as suas ideias, e não se deixe impressionar por detalhes secundários.

SAUDE: A influência semanal provoca-lhe mau humor e indisposição inexplicável.



AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

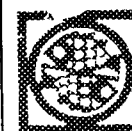
CONSELHOS DA SUA ESTRELA: Serão transformadas as condições em que vive. Lembre-se que as coisas terrenas são transitórias e que as mais altas potências são cortadas como a erva dos campos!

AMOR: Está em condições de realizar os seus desejos respeitantes aos seus interesses românticos. A ocasião é igualmente boa para receber visitas de parentes e amigos. Um aspecto negativo muito importante adverte contra as controvérsias que poderão redundar em malentendidos desagradáveis.

DINHEIRO: O período é de grande importância. Esteja ao corrente dos seus interesses financeiros e não se entusiasme demasiado nos gastos ou no emprego de capitais.

PROFISSÃO: Ponha em prática os seus projectos em que há já algum tempo vem pensando. Seja diligente no trabalho e procure actuar em colaboração com outros o que lhe será bastante útil.

SAUDE: O planeta governante favorece-vos durante a semana. Contudo, nunca e demais recomendar-lhe prudência.



PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

CONSELHOS DA SUA ESTRELA: Será feliz e ninguém poderá roubar-lhe a felicidade se a encerrar no círculo conjugal e no santuário do seu coração!

AMOR: Uma atitude menos compreensiva da sua parte pode comprometer neste período as relações com a pessoa que ama. Evite sobretudo agir intempestivamente. Deixe-se de fantasias ou imaginações e seja realista.

Continua na pag. 30

OS MOINHOS, OS SÁBIOS E O MÍSSIL

Um moinho de vento precisa, claro está, de vento para funcionar. Sem isso, nada feito. Mas se o vento se acusa a colaborar nesse trabalho, até porque não há vento? pode acontecer, não é verdade? Ora isto é, sem dúvida, aborrecido neste tempo veloz em que vivemos.

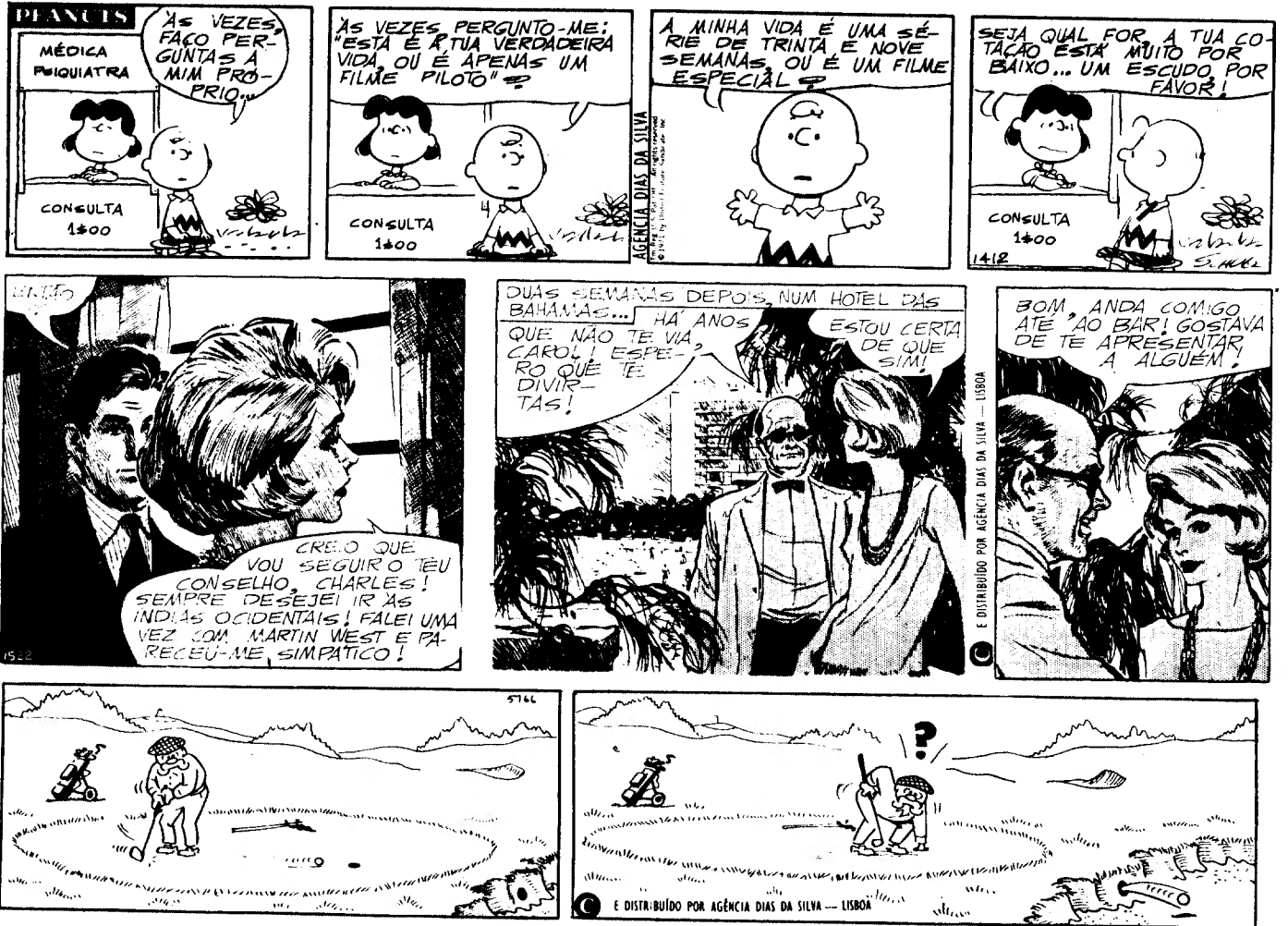
O governo filipino, segundo leio, pensou no caso, e resolveu mandar um grupo de sábios realizar uma máquina moderna e aperfeiçoada, que moesse sem vento mas a combustível, uma máquina, enfim, actual. Os sábios reuniram-se, como todos os sábios de todos os tempos, num local isolado, pensaram, trocaram impressões, deitaram contas à vida do país, atiraram-se ao trabalho com entusiasmo. E a máquina surgiu! Só que eles em dada altura, haviam sido tocados pela asa de inspiração e em vez de fazerem um moinho que iria facilitar a vida de um número razoável de pessoas, fizeram um míssil. Com o que toda a gente ficou, ao que parece, muito contente.

Isto passou-se nas Filipinas mas podia ter acontecido em qualquer outra parte ou até, na imaginação de um contador de fábulas.

E diz-nos entre outras coisas, que os homens pensam na guerra até quando estão a pensar na paz, e fazem engenhos guerreiros quando o que interessava ao José e ao João das Filipinas, era simplesmente, moer farinha.

Supomos — não o dizem os jornais — que o vento continua a ser o combustível dos moinhos.

MARIA JUDITE DE CARVALHO



palavras cruzadas

COM PROVÉRBO
PROBLEMA N.º 10204

HORIZONTAIS:

- Voz imitativa do sino. Instrumento que faz parte do talher.
- Prefixo que designa ar. Utensílios domésticos. Uma das Espórades.
- Despido. Cidade da Albânia. Campeão.
- Boca muito grande ou escancarada.
- Escavara. Que é do ar.
- Oasis. Chiste.
- Pisar no gral com o pilão. De mais a mais.
- Nome de um ex-ministro português.
- Quantum satis (abrev). Combinou. Atmosfera.
- Cidade da Alemanha. Preposição e artigo definido (pl). Caminhar para cá.
- Nada (fig). Serra do estado da Baía. (Bras).

VERTICAIS:

- Tamanho. Magoa.
- Adivinhou (pop). Tomba. Pronome relativo.
- Caminhar. Dança. Preposição.
- Sujara.
- Erra. Amofina.
- Um dos estados do Brasil. Ninhos.
- Nome de mulher. Montanha da Grécia.
- Disse tolices.
- Antes de Cristo. Lavrais. Seis em romano.
- Filtra. Pronome pessoal. Suspiros.
- Esmonca. Bate.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6360

HORIZONTAIS:

- Epíteto dado à deusa Afroditte, adorada em Pafo. Mis-siva.
- Gostas muito de. Ninhos.
- Relativos a oásis.
- Artigo definido. Porcos (Prov). Letra grega.
- Chefe etíope. Chiste. Contentimento.
- Médico inglês autor de diversos estudos sobre as doenças das vértebras lombares. Terra nova e arrotoada de fresco.
- Colocaria. Cortar cerca.
- Interjeição que serve para fazer recuar os bois. Vergôtea, ramo delgado de árvore. (Bras).
- Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. Igual.
- Mil e quatrocentos em romano. Pequena barra de ouro que serve de moeda entre os Japoneses. Azáfama.
- Além. Planta têxtil.

VERTICAIS:

- Casa (T. de Timor). Ilha do grupo das Canárias.
- Amónio (s.q.). Batráquios anuros. Duzentos em romano.
- Freguesia do concelho de Esposende. Provisão.
- Rio da Alemanha. Cerimónia praticada pelos chineses depois da morte dos pais.
- Tempo de descanso, à hora de maior calor. Hora canónica correspondente às quinze horas.
- Peixe de Portugal.
- Unir. Utensílios domésticos.
- Aniversário. Cidade de Itália.
- Escarneceres. Arrancaras.
- Porco. Descascar. Nota musical.
- Igualmente. Enfiada.

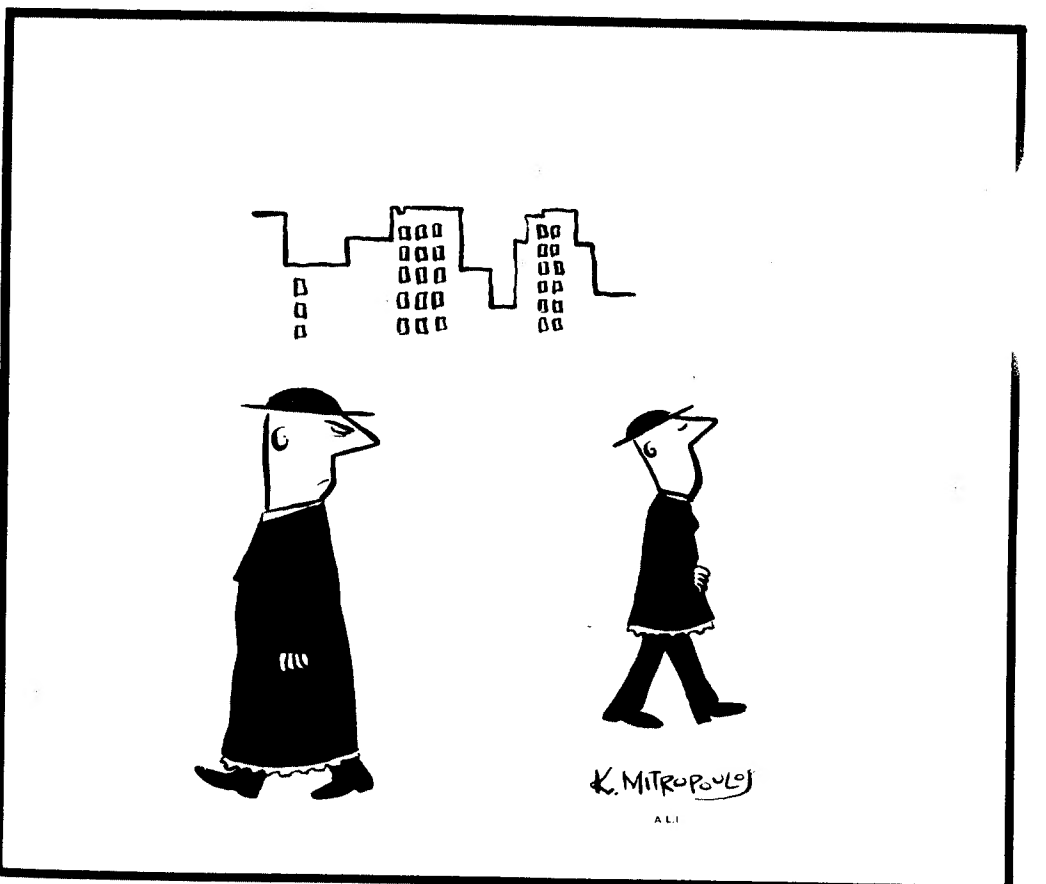
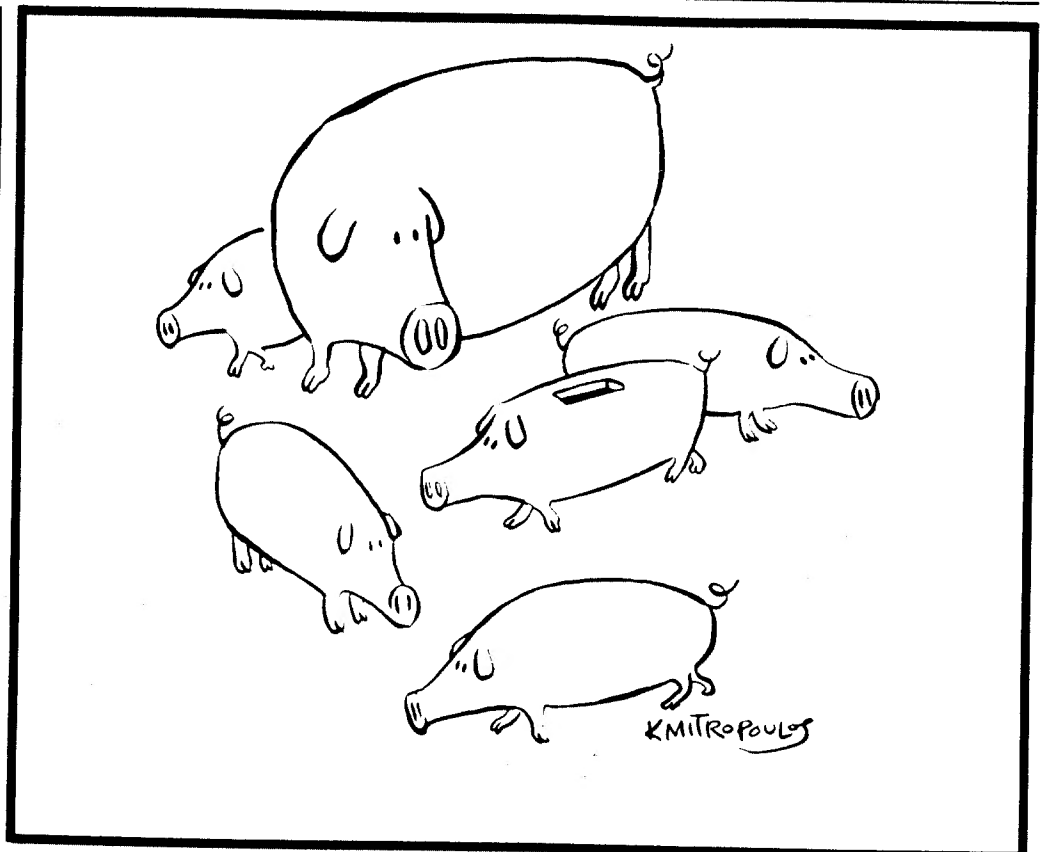
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10203

- HORIZONTAIS:**
- Armes. Marga.
 - Coisa. Atora.
 - Amato. Ralar.
 - Ba. Ma.
 - Ana. CMV. Pau.
 - Ocio. Ecar.
 - Oca. Ror.
 - Im. Arada. NO.
 - Niari. Arais.
 - Havia. Damas.
 - Or. As. Emala.
- VERTICAIS:**
- Acaba. VINHO.
 - Romano. Miar.
 - Mia. Aço. Vá.
 - ESTA. Igaria.
 - São. Coarias.
 - CM. A.
 - Mar. VERDADE.
 - Alai. Coaram.
 - Roi. Par. Ama.
 - Gramar. Nial.
 - Aarai. Vossa.

PROVÉRBO:
No vinho está a verdade.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6359

- HORIZONTAIS:**
- Palmeiral.
 - Ar. Aios. Eno.
 - Lés. Artigo.
 - Asas. Arar.
 - Tomaram. Ró.
 - Cás. Bem.
 - Ar. Colavam.
 - Toro. Afim.
 - Cardar. Ora.
 - Gap. Asas.
 - Alcar. Sim.
- VERTICAIS:**
- Pala. Cai. Ga.
 - Restar. Cal.
 - Sãos. Tape.
 - Aaa. Sm. Cor.
 - Lia. Acordar.
 - Morar. Loas.
 - Estrada. Ras.
 - Iam. Vá. Si.
 - Regi. Bafo.
 - Ano. Remira.
 - Ló. Tom. Mala.



horoscopo

pelo
astrologo
HORUS

nos assuntos profissionais tende a decair. Adapte-se às circunstâncias porque de nada valerá irritar-se contra a adversidade.

SAUDE: E necessário algum cuidado com a saúde pois no presente período o nervosismo e a incerteza podem causar-lhe perturbações físicas.

Continuação da pag. 28

DINHEIRO: Observa-se no capítulo financeiro um pouco de fraqueza. Não é auspicioso

fazer grandes empreendimentos ou investir capital. Pondere bem antes de despendar qualquer soma.
PROFISSÃO: A normalidade

DIRECTOR DE FABRICAÇÃO (CARGO DE STAFF)

PARA IMPORTANTE EMPRESA DE FUNDAÇÃO E METALOMECANICA SITUADA A 140 KM. DE LISBOA

EXIGE-SE:

- Licenciatura em Engenharia
- Larga experiência em Direcção de Serviços de Linha ou no Staff da Produção

OFERECE-SE - CARGO DE DIRECÇÃO DE SERVIÇOS DE:

- Planeamento
- Métodos
- Conservação
- Vencimento de acordo com a experiência possuída
- Um mês de férias anualmente e outras regalias sociais

Resposta a GASEL-Ref. 101/50. Apartado 2512 — Lisboa.



Laringe electrónica

SURDOS

CASA SONOTONE

NOVA REMESSA DE LARINGES ELECTRONICAS para aqueles que não podem falar.

ADAPTADORES PARA TELEFONES. Também recebemos uma NOVIDADE, para poderem ouvir óptimamente os seus televisores SEM INCOMODAREM ALGUÉM, ao preço acessível de 1.500\$00. Facilitamos o pagamento. Trocamos qualquer aparelho de quaisquer marcas ou casas. Exames gratuitos. Assistência técnica garantida. Para cada um aparelho, e para todos a CASA SONOTONE.

Em Lisboa: Poço do Borratém, 33, s/l. Telefone 868352.
No Porto: Praça da Batalha, 92-1.º. Telefone 02-35802.
Em Luanda: Rua António Enes, 42. Apartamento 26.



Manuel Luís Vasques Fernandes (LUÍS FERNANDES)

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Maria Alexandra Sarsfield Fernandes e filhos, Manuel Fernandes e Fernandes e sua mulher Amélia Mariana Vasques Fernandes, Maria Clara Lipari Garcia, seu marido e filho, Dolores Salazar Leite, seu marido e filhas, Adolfo João Vasques Fernandes, sua mulher e filhos, e mais família, participam que amanhã, dia 25, às 18.30 horas, na Igreja de S. João de Brito, será celebrada missa pelo eterno descanso do seu muito querido marido, pai, filho, irmão, cunhado, tio e parente, agradecendo desde já a todos os que tiverem a bondade de assistir a este piedoso acto. Igualmente agradecem por este meio a todos aqueles que manifestaram o seu pesar, aos quais, por desconhecimento de moradas, o não podem fazer directamente.

P. N. A. M.

televisão

HOJE

1.º Programa (22.00)

«Longstreet»

Série dramática interpretada pelos artistas Marilyn Mason, James Franciscus e James Broderick.

2.º Programa (22.00)

Festival O. R. T. F.

«Uma Quinta na Provença»



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.30 Abertura
12.31 Missa de Domingo
13.10 Dia do Senhor
13.35 Nos bastidores da aventura
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Robin dos Bosques
14.25 Hoje pode ver
14.40 Expedição
15.05 Tarde de cinema «A Vida é Assim» com Jane Withers, John McGuire, Sally Blane, Sidney Toler, Glória Roy e Gordon Westcott.
16.10 TV infantil
17.00 TV rural
17.30 Concurso Hípico da Penina
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Portugal além da Europa
20.15 Os Companheiros «Um Diamante na Fruta». Episódio filmado com Dom Adams e Rupert Crosse. Realização de Cary Nelson
20.40 TV 7
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Longstreet
23.00 Fados
23.15 Domingo Desportivo
23.45 Telejornal
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.31 Dó, Lá Si
21.00 O regresso da Lucy
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Festival O. R. T. F. «Uma Quinta na Provença»
23.30 Fecho

AMANHÃ

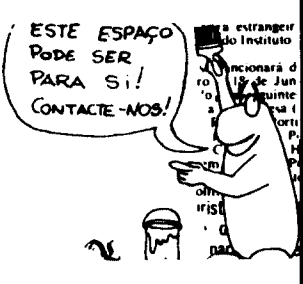
1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura
12.46 Desenhos animados
13.00 Feminino singular Magazine Feminino
13.15 Filme de série «Uma Rapariga Endiabrada», com Sandy Duncan, na protagonista
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Um dia com...
14.25 Logo à noite
14.30 Fecho
2.º período
19.30 Abertura e telejornal — 2.ª EDIÇÃO
19.45 Cartaz TV Jorge Alves apresenta os programas da semana.
20.00 Skylab Documentário sobre o laboratório Espacial
20.30 Ao Serviço da Nação um programa das Forças Armadas
21.00 Filme de série «Na Terra do Arco Iris»
21.30 Telejornal — 3.ª edição inclui noticiário do País e do Estrangeiro e o boletim Meteorológico.
22.00 Randall e Hoppek Série policial com os seguintes intérpretes principais: Mike Pratt, Kenneth Cope e Annette Andre.
22.55 Teatro 10 um programa de variedades, com conhecidos artistas internacionais
23.45 Telejornal últimas notícias
23.50 Meditação e Fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e Filme de série «Uma Rapariga Endiabrada», com Sandy Duncan, na protagonista um dia com...
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Noite de cinema «As Neves do Kilimanjaro» com Gregory Peck, Ava Gardner, Suzan Hayward. Realização de Henry King.
23.30 Fecho



tempo

HOJE SITUACÃO DO TEMPO

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava em geral muito nublado e o vento era fraco ou moderado do quadrante Sul. Caiam aguaceiros em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO 14.º
P. DOURADAS 6.º
COIMBRA 15.º
PORTALEGRE 12.º
LISBOA 18.º
FARO 20.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ALVALADE
Máxima 28,5.º

PENHAS DA SAÚDE
Mínima 1,5.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 18,6.º
Atmosfera 18,5.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR
4.31 4,1 m 10.11 0,5 m
16.48 4,3 m 22.32 0,5 m

Dia 25

5.07 4,2 m 10.49 0,5 m
17.27 4,2 m 23.10 0,6 m

Dia 26

5.46 4,1 m 11.30 0,6 m
18.09 4,0 m 23.50 0,8 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco ou moderado de Sudoeste. Possibilidades de de trovoadas em especial nas regiões de Norte e Centro. Aguaceiros.

AMANHÃ

NAScer AS 7.27
OCASO AS 19.30

DIA 29 DIA 7 DIA 15 DIA 22

15.30

Tarde desportiva — futebol — Relato e informações dos jogos da 1.ª jornada do campeonato nacional da 1.ª divisão

16.30

Música sem palavras

19.10

Música da Europa

20.20

Éxitos em parada

21.00

Rádio desporto

21.30

Espectáculo de variedades transmitido do Hotel de Oltir

22.00

Teatro das comédias — «O Rei David e o Rei Salomão» de Judith Navarro

22.35

Música portuguesa

23.05

Sol e torres

23.30

De um dia para o outro por Fernando Garcia

2.º Programa

15.30

Onda musical

18.00

Concerto de domingo — intercâmbio musical — festival internacional de Bergen de 1972 (gravações cedidas pela rádio-difusão norueguesa)

19.50

Quarteto em sol maior (Tele-mann)

20.20

A orquestra de câmara de Essen

20.30

As grandes figuras do mundo português por Caldeira Pais

21.00

Recital de canto e piano pelo soprano Elvira de Brito e Cunha

21.20

Trio em si bemol maior op. 1 n.º 4 Mysliweczek

21.30

Que que r ouvir? Programa elaborado por Margarida Brandão

23.00

Emissão em línguas estrangeiras

MF 2

15.30

Concerto n.º 3 em si menor (Saint-Saëns)

16.00

2.º acto da ópera Maseppa (Tchaikowsky)

17.06

Concerto em si bemol maior para violoncelo e orquestra (Boccherini)

17.30

Música de piano — obras de Schubert e Ravel

Estereofónico

21.00

Música ligeira variada

22.00

Cantata BWV 205 Eolo Apasiguado (Bach)

22.45

Bagatelas op. 6 de Bartok

23.10

Obra de Brahms e Mozart

24.00

Concerto em lá maior op. 129 (Schumann)

00.30

Sonata op. 40 para violoncelo e piano de Shostakovitch

RÁDIO CLUBE

Onda média

16.04

Tarde desportiva

17.00

Noticiário

18.02

Projeção

18.30

Meia hora depois

19.03

Fórmula 1

19.30

Vegetas e canções

20.00/21.00

«Rádio 72»

20.15

Comentador desportivo

20.30

De sete em sete dias.

20.45

A estrela da noite.

21.00/24.00

«Quadrante 2-9-0»

21.03

Leitura

21.32

Impacto

22.30

Quando o telefone toca

23.08

Mensagens bíblicas

23.22

Canções ao acaso

23.30

PBX

02.00

A noite é nossa

06.02

Diário rural

07.03

Talismã

Modulação de Frequência

16.04

Pêndulo

17.57

O nosso programa

19.00

Noticiário

19.04

Vértice

21.02

Boa Noite em FM

22.02

Programa à Gô-Gô

00.02

Em Órbita-dois

01.02

Banda Sonora Sonipol

02.02

Perspectiva

03.02

Fecho

Emissor de Miramar

15.55

Tarde desportiva

16.00/20.00

«Sintonia 18»

18.01

Música e desporto

18.30

Presença Coimbra

19.03

Conjunto

19.15

Campeão português

19.30

Boletim desportivo

20.07/21.00

«Norte dia a dia»

21.04

Viagens na nossa terra

21.30

A voz da esperança

22.03

Seleção de ritmos

22.15

A hora do templo

22.30

Variedades

23.04

Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

15.30

Onda desportiva

16.00

Automobilismo

18.21

Boletim litúrgico

18.30

Terço e missa vespertina da Basílica dos Mártires

19.50

Leitura do programa e boletim do S.C.R.

20.00

Zona verde-espaco ocupado pela família

20.30

Noticiário

20.35

Variedades

21.00

Meditando

21.03

Suplemento especial

22.00

Quando o telefone toca

22.30

Na hora do regresso

23.00

A 23.ª Hora.

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Teles, R. João de Barros, n.º 2 (Tel. 638249)

ALCANTARA
Leal, R. do Olival, 226 (Tel. 663441); Nogueira, Rua da Creche, 2 (Tel. 631635)

ALFAMA
Nacional, R. S. João da Praça, 26 (Tel. 863632)

ALTO DE S. JOÃO
Oriente, R. Lopes, 120 (Tel. 843381)

ALVALADE
Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C (Tel. 776358); Brasília, Avenida Rio de Janeiro, 66-A (Tel. 722368); Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (Tel. 727721); Aviz, Avenida de Roma, 56-B, (Tel. 715370)

AMOREIRAS
D. João V, R. D. João V, 16-C (Tel. 682772)

ARCO DO CEGO
Palma, Avenida Duque de Avila, 25-31 (Tel. 47088)

AREIRO
João XXI, Av. João XXI, 16-A (Tel. 726462)

ARROIOS
Matos, R. Alvaro Coutinho n.º 10 (Tel. 821671)

AVENIDA DA LIBERDADE
Nacional, Rua do Salitre, 7 (Tel. 468508)

AVENIDAS NOVAS
Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (Tel. 774920); Avenidas, Avenida da República, 27-A (Tel. 533688); Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A (ao cruzamento da Av. Barbosa do Bocage) (Tel. 763107)

BAIRRO ACTORES
Esperança, R. Carlos Mar-del, 101-B (Tel. 722868)

BAIRRO ALTO
Azevedo, R. da Misericórdia, 24 (Tel. 323540)

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascenso, Praça do Norte 11 (Tel. 311216)

BAIXA
Nacional, R. do Salitre, 7 (Tel. 468508); Americana, Calçada de Santana, 3 (Tel. 863984)

BELEM
Remião, Rua dos Jerónimos 14-C (Tel. 631699)

BENFICA
Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A (Tel. 703393); Sousa, Estrada de Benfca, 429 (Tel. 780027)

BOA HORA
Sepol, Calçada da Boa Hora, 94-A (Tel. 631958)

CAMPOLIDE
Gomes, Rua Rodrigo da Fonseca, 101-A (Tel. 682333); Pátia, Calçada dos Mestres 30-A (à R. das Amoreiras) Tel. 680627)

CAMPO DE OURIQUE
Ourique, Rua Freitas Gazul 32-B (Tel. 671667); Castro, Rua Quatro de Infantaria, 28-A (Tel. 688857)

CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Tel. 780181)

CONDE REDONDO
Capuchos, Rua Luciano Cor-deiro, 2-A (Tel. 52076)

ESTEFÂNIA
Estefânia, R. zpascoal de Melo, 90 (Tel. 44438)

GRAÇA
Santo António, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (Telef. 862333)

LAPA
Central, R. dos Navegantes, 10 (Tel. 661734)

LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio, lote 12-C (Tel. 790704); Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Tel. 790942)

MOURARIA
Bastos, Calçada de Santo André, 107 (Tel. 860450)

OLIVAIS
Nova, Rua E 1. Lote 469 (Olivaís Sul) (Tel. 316402)

PENA
Americana, Calçada de Santana, 3 (Tel. 863984)

PENHA DE FRANÇA
Carrondo, R. Padre Sena de Freitas, 10-A (Tel. 842518)

PICHELEIRA
Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (Tel. 728395-720703)

SANTA CATARINA
Combro, Calçada do Combro, 78 (Tel. 326059)

S. MAMEDE
Marçal, Rua de S. Marçal, 100 (Tel. 325318)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Aguilar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (Telfs. 768343-764629); Bairro Azul, Avenida Ressano Garcia, 7-A (Tel. 51451)

S. VICENTE
Rosa e Viegas, R. de S. Vicente, 31 (Tel. 864351)

XABREGAS
Salter, R. de Xabregas, 63 (Tel. 381185)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Flama, R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confinça, Av.ª D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938424)

DAMAI
Damaia, P. Alex. Gusmão, 9-A (Tel. 970523)

QUELUZ
André, Av.ª Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); Queluz, Av.ª Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)

CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)

MEM MARTINS
Quimica, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)

SINTRA
Misericórdia, Lg.º Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, Lg.º Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)

ALHOS VEDROS
Central, R. de Olivença, 11 (Tel. 270504)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141)

BARREIRO
Pimenta, R. Cons. Joaquim A. Aguiar, 259 (Tel. 2273012)

COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est. das Barcoas, 50-A-B (tel. 2760182)

MOITA
União Moitense, Av.ª Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)

MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)

SETUBAL
Normaldo Sul, P. do Bocage (Tel. 22216)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

SUB-TURNO A
Boavista (da), Rua da Boavista, 601; Cosme, Rua Costa Cabral, 584; Guarani, Rua Pedro Hispano, 367; S. Diniz, Rua S. Diniz, 428; Soeiro, Rua Santos Pousada, 71; Vitória, Praça da Liberdade, 34-37.

SUB-TURNO B
Alberto Ferreira, Rua da Estação, 100; Antero de Quental, 520; Antunes, Rua do Bonjardim, 485; Cardona dos Santos, Rua D. Manuel II, 90; Merculiano, Rua Alex. Herculano, 384.

COIMBRA

TURNIO A
Naves Morgado, Rua da Moeda, 106-108 (tel. 23738); Rodrigues da Silva, R. Ferreira Borges, 32 (tel. 24348); S. José, Arcos do Jardim, 41 (tel. 24697)

COMBOIO HISTÓRICO excursão



BARS BOITES RESTAURANTES DANCINGS

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Mauricio Fados de Coimbra por Loubet Bravo, Armando Hilário, Tocam Liberté Conde, Rafael Marques e José Vilela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Nova Franca de Xira.

LUSO — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Ermida e José Luis Tomar; fado de Coimbra por Américo Silva. Os ARAUTOS em canções portuguesas e internacionais. Travessa da Queimada, 10. Tel. 362889. Aberto todos os dias.

ADEGA MESQUITA Cantam Fernanda Pinto, Natália Bizarro, Ana Hortense e Afonso de Carvalho Tocam António Luis Gomes e António Proença Danças Regionais por conjunto privativo Consumo mínimo 60\$00 Encerra ao domingo Rua Diário de Notícias, 107. Telef. 328307.

FRAGATA REAL — Elenco: Beatriz da Conceição e Maria João, Joaquim Campos em fado Lisboa, João Queiroz em fado Coimbra, o acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Folclore os 5 de Vila Franca. Artistas convidados Ana Rosmaninho e Natália dos Anjos. Travessa de S. Miguel, 22, Alfama - Tel. 868552

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana. Tocam Carvalhinho e Julio Gomes Os ARAUTOS Folclore pelos Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra às 2.ªs feiras. Rua da Barroca, 133. Tel. 369760

VIELA Rua das Taipas, 14. Tel. 327256 O Restaurante realmente típico onde Sérgio apresenta todas as noites o seu elenco privativo Encerrado ao domingo

FORCADO Elenco Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. Ar condicionado. Rua da Rosa, 221 - Telefone 368579.

SANZALA Dancing. C/M Tho Bandeira. Jantares e ceias até às 5 da manhã. Av. Marechal Carmona, 2 (C. Grande) Telef. 790177.

NINA — Dancing com atrações Rua Paiva de Andrade, 7 - 13 Tel. 34859/368197

BICO DOURADO Boite de nuit, atrações internacionais, das 01 H. e 30 às 03 H. e 30, R. da Misericórdia, 12 Tel. 368649

SOLAR DA HERMÍNIA Hermínia Silva, hoje e sempre Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11 Encerra aos domingos Tel. 320184

FANTASMA Dancing-Caveau com variedades — Ballet Leny Dancer's Show todas as noites uma atracção surpresa. Rua Gomes Freire, 145-B. Aberto todos os dias até às 05.00 h.

TOSCO — Dancing com Variedades. Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 531562)

TAMILA Marão e s/conjunto. Matinees, todos os dias Encerra aos domingos Avenida Duque de Loulé, 69 Telef. 534117.

D. QUIXOTE — Com Carlos Villaret, Virgílio Neves. Aberto até às 5 H. da madrugada. Rua da Trindade, 9 Tel. 327109 Encerra aos domingos.

HIPOPOTAMO Com Helder Reis Encerra aos domingos Av. António Augusto de Aguiar, 5-A Tel. 48384

TERRAÇÔ DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliveri Av. Duque de Loulé, 73 Tel. 530171

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais Telefones 26451, 26452, 26456, 264621 e 264946.

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A

PRINCEPE NEGRO — Dancing com variedades Calçada da Glória, 2 Tel. 368987

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 21.30
Grupo D (18 anos) 3.ª semana
Gratuita realização de David Lean «DOUTOR JIVAGO»

AVIZ (Tel. 471863)
15.30-18.30-21.45
Grupo B (10 anos)
Colorscope - 35.ª semana
Há mais de meio ano em exibição
«TRINITY» (COW BOY INSOLENT), com Buel Spencer e Terence Hill

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 - 21.30
Grupo D-18 anos
«PONTO CRÍTICO» com Sidney Poitier

ROYAL (Tel. 855037)
15.00 e 21.00
(Grupo D-18 anos)
«OS IMPOSTORES»
Hoje, 0.30 h. terror, «PESADELO DE CERA»

APOLLO-70 (Tel. 763319)
15.00 - 18.15 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Technicolor - Prémio Kalimer
O melhor filme estrangeiro de 1970 - 6.ª semana «DJA-MILIA» com Natalia Arm-bassarova
(ar condicionado)

TIVOLI (Tel. 50595)
14.30 - 18.00 - 21.30
(Grupo A (6 anos) 7.ª Semana
O maior êxito de sempre «MUSICA NO CORAÇÃO» com Julie Andrews e Christopher Plummer, 70 m/m Technicolor
(Ar condicionado)

SATÉLITE (Tel. 562632)
15 - 17 - 19 - 21.45
(Grupo D-18 anos) 2.ª Semana
Sonia Petrova e Lilian Arden
«FOGOSAGRADO» (Feu Sacré)
O filme seleccionado para abrir o Festival de Cannes

ROMA (Tel. 727778)
15.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
«O GATO DAS SETE VIDAS»
Com James Franciscus e Karl Malden

MUNDIAL (Tel. 538743)
Encerrado por alguns dias para limpeza

S. JORGE (Tel. 54152/4)
15.00 e 21.30
(Grupo B - 10 anos) 3.ª semana
Steve McQueen e Charles Bronson em «A GRANDE EVASÃO»
Só às 18.30 - Grupo A - 6 anos A obra-prima 2.ª Semana
«CHARLOT NO CIRCO»

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D-18 anos)
Um filme realista «VERÃO 42»
Com Jennifer O'Neill e Gary Grimes

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo A-6 anos)
«OS ARISTOGATOS»

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
(Grupo D-18 anos)
Bronson/Delon
«ADEUS AMIGO»

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 - 21.45
Grupo D (18 anos)
«A CAVE»

LONDRES (Tel. 731313)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana
A obra-prima de Milos Forman «O BAILE DOS BOMBEIROS»

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 - 21.45
Grupo D - 18 anos
«QUATRO MOSCAS DE VELUDO»
Com Michael Brandon - Dinisly Farmer

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45
4.ª semana
Um belo conto de amor e morte. «AMARGA EXPERIÊNCIA» com Catherine Jourdan e Mathieu Carrière.

CASINO ESTORIL
15.30-18.30-21.30
Grupo C M/ 14 anos
«O MAGNÍFICO REBELDE»
c/ Michael Caine

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 - 18.15 - 21.45
Grupo A (6 anos)
«O ELEFANTE MORRE AO ANOITECER»

LYS (Tel. 48560)
15 - 21.00
Maiores de 21 anos
«HELGA» - O SEGREDO DA MATERNIDADE e «A CONDESSA DE HONG-KONG»

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
Grupo C (14 anos)
«NOITE DAS BADALADAS»
«OS MILIONÁRIOS»

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo C - 14 anos)
32.ª Semana de êxito
«NÃO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5.º»
Com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Furstemberg e Isabel Garc-es.

IMPERIO (Tel. 55134/5)
15.15 - 18.30 - 21.30
(Grupo D - 18 anos) 2.ª semana
Um filme de Richard Brooks
«O ASSALTO»
Com Warren Beatty e Goldie Hawn

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D (18 anos)
«ENCONTRO COM UMA MULHER SÓ» com Candice Bergen e James Caan

VIAJE DE COMBOIO

...e leve o carro consigo

auto EXPRESSO

LISBOA - PARIS
de 28 de Maio a 30 de Setembro

PARIS - LISBOA
de 29 de Maio a 1 de Outubro



Caminhos de Ferro Portugueses

outros espectáculos

LISBOA Teatros

GIL VICENTE
22.00 (14 anos)
«Camões-72»

VARIEDADES
21.00 (14 anos)
«A Cama dos Comuns»

VILLARET
21 e 23 (14 anos)
«Sua Excelência o Pendura»

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«Testemunho inadmissível»

MONUMENTAL
20.45 e 32 (18 anos)
«Prá Frente Lisboa»

A B C
20.45 e 23.00
«Dura Lex, Sed Lex»

CAPITÓLIO
16.00 (6 anos)
«Nelson Ned»

LISBOA/Cinemas

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«Klute e a Ilha do Amor»

PARIS
21.00 (21 anos)
«Helga — o segredo da maternidade»

JARDIM CINEMA
21.00 (18 anos)
«Tempo de Viver»

MAYER
21.00 (10 anos)
«O homem que matou Livity Valance»

PROMOTORA
21.00 (14 anos)
«Bolivar o libertador»

OLIMPIA
22.00 (10 anos)
«Os cavaleiros mascarados» e «Ringo, Herói do Texas»

MOSCAVIDE
21.00 (10 anos)
«O vício das Beatas»

ARCO IRIS
21.00 (10 anos)
«A Revolta dos cossacos» e «Tarzan e o Grande Rio»

CASTANHEIRA ESPLANADA
21.30 (10 anos)
«Quimera»

LINEA DE SINTRA

VENDA NOVA
Cine Portugal
21.15 (10 anos)
«O California»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«O estranho caso do Inspetor Max»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«Num novo Mundo» e «guerreiros do Shará»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (10 anos)
«Alamo»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (14 anos)
«Camelot»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Tristana, Amor Perverso»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (10 anos)
«O Rio Lobo»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«O Catedrático»

Cine-Bareirense
21.00 (18 anos)
«Love Story»

PORTO Teatros

SA DA BANDEIRA
20.45 - 23.00
«Empresta-me o teu apartamento»

COIMBRA

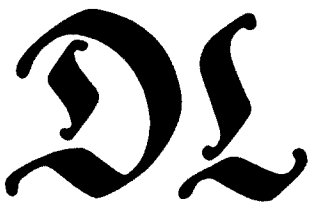
TIVOLI
21.30 (14 anos)
«Não desejaras o Delicadinho do 5.º»

AVENIDA
21.30 - adultos
«A MULHER MAIS BELA»

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS
21.45 (18 anos)
«Topázio»

LEIRIA/Cinemas

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA
21.30 (18 anos)
«O doce corpo do delito»



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º, 2.º, 4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA, TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

DL/DOMINICAL

EXCLUSIVO

AMEI KISSINGER

OS AMORES DO SUPERCONSELHEIRO DE NIXON

A jornalista francesa Danielle Hunebelle conta em «Querido Henry» a história do seu amor com o conselheiro de Nixon que durou dois anos e foi, depois, sacrificado às exigências da política internacional.

NOVA IORQUE — «Encontrava-me naquela noite em sua casa enquanto ele estava na banheira, antes do jantar de gala na embaixada francesa. Mas já não recordo o motivo por que me encontrava ali. A nossa intimidade, por outro lado, era tão bizarra que nem sequer valia a pena fazer semelhantes perguntas».

O homem na banheira é Henry Kissinger, o potentíssimo conselheiro de Nixon, o homem da abertura à China,

o doutor Stranamore dos Anos Setenta. Quem escreve é Danielle Hunebelle uma jornalista francesa de 40 anos, alta, magra, no seu dizer «não desagradável», não casada, mas, no entanto, mãe de dois filhos que, precisa, teve de pais diferentes, «mas ambos americanos».

Danielle havia ali chegado como jornalista, por motivos de trabalho? Não, por favor. Nenhum de nós embora devorado por uma louca ambição profissional, arriscou alguma

vez tanto por uma entrevista, a ponto de chegar até à borda da banheira de Henry Kissinger. Nunca, nem sequer no Verão, quando os directores pedem aos jornalistas coisas impossíveis. Não, não. O que impeliu a jornalista Danielle Hunebelle até às banheiras

é bem diferente. E o Amor, aquele com «A» maiúsculo, como Amsterdão. Ai! Ai! Neste ponto, para não nos dizer o que aconteceu naquela noite, a colega Hunebelle sentiu-se devorada para com a História de um livro de 224 páginas, com o título «Querido Henry». Que é isto? É o relato de um par de entrevistas com êxito, e de um amor malogrado entre a jornalista e o doutor Stranamore. As entrevistas já estão esquecidas, mas o amor traído reclamava uma vingança: que consistia exactamente numa espécie de retrato íntimo de Kissinger.

Kissinger em pijama, de manhã visto, porém, com a teleobjectiva de uma troupe

televisiva, e não, ai de mim!, do interior da casa. Kissinger que tenta abrir em vão a sua escrivaninha onde antes de adormecer, repõe os documentos **top-secret**. A combinação da caixa forte não funciona. E se neste momento os russos e os chineses ataca-

rem — pergunta o leitor — veremos Nixon berrar: «Depressa, Henry, com essa maldita caixa-forte, senão como fazemos com a represália atômica?». Kissinger que, no restaurante **Sans Souci**, durante um jantar à luz de velas, ensopa vigorosamente o pão no molho. Kissinger que, dirigindo-se de manhã cedo para a Casa Branca, leva numa das mãos uma pasta dentro da qual vão os destinos do mundo e, na outra, o saco da roupa desportiva («Ah, que belo símbolo», guincha dentro de si Danielle), etc.

Pobre Henry. Ele sempre o disse. As actrizes com quem gosta frequentemente de se deixar fotografar são indubitavelmente mais repousantes. Mesmo que esta fosse a sua única vantagem (além da de não se enamorem e de não escreverem artigos e livros), Kissinger teria, mais uma vez, visto bem. Como quer que seja, o diário vingança de Danielle Hunebelle teve um bom êxito em França, onde foi publicado pela editor Gallimard em tiragens fora do vulgar. Suspeito que um resíduo de tédio arrependimento não seja de todo estranho aos êxitos da obra. Em algumas das suas cartas, Danielle, de facto, chama a Henry «caríssimo bárbaro». Ah, la France! Porém, na América, onde o livro foi traduzido há pouco tempo, o êxito é tal que o livro se vende nas caixas dos grandes armazéns: último aceno à dona de casa para que, feita a despesa, se leve para casa ainda qualquer coisa de supérfluo e de inútil. Que sei eu, caracóis à borghesa enlatados e amores de Kissinger formato de bolso.

Supérfluo, ou, para melhor dizer, deleitoso, o libelo não é. As donas de casa em breve o descobrirão. A cena da banheira é como a zona desmilitarizada. Incuráveis para além daquele limite, a colega Hunebelle ou não as fez ou, se as fez, não as conta. Pelo menos neste livro. Pode também acontecer que, em seguida, tenhamos uma espécie de **Vinte Anos Depois**. Ou, as novas aventuras de Danielle iludida pelo falso e teutónico doutor Stranamore: que não responde imediatamente às cartas apaixonadas de Danielle porque momentaneamente ocupado a invadir o Camboja, ou porque o telefone da Casa Branca está sempre ocupado por aquele cavaqueador do Chu En-Lai.

Mas as donas de casa, quando se chega ao «portanto», têm a mesma curiosidade dos intelectuais. Viu-se perfeitamente em Nova Iorque, na conferência de imprensa em que foi apresentado o livro. Durante uma hora, o público escutou pacientemente os dados do previsto êxito, as tiragens, os vários e definitivos méritos profis-



Henry Kissinger: além de embaixador itinerante ele é, segundo alguns o cérebro de Nixon.

sionais de Hunebelle. Depois, uma cronista americana, nutrida de são pragmatismo fez finalmente a pergunta: «Mas, em resumo, Danielle, o que houve exactamente com o professor Kissinger?». «Oh, la-la», respondeu Danielle, «e tu quem és? Uma assistente do doutor Kinsey, talvez? Em França nunca me fizeram tal pergunta...»

Deleitoso, como produto de consumo, não é tão pouco Kissinger. Com a crueldade da mulher repelida e a nevrose do pormenor, típica dos jornalistas quando querem tornar plausível uma história enfatuada, a colega Hunebelle di-lo claramente.

Começemos pela sua casa, melhor, pela alcova. «... Tenho visitado acampamentos militares», escreve a intrépida repórter, «e tenho entrado frequentemente nas barracas sem ser anunciada. Estou também habituada à desordem das crianças. Porém, aquele quarto nu de Kissinger, onde duas estreias cammas jaziam encostadas uma à outra, com uma cobertura azul sobre a qual estavam acumuladas aos montes, calças, roupa branca, gravatas e, em suma, mais ou menos uma remessa de um ano de lavagem, tinha um aspecto tão repulsivo que era difícil imaginar que alguém ousasse viver naquele quarto...»

O homem. «... Com aquela testa inclinada, aquele nariz aquilino e aquele queixo grave e céptico, parecia um animal licenciado...» «... Repentinamente, dei-me conta de que a cor da sua pele era amarelo-cinza...» «... Durante os poucos segundos que consegui ter a sua mão nas minhas, a gordura dos seus dedos em forma de salsicha e a deformação do seu rosto surpreenderam-me. Este homem deve ter uma forma de albuminúria, pensei.»

A cena-mãe. Kissinger é definido como misógino, céptico, receoso de Danielle como de um adversário potencial, desejoso de encontrar um pretexto, enfraquecido pela insólita e «pela demasiada leitura».

E a que recorre? À velha, clássica frase: «Tu compre-

des-me, um homem nas minhas condições não pode ter uma relação que o arraste emocionalmente, pelo menos enquanto estiver no poder». E, depois, com um toque de génio: «Mas, Danielle, sou suficientemente romântico para conseguir esperar três anos...». E Danielle quem escreve no seu livro de apontamentos: «Certamente que o era. Já podia antecipar a visão de nós dois como uma espécie de Tristão e Isolda. Olhei-o ternamente. Que tanto amante devia ser. Atado de pés e mãos por complexos, esmagado pela mania da perseguição».

VINGANÇA DE AMOR

Danielle ainda sofre? Aparentemente, o êxito do livro ajuda-a a esquecer melhor. Mas desmente que, ao escrevê-lo, tenha representado uma vingança de um amor não correspondido. «Não quis desfechar golpes baixos em Henry», disse à revista **Life**, «estou certa de que ele me ama muito. Este livro não é uma vingança. É idiota afirmá-lo. E... é apenas um choro...» A um outro entrevistador americano, pelo contrário, telefonou do seu apartamento de sete divisões em Neully: «... Henry tem medo de uma mulher que aprende a conhecê-lo... no entanto, estou orgulhosa por ter escrito o livro. Durante dois anos tive um saco de coisas a perdoar a Henry. Pelo menos, agora, ele tem qualquer coisa que me perdoar...»

Que pensa Casanova-Kissinger de Danielle e do seu livro? Se tinha verdadeiramente qualquer coisa para esquecer, aparentemente Kissinger tem apenas intensificado o habitual e velho tratamento: actrizes (jovens e repousantes, por favor), China, Vietname. Parece que faz muitíssimo bem a um professor alemão na sua posição. Após uma série de **no comment**, disse finalmente a um jornalista de **Parade**: «Espero que, com este livro, **Made-moiselle** Hunebelle vença o prémio Pulitzer». E, depois, com o seu predilecto sorriso malicioso de raposa velha, acrescentou: «O da ficção, naturalmente».



Kissinger fotografado na companhia da actriz Mario Thomas.

Grupo A - maiores 6 anos



CAMPO PEQUENO

HOJE às 21.30 horas

CORRIDA DE LUXO DE GALA À ANTIGA PORTUGUESA

a favor da Liga dos Combatentes a que assiste o Sr. Presidente da República

CAVALEIROS

MESTRE BAPTISTA MALDONADO CORTES FERNANDO SALGUEIRO

GUSTAVO ZENKL SOMMER DE ANDRADE amador EMÍDIO PINTO

FORCADOS AMADORES DE MONTE MOR E RIBATEJO



6 TOIROS DE ANTÓNIO JOSÉ TEIXEIRA 6